

BRITO CAMACHO

---

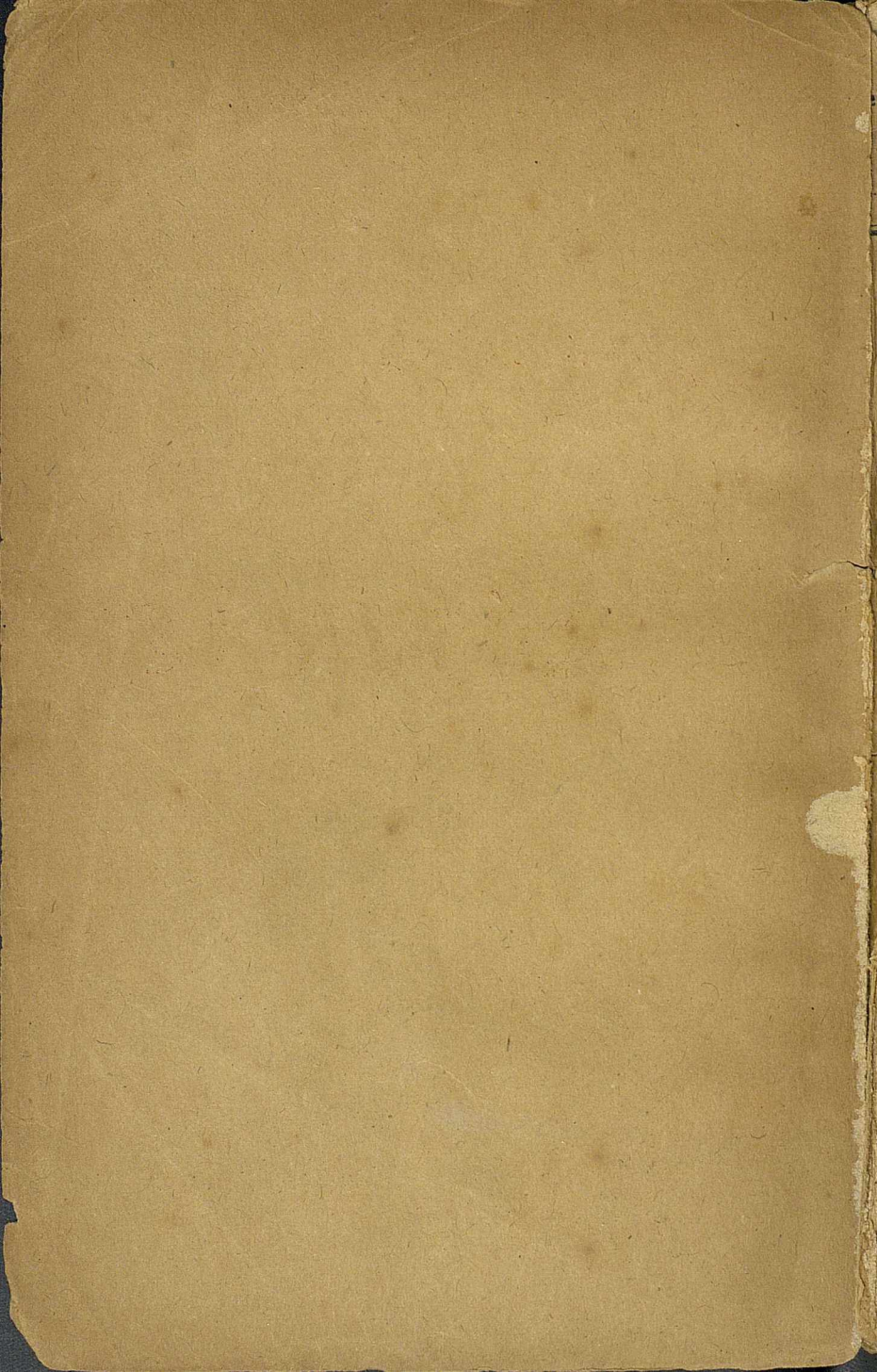
# CONTOS

*B*

# SÁTIRAS



Livraria Editora  
GUIMARÃES & C.<sup>a</sup>  
68, Rua do Mundo, 70  
LISBOA



# CONTOS E SÁTIRAS

2.º MILHAR

## DO AUCTOR

### **Publicados :**

*Herança morbida* (esgotado)  
*A propaganda* (esgotado)  
*Dois crimes* (esgotado)  
*Impressões de vidgem* (esgotado)  
*Por ahí fóra* (esgotado)  
*Nas horas calmas* (esgotado)  
*Ao de leve* (esgotado)  
*Longe da vista* (2.<sup>a</sup> edição)  
*D. Carlos intimo* (2.<sup>a</sup> edição)  
*Gente Rustica* (2.<sup>a</sup> edição)  
*Os amores de Latino Coelho*  
*A caminho d' Africa*  
*Terra de lendas*  
*Quadros alentejanos*  
*Pretos e brancos*  
*Jornadas*  
*Contos ligeiros*  
*Gente varia*  
*Contos e sátiras*

### **A publicar :**

*Scenas da vida*  
*Fôgo disperso*

BRITO CAMACHO

---

# CONTOS

E

# SÁTIRAS

2.º MILHAR



Livraria Editora  
GUIMARÃES & C.ª  
68, Rua do Mundo, 70  
LISBOA

---

Comp. e imp. na IMPRENSA LUCAS & C.<sup>a</sup>  
59 — Rua Diário de Notícias, 61 — LISBOA.

## Ardil revolucionario

---

— E se fôssemos passar umas semanas ao estrangeiro ?

Todos acharam magnífica a idéa, as pequenas aplaudindo ruidosamente, em transportes de alegria, e a mãe deitando um pouco de água na fervura, pouco atreita a entusiasmos fáceis.

— Devagar, devagar... Vamos a ver o que diz o papá. Bem sabem que êle não gosta de saír, custando-lhe mais fazer uma pequenina viagem que tirar um dente... Nada de foguetes, por enquanto.

À noite, abancados ao chá, a Emilita lançou a idéa da viagem, a cabeça encostada ao ombro do pai, adoçando a vózinha musical, fresca como um pequeno botão de rosa orvalhado pelo bafejo duma serena manhã de Abril.

— Não, e é escusado insistir. Os negócios têm cor

rido mal ; tudo está mais caro e ninguém paga as suas contas. O cobrador sai-me da loja com as mãos cheias de facturas, e a maior parte das vezes nem uma só lhe pagam. Nunca houve tanta facilidade como agora em aceitar uma letra ; mas também nunca houve tantas letras protestadas como agora. Dantes, o commerciante que se presava, ainda que tivesse de empenhar a camisa, pagava as suas letras no praso do vencimento, a não ser que lhas reformassem. Presentemente ainda alguns o fazem ; mas a maioria tanto se importa que lhas protestem como não protestem, porque duma maneira ou doutra não paga. Lá para o fim do ano, quando der balanço, veremos se há lucros que permitam o luxo duma viagem ao estrangeiro, o que ponho muito em dúvida, pelo geito que as coisas levam.

Insistiu a Emilita, adoçando cada vez mais a sua vózinha musical, que já em muitas ocasiões difíceis desarmara a cólera paterna, só a dizer-lhe palavras que o enterneciam, a cabeça encostada ao ombro do velhote, a oferecer-lhe os beicitos córados, numa momiche de criança, e êle a beber pela sua bôca perfumada um vinho estranho e capitoso, que o tornava escravo da sua vontade.

— Não falemos disso . . . não falemos mais disso, por agora, e lá para ao diante será o que Deus quiser.

Daí a nada reünia uma espécie de conselho de fa-



mília, com exclusão do dono da casa, e adotava-se o plano a executar para constranger o cabeçudo velhote a meter dinheiro no bôlso e ir passear as filhas e a mulher um pouco além da fronteira. E foi ainda a Emilita, travessa como um vivo demónio, quem teve a idéa salvadora, Era simples — um movimento revolucionário estava preparado, e faria explosão dentro de quinze dias.

De facto, um dos muitos boatos correntes, um dos muitos *canards* que andavam em vôo rasteiro pela cidade, como papagaios de cordel, não se vendo os garotos que os lançavam e faziam manobrar, era o duma tremenda revolução monárquica, chegando-se ao cúmulo de afirmar que D. Manuel já se encontrava muito perto da fronteira, à espera de ouvir o primeiro tiro, para entrar. Chegara-se a um definitivo acôrdo sôbre qual devia ser o Imperante na Monarquia restaurada, assentando-se em que fôsse o sr. D. Manuel. Caso S. M. viesse a morrer sem filhos, como o cardeal D. Henrique, para evitar complicações, semelhantemente ao que sucedera aí por 1580, seria posta a corôa na cabeça de D. Nuno, impondo-se-lhe a obrigação de não trazer para o Reino o cacete do seu avô, pesado demais como sceptro.

Começou então o inferno para o pobre homem, durante o dia a ver as filhas chorando em côro, recusando tôda a espécie de alimentação... à hora das refeições, e de noite acordando aos safanões da mulher, aflita porque ouvira um tiro de peça, ali per-

to, naturalmente o sinal convencionado para a inevitável revolução monarquista.

— Sim, eu também ouvi um estrondo, pelo menos pareceu-me ouvi-lo, mas não era tiro, com certeza. Se não fôsem os boatos que andam por aí, fervilhando por todos os cantos, a maior parte da gente nem daria por êsses *tiros noturnos*, que em geral não passam duma ilusão do ouvido. E quando são alguma coisa mais, não passam de inofensivos estampidos que se produzem com freqüência, sem que alguém os oiça, em circunstâncias normais. . . Não me é possível, presentemente, ocorrer às despesas duma viagem ao estrangeiro. Mais tarde, se o comércio vencer a crise por que está passando. . . Bem sabes que não sou desmancha-prazeres, e nunca cheirei o dinheiro, aferrolhando-o como um avaro. De resto, ninguém sabe o tempo que pode vir, e foi por não ter economisado quando o podia fazer, no verão, que a cigarra foi bater à porta da formiga, no inverno, a pedir esmola.

— Visto que preferes esta lenta e continuada tortura, e não te importas que sucumbamos todos, um dia, colhidos pelos estilhaços duma granada, seja feita a tua vontade. . . O dinheiro que poupas agora, servirá para nos enterrarem, os parentes que tiverem a bôa sorte de nos sobreviver.

Teve artes, a Emilita, de fazer com que o médico da casa, um dia, convidado para jantar, recaindo a

conversa, como por acaso, sôbre boatos revolucionários, dissesse que lhe constava de bôa fonte estar iminente uma revolução feita pelos monárquicos, revolução que seria, mais do que nenhuma outra, sangrenta, porque os republicanos estavam dispostos a proceder de tal modo que as veleidades restauracionistas acabassem duma vez para sempre.

E acrescentou, a confirmar :

— Ainda ontem um colega, muito chegado aos democráticos, me disse que a coisa está para breve, faltando apenas obter a adesão duma unidade muito importante da guarnição do Norte. O govêrno inculca estar ao facto de tudo, e parece desejar que a coisa não demore.

Acabou êle próprio, o desgraçado, por acreditar na revolução, e como seja contagioso o mêdo, ainda que seja mêdo a fingir, mêdo de farça com ares de tragédia, tremia ao mais leve rumor, chegando a confundir com o tilintar das espadas o som metálico que às vezes lhe chegava da cosinha.

Talvez não houvesse nada ; mas os boatos são o fumo, em matéria de revoluções, do fogo que arde, sem que se veja, nas camadas sociais que a política, quando isso lhe convém, põe em fermentação, e que um belo dia, na hora menos pensada, rompe em línguas de incêndio, que matam sem discriminação.

Uma noite, estando a dormir profundamente, acordou soltando um grito rouco, e dando um safanão

brutal na mulher, quâsi a pegar no sono, já fóra da cama, em fralda de camisa, balbuciou, numa tremura :

- Agora é certo, estão a fazer tiros perto daqui.
- Não, filho, socega. O que tu ouviste não foi um tiro . . . Desculpa.

Era lá possível viver-se assim !

Pôs em ordem os seus negócios, levantou dinheiro do Montepio, munuiu-se duma *ordem* sôbre Bancos estrangeiros, habilitado para o que desse e viesse, tomou passagens no *Sud*, e uma bela manhã, tendo almoçado um bocadinho mais cêdo que de costume, mandou as malas para o Rossio, e atrás delas, satisfeito porque fugia ao perigo, contrariado porque abandonava a sua casa e ia gastar em poucos dias o que ganhára, à fôrça de trabalho, em muitos meses, acompanhado da mulher e das pequenas, seguia êle, desejando não encontrar pessoas a quem tivesse que dizer adeus, pondo-as ao facto da sua fuga.

Apareceram na *gare*, para o bota-fóra, três ou quatro amigos dos mais íntimos, entre êles o médico da casa, a rir-se, desejando bôa viagem, e que fôsem descansados, que êle informaria das ocorrências dignas de registo.

— Não há de haver nada, se Deus quiser. Os boatos já são uma coisa com que muita gente se entretém e quasi ninguém se assusta.

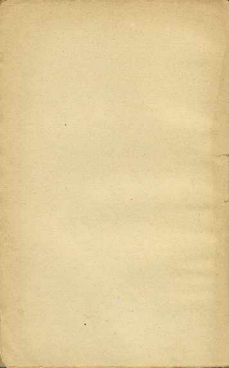
---

A turbulenta Emilita, assim que o combóio se pôs em marcha, deitando os braços ao pescoço do pai, com infinita doçura :

— Hei de contar te uma coisa, na volta, mas hás de prometer-me que não te zangas comigo...

Silvou a máquina ao sair do túnel, e um grande rôlo de fumo branco, dispersando-se no ar, parecia uma núvem de lã cardada através da qual se lobrigasse o céu, muito sereno. muito azul, muito límpido.

---



## Um milagre

---

Ter um neto !

Era a sua maior ambição, o desejo que mais acalentava desde que a filha casara, havia dois anos. Quasi tinha raiva ao genro, attribuindo-lhe o insuccesso, posto que algumas vezes lhe acudia a suspeita de que talvez a filha, a sua querida Brigida, viesse ao mundo, a pobre pequena, com algum vicio de conformação, que a impedia de ser mãe.

Ter um neto !

Falaram-lhe um dia em submeter a filha e o genro a um exame médico, mas nem êle nem êla se prestaram a tal exame, que reputavam inutil e vexatorio. Desejavam ter filhos ; mas, se era a vontade de Deus que os não tivessem, cumpria-lhes submeterem-se, resignados, aos desígnios insondaveis da Providência. De resto, dois anos não lhes parecia que fôsse tempo sufficiente para afirmar a esterilidade dum ou doutro, porventura, d'ambos, na familia dêle havendo um caso no-

tavel de procreação tardia, ao cabo de treze anos de malogradas esperanças — caso tão notavel que durante mezes foi o objecto de todas as conversas, cada qual comentando-o ao sabor do seu character, uns com respeito, outros com malicia, concordando todos em que houvera uma mudança qualquer, simples mudança d'habitos ou de comidas, o maior numero attribuindo-o à mudança d'ares, nos Payzes Baixos. Resolveu, esgotados os recursos mais ao seu alcance, ir em peregrinação a Lourdes, rojar-se aos pés da Virgem, supplicando-lhe um milagre — o facil milagre de lhe dar um neto. Tão certa estava de que haviam de ser atendidos os seus rogos, que a toda gente participou a resolução que tomara, fazendo á pressa os seus preparativos de viagem. Abalou, um dia, no primeiro comboio, deixando a casa entregue á filha mais nova, uma robusta moçoila de vinte anos, que andava brincando na menina dos olhos de todos os rapazes da aldeia.

Durante dois mezes não se passou um só dia sem que ela fosse, de manhã e de tarde, ajoelhar aos pés da Virgem, devorando-a com os olhos, pedindo-lhe um neto, como lhe pediria a vida, se visse a morte estender-lhe a garra. Não havia, em Lourdes, n'aquella ocasião, quem mostrasse mais fervor religioso, quem resasse com mais arreigada fé, quem erguêsse o coração e os olhos ao céu com mais dominadora confiança na misericordia infinita do Senhor Deus Todo Poderoso, trino em pessoas e unico na essencia, segundo o serafico doutor S. Bôaventura.



---

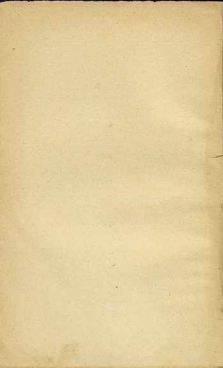
Regressou de Lourdes tão certa de que havia ter um neto, que logo se poz a fazer-lhe touquinhas e coeiros, encomendando para ele um berço de mogno, que enfeitaria por suas mãos.

Meses volvidos, uma noite, a visinhança acordou alarmada, ouvindo gritos que saíam de casa d'ela, muito aflitivos, denotando um sofrimento intenso. Logo se soube o que era, por indiscrição d'uma creada.

Como alguém lhe perguntasse, pela manhã, se a Senhora fizera o milagre, ela então, como quem digere um remorso :

— Pois fez ; mas como eu me esqueci de dizer o nome da rapariga, quem teve o filho foi a solteira.

---



## Casamento e mortalha . . .

---

Tinha sido o seu primeiro, o seu unico amor.

Conheceram-se ainda ella usava as saias curtas, e preparava-se elle para deixar o calção.

Viviam em predios contiguos, de modo que se viam a toda a hora, umas vezes á janella, outras vezes no quintal, vindo a estabelecer-se entre as duas creanças sem malicia uma intimidade que se traduzia em olhares acariciadores, sem palavras e sem gestos.

As respectivas familias não se visitavam, nem sequer trocavam um cerimonioso cumprimento de janella para janella ou quando se encontravam na rua, cada qual seguindo ao seu destino.

Quando ella sahíu do collegio, muito instruida e muito bem educada, entrou elle para a Universidade, com dezassete annos completos, e já então o namorico de creanças, que a familia d'ella via com maus olhos, contrariando-o discretamente, tomara a consistencia d'uma paixão fortemente enraizada, absorvente e dominadora.

Uma criada velha, mais velha na casa que a própria mãe da menina, condescendera em proteger aqueles amores castos, d'uma ingenuidade pueril, mas já tão fortemente enraizados, que se via bem não ser possível contrariar-os sem abrir feridas sangrentas.

Porque contava na família um corregedor e um bispo, a mãe da menina, com prôa de fidalga, só pensava em doirar os seus braços á custa da filha, casando-a muito rica. Por isso contrariava aquele namoro, sobretudo agora, já estudante da Universidade o rapaz, com fama de bom estudante, e já verdadeiramente uma senhora a filha, tão forte, tão desenvolvida que ninguém lhe fazia a idade que tinha.

Deviam casar logo que ele terminasse o curso e obtivesse uma situação, fosse qual fosse, de conformidade com as suas habilitações, que lhe permitisse ter casa, assumir as responsabilidades d'um *ménage*, contando apenas com os seus recursos.

— Sabes? Receio muito que na hora decisiva te falte a coragem para resistires a tua mãe, que até parece ter-me odio, como se eu fosse uma pessoa degradada, absolutamente indigna de se ligar a uma família honesta, sem heraldica e sem fortuna...

— Tontinho! Se não casasse contigo, morreria solteira, mas nem concebo que haja forças humanas que me arranquem dos teus braços, quando chegar

o momento de ser tua, unidos por laços indissolúveis...

Sucedeu que tendo ele empreendido uma viagem á Africa, por conta d'uma Companhia, com demora de alguns mezes, o que representava um bom começo da sua vida de advogado, os paes d'ela, ambiciosos e racionadores, com muita prosapia e pouco dinheiro, meteram-n'a á cara d'um brasileiro rico, o qual, preso aos seus encantos, lhe offereceu a mão e a fortuna, uma bellissima fortuna, avaliada em muitas centenas de contos. Era o futuro com tudo quanto pode encher a ambição e lisongear a vaidade d'uma creatura futil.

Tres mezes depois d'ela se fazer a esposa d'esse brasileiro opulento, tornara-se ele, despeitado, o marido d'uma prima rica, muito rica, que vivera, sempre apaixonada por ele, na provincia, e jurára não casar enquanto ele fosse solteiro.

Comprehendia que ela, luctando contra o despotismo dos paes, dominados só pelo interesse, acabasse por ceder; mas sabia que ela não levaria muito longe a resistencia, facilmente esquecida da promessa solemne que lhe fizera — *se não casar contigo, morreréi solteira*. Casando rico, ela não o affrontaria com a sua fortuna, e seria obrigada a reconhecer que ao seu amor ele teria sacrificado a prima, quasi tão rica como o brasileiro, e em nada inferior a ela, sob qualquer ponto de vista.

Doze anos mais tarde, n'um collegio de Londres, visitava ele a sua filha unica, a sua bôa fada, uma rapariga forte e esbelta que era a propria luz dos seus olhos, a vida da sua vida. Custara-lhe muito separar-se d'ela, mas em Portugal não havia um collegio de meninas, para onde a mandasse com absoluta confiança, e queria instrui-la e educa-la por maneira a fazer d'ela, não apenas uma rapariga interessante, mas uma mulher distincta. Não a queria sabichona, á maneira de Molière; mas tambem não a queria paradisiacamente ignorante á maneira portugueza. Queria-lhe muito; mas não o cegava o amor que lhe tinha, levando-o a exagerar os seus talentos e virtudes. Eram admiraveis as suas qualidades de intelligencia e os seus predicados de character; n'ela havia tudo a desenvolver, e coisa alguma a corrigir. Grande admirador da Inglaterra, como Nação, as suas prosperidades attribui-as ás qualidades individuaes dos seus filhos, gente da mais rija tempera, creada e educada no respeito e no amor da Patria, cada inglez considerando o seu Paiz como um prolongamento ou amplificação da sua casa, o seu *home*, moralmente obrigado a sacrificar-lhe tudo, quando ele careça dos seus sacrificios.

— Demora-te um instante, papá, que eu quero apresentar-te a minha amiga.

Da mesma idade, quasi da mesma estatura, uma loira, a outra morena, aquellas meninas estimavam-

se como se fossem irmãs ; nunca um farrapito de nuvem passageira toldara aquella amizade infantil.

Nunca sahiam uma sem a outra, e no collegio, quer no estudo, quer no recreio, estavam sempre juntas. Tinham os mesmos gostos, as mesmas predilecções ; vestiam pelo mesmo figurino, tocavam as mesmas musicas e liam os mesmos livros. A inevitavel intriga dos collegios, commum a todos os internatos, não attingia as duas amiguinhas, que dir-se-hia terem nascido do mesmo ventre e na mesma hora, phisicamente distintas, moralmente semelhantes, d'uma semelhança tão grande que dir-se-hia uma igualdade. Gostavam da estima geral, e certas attenções que por ellas manifestavam as Mestras, deferencias especiaes que tinha para com ellas a directora do Collegio, não despertavam o ciume das outras meninas, talvez porque ellas, excessivamente modestas, não tiravam d'ahi nenhum motivo de envaidecimento, e tão expontaneamente, com tanto zelo observavam a disciplina da casa, que dir-se-hia viverem no permanente receio de sanções rigorosas para as suas minimas faltas de creanças.

Seria possivel ? . . .

Aquelle ar senhoril, d'uma rara distincção ; aquella olhar macio, d'uma volupia casta ; aquella sorriso vago, nem triste nem alegre, como se fosse ao mesmo tempo a expressão d'uma saudade longinqua e a esperanza d'uma felicidade remota . . .

Ficou-se, mudo e quedo, a olhar a grande amiga de sua filha, quasi não se atrevendo a cumprimental-a, mal se decidindo a beijar-lhe a face que ella, n'uma admiravel intimidade, offerencia aos seus labios em febre.

Seria possivel ?

Era a mesma figura e o mesmo nome, precisamente a gentil creança que elle namorara da sua janella e do seu quintal, trocando olhares acariciadores, discretamente conversando sem palavras e sem gestos. Evocava esse passado longinquo, e sentia a dôr, o soffrimento torturante d'uma felicidade quasi realisada, uma promessa de bemaventurança convertida de subito n'uma condemnação de reprobos.

Ia a fazer-lhe perguntas, acariciando-a, quando ella, n'um salto de gazela, a correr pelo vasto pateo, grita como que para dar o signal d'alarme :

— Olha a mamã !... Olha a mamã !

Ouve-se o toque d'uma sineta, convidando as visitas a retirarem-se.

— Quando voltas, papá ?

— Quando voltas, mamã ?

A' porta do collegio, installando-a no *cab* que a trouxera, apertando-lhe muito a mão :



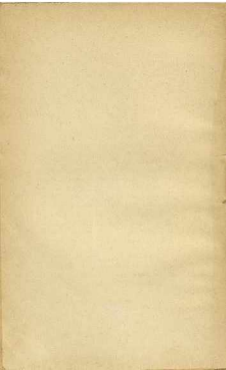
— És feliz ?

— Sim, quanto se pode ser com o coração partido. E tu ?

— Também, quanto se pode ser feliz com a alma em farrapos.

Tinha sido o seu primeiro, o seu unico amor !

---



## Valor de posição

---

Era o typo do sargento instructor.

Quando lhe puzeram no braço as quatro divisas, já ele tinha abdomen de major. Assentara praça muito novo, aos dezesseis anos, como voluntario, sem conhecer uma letra. O capelão era o mestre-escola, e como se desse o caso de ser bom homem, dedicava-se ao ensino com a melhor bôa vontade. De modo que o nosso joven recruta, tendo caído nas bôas graças do capelão, era de todos os alumnos o que ele tratava com mais carinhosa solicitude. Ficou distinto no exame de furriel, e foi o primeiro classificado no exame para segundo sargento. Não era d'uma intelligencia notavel; mas era excepcionalmente aplicado, e tinha uma vontade de ferro.

Muito serio, irrepreensivelmente bem comportado, nunca sofreu o minimo castigo, a mais atenuada repressão. Todos os senhores officiaes, desde o commandante ao almoxarife, mostravam por ele muita estima e muita consideração. Cumprimentavam-n'o pelo nome, — adeus ó Lopes! — e êle era tão fun-

damentalmente disciplinado que nunca se desmandou n'uma familiaridade permitida.

Ganhara as suas esporas d'ouro n'um arraial, onde fôra comandando uma força requisitada pelo administrador do concelho. Andavam desavindos, por mera rivalidade de camponios, dois povos visinhos, e esperava-se que eles aproveitassem o arraial para ajustarem as suas contas, descarregando uns nos outros pancada de crear bicho. A' cautela, o administrador requisitou uma força de sargento, convencido de que uma força de cabo valeria tanto como uma viola n'um enterro. Logo se assentou em que fosse o Lopes o comandante d'essa força, homem resolutivo, mas calmo, valente mas ponderado, incapaz d'uma imprudencia, que pudesse ter consequencias graves.

Chegou o destacamento de vespera, ao cair da noite, e logo se espalhou que o sargento recebera ordem de dar para baixo, aos primeiros assomos de desordem.

No dia seguinte, já em plena festa o arraial, bebidos de vinho ou de entusiasmo os romeiros, era voz geral que o sargento recomendara aos soldados, aquartelados n'uma dependencia da Igreja, que á voz de fogo fizessem pontarias baixas, para a caça não fugir. Mais se dizia que cada soldado tinha na patrona sessenta cartuchos, havendo quem afirmasse que era assim, por ter visto, acrescentando que um dos soldados, ainda seu parente, lhe dissera que se chegasse a haver tiros, seria uma desgraça nunca vista.

Não tardou que se armasse uma desordem, cruzando-se no ar os cacetes, que implacavelmente caíam nas costas d'uns e na cabeça d'outros, havendo costelas partidas e pinhas rachadas, jorrando o sangue em abundancia. Ia generalisar-se a pancadaria, como n'um debate parlamentar, quando appareceu o sargento, de espingarda ao hombro, a baioneta calada, o ar sereno de quem vae de passeio e pára a ver uma montra.

Da multidão saiu este grito — mata-se! mata-se! — e para o sargento avançaram alguns pimpões, confiados em que a superioridade do numero compensaria a desigualdade das armas.

O Lopes recuou alguns passos, e pondo a espingarda na posição de preparar, conteve os amotinados, dizendo-lhes:

— O primeiro que dér um passo, prego-lhe um tiro nos cascos.

Ninguem se moveu, e sumiram-se os cacetes que andavam no ar.

O sargento então, sereno como se estivesse a conversar á boa paz, falou n'estes termos:

— Oiçam bem o que lhes vou dizer, e tenham tento na bola. A força que eu comando não veio aqui para matar ninguem; veio para não deixar que vocês se matem uns aos outros. Quem tiver contas a ajustar, vá ajustal-as n'outro sitio, se não acharem que

é melhor deixarem-se d'asneiras, e esquecerem todas as queixas que tiverem uns dos outros, bagatelas que não valem a ponta d'um cigarro.

Os meus soldados estão debaixo de forma á espera das mínhas ordens. Se vocês entrarem na rasão, se largarem os cacetes para se agarrarem ás moças, balhando e cantando até moerem as pernas, emborcando o seu copasio, de quando em quando, para enrijar o nervo, se vocês fizerem isto, a minha voz de comando será esta: — *Ensarilhar, armas! A' vontade...* Se não quizerem assim, saberão como ellas cantam. As baionetas teem ponta, todos os cartuchos teem bala, e no destacamento não tenho um só homem que na escola de tiro não obtivesse premio.

*Sic orsus*, mas ao contrario do que succedeu no caso de Enéas, todos aqueles lapuzes, longe de ficarem de boca aberta — *intentiq ue ora tenebant*, mudos como se fossem marmotas, desataram aos berros, atroando os ares:

— Viva o nosso sargento! Viva o nosso sargento!  
— como se fossem da tropa.

Em relatorio para o governador civil o Administrador do Concelho informou detalhadamente do procedimento que tivera o sargento, afirmando que sem a sua cordura, a sua decisão, a sua valentia calma mas intrépida, teria havido mortos sem conta. O

governador civil levou o caso ao conhecimento do comandante do regimento, o qual louvou o Lopes e lhe concedeu trinta dias de licença, sem nenhum desconto.

No mesmo dia em que saiu primeiro sargento foi encarregado da instrução dos recrutas. Era paternal, para com os pobres lapuzes, sem todavia deixar de ser severo, como convinha. Possuia o talento raro do instrutor, em termos que não havia recruta bronco que no minimo do tempo não adquirisse a instrução completa. Conhecia como ninguem a psycologia dos alarves, e era isso que lhe dava a altissima competencia de instrutor, que todos lhe reconheciam.

— São uns diamantes em bruto; mas a gente faz d'elles o que quer, o ponto é dar-lhes com as manhas.

Na verdade, alguns faziam-se mais brancos do que eram, esperançados em que o sargento, vendo que não fazia bom d'elles, declarasse oficialmente que eram incapazes de receber a instrução de recrutas, sendo-lhes dada a baixa apetecida.

— O meu sargento bem vê. Eu não adianto mais d'um dia para o outro, e ainda que esteja aqui toda a vida, nunca chegarei a ser dado como pronto. Gostava de aprender; mas sou muito rudo. Cada qual é para o que nasce, e o meu sargento bem vê que eu não nasci p'ra isto.

Taes discursos não comoviam o Lopes, que muito bem sabia ao que eles visavam — largar as correias antes de finda a *escola*, regressando á paisana com uma baixa limpa.

— Pode ser que tu nunca aprendas a recruta, mas n'esse caso serás recruta durante tres anos, que é o tempo de serviço. Os recrutas não teem direito a licenças, e depois do primeiro periodo de instrução, sem aproveitamento, não se lhes fez um favor do tamanho d'uma unha. Dispensas de recolher? Dispensas de formatura? Nem meia; o plantão e a farchina, sem escala, são para esses melros o pão nosso de cada dia.

E's rudo?

O homem incapaz de aprender a instrução, deve ser dado como incapaz da vida militar; mas incapaz como soldado, devendo ser aproveitado como montada, n'um regimento de cavalaria.

A's vezes iam senhores officiais assistir á *escola* do Lopes, e elle tinha grande desvanecimento com isso. Aproveitava essas occasiões para instruir os galuchos com respeito aos deveres que incumbiam ao soldado nas varias situações de serviço.

— Ouve lá, rapaz; aqui está uma porta e tu estás de guarda a ela, com ordem de não deixares entrar seja quem fôr. Ouviste bem? Seja quem fôr.

— Sim, meu sargento.



— Está bem. Eu sou o nosso capitão Gaitinhas...  
Posso entrar ?

— Não, senhor.

— Fazes bem, rapaz... Agora sou o nosso major  
Sete Falinhas... Posso entrar ?

— Não, senhor.

— Fazes bem. Agora sou o nosso comandante.  
Posso entrar ?

O recruta hesita um pouco, e responde:

— Não, senhor.

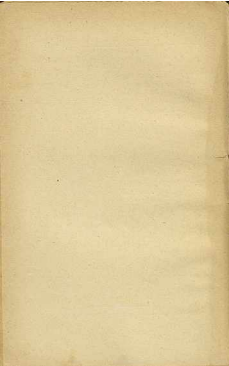
— Muitissimo bem, rapaz. A ordem é não deixar  
entrar seja quem fôr. Repara bem n'isto — seja quem  
fôr. Bom; eu agora sou o rei. Olha que o nosso Co-  
mandante, ao pé do rei, é tanto como tu ao pé do  
nosso capitão... Repara bem — eu agora sou o rei  
Não me deixas entrar ?

— Lá o rei, sim... deixo.

— Pois não devias deixar, grandissimo bruto. Tu  
aqui não és o 37 da quarta; és a Lei. O nosso ca-  
pitão, o nosso major, o nosso comandante e o pro-  
prio rei valem menos do que tu, quando representas  
a lei. Fóra d'ahi és um filho da... mãe, como qual-  
quer outro, mas ahí és superior a todos. Não devias  
deixar entrar o rei, minha cavalgadura.

Era um sargento como então havia muitos, como  
hoje ha poucos, militar de carreira, profissional das  
armas para quem o seu regimento era uma extensão  
da sua familia.

---



## As apparencias enganam

---

Sempre tivera a paixão das mulheraças, importando-se pouco que fossem bonitas ou feias. Todos os encantos femininos eram reductiveis, segundo o seu criterio e gosto, a gramas e centímetros. Bem entendido, a mulher comprida, esgalgada, expressa n'uma só dimensão, o comprimento, embora lhe chamasse a atenção, não lhe perturbava os sentidos. O mesmo lhe succedia com as mulheres baixas e repolhudas, as madamas estilisadas em abobora, com mais de noventa kilos, peso limpo.

Era capaz de correr a cidade inteira, em todas as direções, atraz d'esses Hymalaias de saias, e por mais d'uma vez lhe succedeu continuar a viagem, em comboio, muito para além do seu destino, atraído por qualquer Eva de um metro e setenta e cinco d'altura, não levando em conta os saltos, e a largura correspondente.

Era um fetichismo burlesco, no genero de muitos outros que andam descriptos em certos livros de medicina, e constituem um dos capitulos mais interes

santes da psycho-pathologia dos sexos. Sobre a maior parte dos outros fetichismos amorosos, que ele nem conhecia de leitura, jámais tendo prendido a sua atenção a essa ordem de estudos, este tinha a vantagem de não o sujeitar a precalços graves, sempre a respeitosa distancia das madamas que seguia, a menos que um olhar acariciador caisse sobre ele, como um convite.

- Falava do Oriente com muito desdem, por causa da pequenez das mulheres, talvez estimaveis *bibelots*, cheios de frescura e de graça, mas *bibelots* em todo o caso. Lêra, algures, que as creanças sam mulheres pequeninas, e logo invertera a maxima, para seu uso, dizendo que as mulheres pequenas sam creanças grandes. Ora as creanças, na sua minusculidade de bonécas, eram indiferentes, absolutamente indiferentes aos seus appetites amorosos, eminentemente sexuaes.

Fosse como fosse, as mulheranças exerciam sobre ele, bonitas ou feias, uma atração irresistível, a tal ponto que algumas vezes lhe succedeu continuar a viagem, em comboio, muito para além do seu destino, prezo aos encantos d'uma Venus culatrona, comprida e larga.

Entrou no baile sem nenhuma intensão de se demorar; mas viu aquella enorme mascara, dominando a multidão, e ficou talqualmente como um saloio que dando uma topada n'uma pedra, encontrasse um thesouro. Tinha um rebolar d'ancas como têm geral-

mente as varinas, e era d'uma elegancia tamanha a dansar, que dir-se-hia uma estrela coreografica aplaudida e consagrada pelas mais exigentes plateias. Vestia de Judith de Betulia, segundo a narrativa biblica, e ele não se importava de ser o Olophernes, comtanto que antes de lhe cortar a cabeça, ela se lhe tivesse entregado sem restrições.

Poz-se a seguil-a devorando a com os olhos, lamentando-se de não saber dansar, o que tornaria facil a abordagem, aliaz nunca extremamente difficil n'um baile de mascaras, com entradas pagas.

Notou que ela andava em completa liberdade, dansando com este, dansando com aquele, conversando com uns, conversando com outros, mas livre como um passarinho na eira ou como um cabrito na pastagem.

Tanto fez que ela o notou, demorando-se a fital-o por detraz da mascara, n'aquele momento atrelada a um cavalheiro que lhe dava pelo hombro, e era dos homens mais altos que havia na sala.

Já perto da meia-noite, vendo-a no bufete, encheu-se de coragem e convidou-a para cear, se quizesse dar-lhe esse prazer — ali mesmo ou n'um gabinete reservado.

Agradeceu, fazendo uma reverencia, e voltou para a sala do baile, alta como a Torre dos Clerigos, ancha como o zimborio da Estrela.

Continuou a perseguil-a, agora com mais insistencia, ás vezes perdendo-a de vista, no turbilhão dansante, e então farejando-a como um podengo, no mato, fareja um coelho.

Passou revista á carteira, e verificou que tinha bagagem sufficiente para empreender uma batida áquella peça de caça grossa, que certamente não era uma resurreição da Lucrecia romana, e a ser uma Imperatriz, seria a famosa Catharina da Russia, cantada pelo Bocage.

Nunca se vira assim enternecido, fascinado por uma mulher, talvez bonita, talvez feia, o que pouco lhe importava, porque o seu criterio de beleza feminina era o kilo e o metro.

Na verdade, era uma grande mulher, uma enorremissima mulher, as ancas largas como se fosse o cavallo de Troya antes de parir todos aqueles guerreiros que lhe atafulhavam o ventre.

Pediou a um amigo que fosse dansar com ela, para ele ter um bom pretexto para se aproximar, entabulando uma conversa que tivesse resultados decisivos.

Assim foi.

O amigo retirou-se logo que a conversa pegou, e ele então, mais animado que no bufete, a ver que as horas iam passando, e o baile acabaria antes do sol fóra, não esteve com grandes cerimoniaes — propoz-lhe sairem, indo acompanhal-a a casa.

Houve a inevitavel resistencia, começando pelo desdem, vindo a seguir o protesto mais affectuoso que violento, acabando n'uma enternecida condescendencia, guardadas as devidas cautelas — mulher casada, com filhos...

Morava longe, era muito conhecida no Bairro, e áquella hora, já quasi dia, algum visinho podia estar

á porta ou á janela, ou recolher d'uma noitada carnavalesca, encontrando-se na rua, de nada lhe servindo a mascara.

O porteiro do hotel, quando os viu entrar, estacou diante d'aquela bisarma de saias, tendo a impressão de ver na sua frente uma baleia mascarada. Ele então, radiante, parecendo ainda mais pequenino ao pé d'aquela mole gigantesca, tinha o ar babado d'um serviçal que a patrôa admite na sua intimidade.

— Haverá quarto ?

O porteiro, já velhote, permitindo-se uma liberdade que, em qualquer outra epoca, não teria com o hospede da mais humilde condição, disfarçando um riso velhaco sob a espessura d'um bigode branco pela idade e amarelado pelo cigarro, respondeu :

— Quarto ha, com certeza ; agora cama que dê a conta...

E servindo-se dos olhos como d'um compasso, mediu-os d'alto a baixo, primeiro o cavalheiro, depois a dama, mal resistindo á tentação de lhes dizer que no Hotel não havia leito onde pudesse estender-se tão agigantada pessoa sem ficar com as pernas penduradas.

Subíram, e logo ao cimo da escada lhes appareceu um creado, o de vela, perguntando o que desejavam.

— Um quarto, se ha.

— Sim senhor, ha quarto. E' só para dormida ?

— E'. Porque faz essa pergunta ?

— E' porque o quarto só para dormida paga-se adiantado.

Tirou dinheiro da carteira e pagou — dando logo gorgeta.

O creado desapareceu, levando um castiçal na mão ; voltou d'ahi a pouco, e disse para o cavalheiro, muito atencioso :

— Façam favor acompanhem-me.

Ninguem soube, jamais, o segredo d'aquelle *tête-à-tête*, mas d'ahi a nada o homensinho, deixando no quarto a mulher hymalaica e mascarada, saía em pé de vento, murmurando esta imprecação raivosa :

— Malandro !... Grandissimo malandro !

---



## Amores tragicos

---

Tinha dezeseite annos.

A noiva, um pouco mais nova do que elle, morrera havia dois mezes.

Aos dezeseite annos não é licito ter uma noiva, mas apenas uma namorada, duas ou trez namoradas, porque os jovens corações, á semelhança das borboletas, pousam aqui e além, sempre enternecidos, mas livres sempre.

Certo é que, desde que lhe morreu a noiva, uma encantadora rapariga que alliava aos mais desejaveis dotes phisicos os mais excellentes predicados moraes, nunca mais teve uma hora de socego, balçadamente procurando diluir em lagrimas a dôr immensa que o torturava.

Todos os dias, ao cahir da tarde, rigorosamente vestido de lucto, hia ajoelhar sobre a sua sepultura, atapetada de flôres.

Alli ficava, horas esquecidas, ás vezes colando o ouvido á pedra tumular como para recolher um segredo, uma palavra carinhosa, um juramento d'amor,

uma promessa de felicidade com que ella, a morta querida, pretendesse suavisar o seu incomportavel soffrimento, a sua dilacerante saudade.

Tivera a coragem, que se lhe afigurava agora covardia, de não se matar quando a viu morta, não obstante ter-lhe dito, pouco antes, perguntando-lhe ella, numa crise de soffrimento pre-agonico, o que faria se ella morresse :

— Se tu morresses, o que Deus não permittirá, matava-me.

Só abandonara o cadaver por breves instantes, emquanto o vestiam, e até fecharem o caixão, como que hypnotisado, os olhos fitos no seu rosto lindo, que a morte não transtornara, parecia querer suprehender o mais leve, o mais apagado signal de vida, um imperceptível tremelicar das palpebras ou dos labios, um estremecimento de letargico que se não ouvisse, como a harmonia das espheras, que se não visse, como o movimento da luz.

Quando a metteram na cova, ainda alto o sol, a atmosphaera ligeiramente turva, o ceu d'um azul desbotado, quasi sem nuvens, dois rouxinoes puzeram-se a trinar, pousados no mesmo cypreste, alli perto, e elle teve a impressão d'um côro divino que se organisara para acompanhar a alma da sua querida morta aos paramos infinitos.

A partir d'então, todos os días, áquella hora, rigorosamente vestido de preto, hia ajoelhar sobre a sua sepultura, atapetada de flôres, e ás vezes, collando o

ouvido á pedra tumular, parecia-lhe que lá de dentro vinham sons, vozes mal articuladas em que elle adivinhou promessas de felicidade, juramentos d'amor.

N'aquelle dia, como nos outros, rigorosamente vestido de preto, chegou á hora em que ella fôra enterada e ajoelhou sobre a sua sepultura, atapetada de flôres, colhidas de fresco. Um moço do cemiterio, generosamente retribuido, tinha o encargo piedoso de não deixar que houvesse flôres murchas sobre aquelle cofre sagrado.

Pareceu-lhe, na alucinação que o dominava, que ella se revolvia na cova e o chamava para junto de si, para os divinos esponsaes.

— Eu vou! Eu vou!

Um guarda que andava alli perto, em serviço de ronda, ouviu uma detonação, e correndo para o local d'onde lhe pareceu que ella partira, encontrou-o morto, o revolver na mão crispada e nos labios o esboço d'um sorriso triste e feliz, expressão tragica dos que morrem d'amor, certos de que n'outro mundo, certos de que n'outra vida encontrarão a felicidade que na terra não encontraram.

---



## Nem tudo o que luz...

---

Subitamente, dominando o barulho das ruas proximas, produziu-se no pequenino jardim, onde brincavam creanças, um ruido formidavel, qualquer coisa de semelhante ao estampido d'um trovão seco.

Nenhum predio desabou, não se partiram vidros, não se desenraizaram arvores, mas quem ouviu o estrondo, sem tempo para reflectir, acreditou que alguma coisa ruira, e tal houve que na alucinação do terror viu a terra fender-se em bocas escancaradas, d'onde sahiam labaredas.

Havia poucos dias que uma bomba, atirada para um café, tinha produzido umas poucas de victimas, e a policia já deitara a mão a perigosos *bombistas*, andando no encalço d'outros por igual perigosos. Recrudescera a febre destruidora dos inimigos da sociedade, começando a formar-se o panico na população.

Um policia correu para o unico mictorio que havia no jardim sito, a apitar, e toda a gente o foi seguindo.

instintivamente, estacando quando elle parou, segurando pelas costas um gallego, que nem tempo tivera para se compôr, e fazia esforços desesperados para não sahir em geitos de ofender a moral.

— Está preso!

Houve uma dificuldade enorme para evitar que o povo lynchasse o facinora, pois que, embora alli não houvesse o menor signal de explosão, era certo para toda aquella gente, e era certissimo para o policia, que fôra aquelle gallego quem atirara a bomba.

Quem havia de ser, senão aquele malvado?

Por ali não havia ninguem com ares e modos de bombista, não passara ninguem que suscitasse a suspeita de ser um terrivel nivelador social.

Quem sabe?

Talvez aquele galego não fosse, como inculcava, um pobre diabo vindo da Galiza para aqui ganhar honradamente a sua vida, mas sim um *legionario* disfarçado, um authentico anarquista já com pratica de taes proesas.

Galego aquilo, sem corda nem saco!...

A colera subiu de ponto quando uma voz gritou que estava ali morta, em cima d'um banco, uma pobre velhota, de apparencia decente, victima d'um estilhaço, que lhe penetrara o ventre. Era verdade que a velhota estava morta, e era tambem verdade que a victimara a explosão... d'um aneurisma, conforme dissera um doutor que ia passando no momento em que ella expirava.

— Conheço, muito bem esta senhora. Era minha

cliente e sofria d'um aneurisma da aorta ha uns quatro anos. Mora na rua de tal, n.º tantos.

Poucas pessoas ouviram a explicação do medico, e d'essas, umas impuzeram-se o dever piedoso de não abandonar o cadaver, emquanto outros iam chamar um carro que conduzisse a velhota ao hospital ou á Morgue.

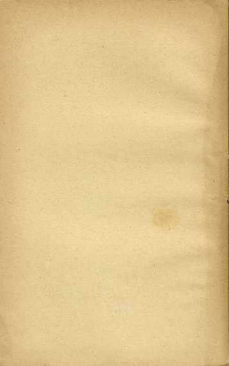
Para o grande numero, para a multidão que se formara junto do urinol, fôra sem a menor sombra de duvida um estilhaço que matara a pobresinha, e a respectiva bomba fôra aquelle thalassa, em *travesti* de galego, que a puzera no mictorio.

Um patriota, socio do Club Sola e Vira, chegando em plena balburdia, e informado do que se passava, lançou a hypothese de ser aquele galego um thalassa, levado á pratica de tão hediondo crime para comprometer a Republica.

Já se erguiam bengalas, já se abriam navalhas, já se engatilhavam pistolas, quando o galego, apercebendo-se do erro d'aquela gente, n'um rasgo de genio, gritou que se afastassem, porque tinha ali outra bomba. Instinctivamente o policia largou-o, a multidão recuou, e ele então, erguendo as mãos acima da cabeça, contraindo a musculatura forte, *bumba!* — exactamente como havia instantes, sem que nenhum predio desabasse, sem que algum vidro se partisse, sem que se desenraizassem arvores.

E foram todos concordes, mais vexados do que furiosos, em que nunca tinham ouvido uma coisa assim.

---





## Almas bemfazejas

---

Era dos socios fundadores.

Não havia memoria de ter faltado a uma sessão, e constava das actas que a sua propaganda era das mais eficazes. Quasi não passava um dia, e nunca passava uma semana, sem que ele desse conhecimento á Sociedade de qualquer acto punivel, nos termos das leis adoptadas para a protecção aos animaes. Tambem era raro que passasse uma semana sem ele fazer a proposta de um ou mais socios, creaturas que para se verem livres d'ele — um sarna! — condescendiam em pagar uma quota e receber um diploma — que tambem pagavam.

Todos os dias visitava a Praça da Figueira, porque lhe constava que ali maltratavam os animaes expostos á venda, chegando a dizer-se que certas mulherzinhas, por estupidez ou por maldade, depenavam galinhas vivas, facto que ele nunca surpreendera, por mais diligencias que fizesse.

D'uma vez pregaram-lhe com um coelho na cara, um coelho que estava pendurado pelas pernas, e por

um triz não ha uma desordem sangrenta na Praça, porque o tomaram por gatuno, que andava por ali, com incrível audacia e desvergonhamento, a fazer rapinancias.

A's vezes apeava-se dos electricos para verificar a lotação do Chora, e nunca deixava de chamar um policia, se o avistava ali proximo, para obrigar os passageiros a mais, a aliviarem o carro.

Usando e abusando da sua qualidade de Socio da Protetora obrigava os carroceiros a darem conta do pêso que transportavam, causando-lhes demoras inuteis, porque não havia maneira de verificar se mentia ou dizia a verdade.

Um dia, na Calçada do Combro, viu um magro cavaliqueques a puxar uma carga, que reputou excessiva para as forças do animalejo, e logo intimou o respectivo carroceiro a aliviar a carga ou pedir reforço d'outra cavalgadura, caso fosse mais da sua vontade. O carroceiro, que já o conhecia, e que por causa d'ele já pagara umas duas multas, furioso por que o cavalo não arrancava, e ainda mais furioso por que lhe moia a paciencia, deitou-lhe as mãos ao cachaço, e queria á viva força obrigar-o a dar uma ajuda, maneira indirecta de tornar a carga menos pesada.

Clamava, com furia, contra as touradas, e quando via, nos jornaes, que um toureiro, em Hespanha perdera a vida na arena, não se furtava a dizer baixinho, como que envergonhado de si proprio — bem feito — embora soubesse que essa morte tornava mais interessante o espectaculo.

Chamavam-lhe o Roseta, porque em assembléa geral da sua Sociedade propuzera, ficando a proposta para ser admitida n'uma segunda leitura, que as esporas, na cavalaria, não tivessem roseta, fazendo uma larga dissertação, substanciosa e erudita, sobre a educação dos animaes, susceptiveis, como as creanças, de se educarem sem pancadas.

A primeira voz que se ergueu contra o uso do aguilhão, foi a sua, propondo que se substituisse o aguilhão pelo chicote, á moda bóer. Quando os jornaes deram a noticia de se ter inventado na America um aparelho electrico para a execução dos condenados á morte, matando instantaneamente e sem dôr, ele propoz que se representasse ao Governo, no sentido de em todos os matadouros do Paiz se adoptar o maravilhoso instrumento. E ofereceu-se logo, pagando-lhe a viagem, para ir ver, nas mais importantes cidades americanas, como funcionava essa guilhotina de nova especie, expedita e humanitaria, encarregando-se de lá mesmo fazer estudar as modificações que seria necessario introduzir-lhe, adaptando-a ao fim proposto.

A seu pedido andava um actuario estudando a organização d'um Monte Pio só para cavalos, podendo mais tarde, quando a instituição já estivesse bem dirigida, alterar-se o respectivo Estatuto, sendo admitidos outros animaes, todos quadrupedes, pagando joia e quota. Depois, se a experiencia desse bons resultados, se procederia da mesma forma para com os outros viventes, ficando desde logo estabelecido que

no Monte Pío das Aves não seria permitida a inscrição dos melros.

A' sua porta não se dava esmola, e na rua, quando um desgraçado lhe estendia a mão, implorando cincoresinhos, ou fingia que era surdo, ou repelia o pedinte, com modos e palavras grosseiras — *vá trabalhar, que tem bom corpo; vá para o hospital, que tem lá casa e mêza de graça.*

Não constava que fosse membro de qualquer Associação de beneficencia, e prohibira a mulher de fazer parte d'uma comissão de senhoras, que se organisara na sua freguezia, para angariar donativos, de qualquer especie, destinados ás raparigas tuberculosas, incapacitadas de trabalhar.

— Se gastassem menos em luxo e mais na comida, já não se tuberculisavam.

Logo que foi declarado o estado de guerra, constando-lhe que de Portugal iria uma unidade completa de batalha, fez reunir extraordinariamente a Sociedade para tratar dos socórros a prestar em campanha, . . . aos cavalos, coitadinhos. Nunca fôra tão eloquente como n'aquella dia, a chorar sobre a sorte dos pobres animaes que a bruteza humana leva para os campos de batalha, fazendo-os ao mesmo tempo victimas e auxiliars dos seus crimes. Falou de S. Francisco de Assis, narrando alguns dos casos que andam na lenda franciscana, entre eles o do lobo que

tomou com o Santo o compromisso d'honra de nunca mais comer uma ovelha, um carneiro, um borrego, uma cabra, um bóde ou um chibo, passeando por entre os rebanhos, ás vezes esfomeado, como se fosse um cão de guarda, perdido o seu instinto carnicero.

E perorou :

— Todos os seres viventes são obra do Creador, tudo quanto ha com fôlego á superficie da terra ou na profundeza dos mares, tudo Deus formou da materia vil, insuflando-lhe o espirito divino, que outra coisa não é a vida. Por isso S. Francisco se considerou irmão de todos os animaes, irmão dos lobos e dos peixes, irmão dos pombos e das cotovias. A' semelhança do Poverêllo, embora sem os merecimentos que o tornaram grande em vida e o santificaram depois de morto; na hora tragica e incerta em que Portugal vae entrar na guerra, regando com o sangue generoso dos seus filhos e dos seus cavalos, os talados campos da Flandres, ergo um brado em favor dos nossos irmãos solipedes, victimas da iniquidade dos homens.

A assembléa aplaudiu, n'um delirio, e por aclamação foi votado que se organisasse uma Cruz Parda, destinada a proteger os animaes na guerra, não só dando-lhes a assistencia de que necessitassem, quando feridos, mas tambem garantindo-lhes um futuro sem privações, se por motivos da guerra viessem a inutilisar-se para o trabalho.

Como houvesse ainda alguns oradores inscritos, pediu licença para se retirar, declarando que daria o seu voto a todas as resoluções que fossem tomadas.

A' porta um aleijado, que para mais era cego, pediu-lhe uma esmolinha pelo amor de Deus, e como estendesse a mão, a tocar-lhe no braço, sacudiu-o como se fosse um animal asqueroso, atirando-lhe, em vez da esmola, uma praga.

— Não sei para que serve a policia! Não dá a gente um passo na rua que não se lhe depare um espectáculo d'estes, que até faz nauseas.

Quando chegou a casa, radiante como se tivesse ganho uma batalha, esfomeado como se tivesse feito um largo jejum, a mulher não tinha o jantar prompto. Havia um mez que estava sem creada, e a sua compleição franzina mal podia com o trabalho da casa.

— De janela, hein!

Habituada a maus tratos, a pobre quiz justificar-se com palavras mansas, mas êle, incendiado em co-lera, por entre grosserias e insultos, moeu-a de pancadas.

. . . Ainda resoavam na sala nobre da Sociedade as suas ultimas palavras, eloquentes e enternecidas, orvalhadas de lagrimas na defeza dos animaes, coitadinhos! . . .

---

## Sangue azul

---

— V. Ex.<sup>a</sup> ha de perdoar, mas ha perto de trinta annos que temos contas...

— E' certo; ha perto de trinta annos que temos contas, e nunca o senhor deixou de ser pontual e correcto.

— Mas como é, então, que o senhor conde...

— Eu lhe explico. O senhor é um republicano exaltado, embora, sincero, e eu não quero ter como rendeiro...

— Um republicano exaltado?... Mas bem sabe V. Ex.<sup>a</sup>, que eu sempre fui republicano, já o era quando tomei conta das propriedades que o senhor conde me arrendou!... A minha exaltação republicana nunca se traduziu em prejuizos para V. Ex.<sup>a</sup> quer levando-me a não pagar as rendas com a maior pontualidade, quer fazendo com que não cuidasse das suas propriedades como se fossem minhas. Republicano exaltado, desculpe o sr. conde, nunca fui, a menos que por exaltação se entenda inabalavel firmeza de convicções. Republicano, sim, fui-o sempre, sou-o desde que

me entendo; já o era quando tomei conta das propriedades que V. Ex.<sup>a</sup> me deu de arrendamento.

— Não ha duvida. Simplesmente antes da Republica feita eu não acreditava que ella se fizesse, de modo que o seu republicanismo tinha para mim a significação d'uma especie de mania absolutamente inofensiva... Digo-lhe mais — achava bem que houvesse republicanos, porque a ação fiscalisadora que eles exerciam sobre a politica e a administração continha os governos dentro de certos limites, evitando desmandos ruinosos. O sr. era republicano, e eu não ignorava que o fosse; nunca lhe pedi que votasse nos candidatos do meu partido, nem mesmo quando um d'esses candidatos... era eu. Reputava inhabalaveis os fundamentos da Monarquia, tão velha como a propria nacionalidade; era minha convicção que o throno resistiria a todos os embates, porque tinha raizes na alma da Nação. N'estas condições o seu republicanismo, como já disse, tinha para mim a significação d'uma especie de mania absolutamente inofensiva, uma tineta de que não viria mal ao mundo, a menos que se tornasse epidemica.

— E agora?

— Agora o seu republicanismo é uma afronta ás minhas convicções politicas e ás minhas crenças religiosas, é a negação das tradições que nobilitam o meu nome, e tambem é, pela extorsão dos impostos, uma ameaça á minha fortuna.

— Não me compete discutir com o sr. conde as vantagens ou desvantagens da Republica. Seria re-



publicano mesmo que os governos na vigencia da Monarquia, administrassem com superior intelligencia e irrepreensivel honestidade; continuaria sendo republicano mesmo que os governos da Republica juntassem a uma incompetencia manifesta uma flagrante improbidade. O que eu não percebo, sr. conde, é o que tem que ver a forma politica da Nação com as relações entre rendeiros e senhorios, estatuidas juridicamente em contracto, ou assentando simplesmente, como no meu caso, n'uma base de confiança mutua.

— E' possivel que tenha rasão; mas dispenso-o de tentar convencer-me, porque perderia o seu tempo.

— De modo que a resolução de V. Ex.<sup>a</sup> ?...

— E' absolutamente inhabalavel. No fim do anno eu tomo conta das propriedades, e o senhor arranja a sua vida como julgar mais conveniente.

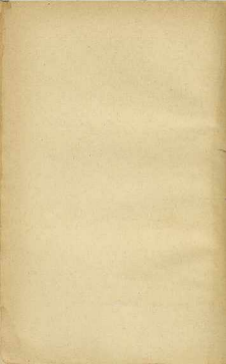
— Assim será, visto que o sr. conde quer que assim seja... Se lá no outro mundo o avô de V. Ex.<sup>a</sup> e o meu tivessem conhecimento do que se está passando entre nós, ambos o lamentariam com profunda e sincera magua.

— Porquê? O seu avô serviu a nossa casa?

— Não, sr. conde. O meu avô e o avô de V. Ex.<sup>a</sup> foram aprendizes de ferrador na mesma officina, e a amizade que ahi contrahiram durou a vida de ambos, estimando-se e ajudando-se como se fossem irmãos.

As voltas que o mundo dá, sr. conde!...

---



## Paixão fatal

---

Bem me quer... mal me quer...

Ficou-se, pensativa, os deditos em fuso, com unhas côm de rosa, segurando a petala branca, e os olhos negros, de veludo, pregados na areia seca, quasi tão seca como os seus labios em febre.

Bem me quer... mal me quer...

Vinham as ondas morrer na praia, e o seu confuso marulhar, como um sussurro prolongado, era uma cantilena ao sol poente, a sumir-se no horisonte em chamas.

Bem me quer... mal me quer...

Misteriosa é a linguagem das flôres, mas repugna acreditar que mintam, e as pessoas que sabem entendel-as afirmam a segurança dos seus juizos e a propriedade rigorosa das suas palavras.

Bem me quer... mal me quer...

Descia vagarosa a noite, e por sobre o mar infinito estendia-se um longo manto de névoa pardacenta e tenue, que tornava ainda mais confuso o marulhar das ondas levemente túmidas que vinham morrer na praia em espreguiçamentos de odalisca amorosa, a reviver, sonhando, lances de embriaguez voluptuosa.

Bem me quer... mal me quer...

Ergueu da areia seca — quasi tão seca como os seus labios em febre, os olhos negros de veludo, humidos das abundantes lagrimas que pela face lhe escorregavam, caindo sobre o seu branco vestido de noíva, tão branco como as petalas que arrancava ao malmequer, com os seus deditos em fuso, as unhas côr de rosa.

Bem me quer... mal me quer...

Caminhou, a passos lentos, calcando a areia sêca, para uma luzita que brilhava ao longe, hipnotisando-a sem a adormecer, ouvindo o marulhar confuso das ondas, como um sussurro prolongado, e crendo que uma voz a chamava, lá de longe, de muito longe, d'onde brilhava aquela pequenina luz intensa que a hipnotisava sem a adormecer.

Bem me quer... mal me quer...

Teve um estremeamento quando a primeira onda lhe beijou os pés, desfazendo-se em espuma, mas foi caminhando sempre, a passos lentos, os olhos presos áquela pequenina luz que de longe, de muito longe, a hipnotisava sem a adormecer, crendo que era de lá que partia aquela voz que a chamava, entre suplice e prometedora.

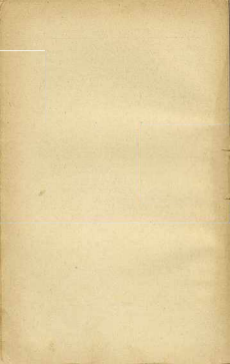
Bem me quer... mal me quer...

Aos primeiros clarões da madrugada, quieto e silencioso o mar, diafano e rôto o manto de nevoa pardacenta que a noite lançara por sobre as aguas, uns barqueiros que passavam viram o seu corpo, hirto e leve, como se fosse uma grande flôr recortada em neve boiando na placidez d'um lago adormecido.

Nos deditos em fuso, as unhas côr de rosa, segurava a ultima petala que arrancara á flôr homicida, como se fosse o punhal que vigorosamente cravara no coração, louca d'amor, nos desesperos de não ser amada.

Bem me quer... mal me quer...

---



## As dictaduras

---

As oposições vão intensificar o seu combate ao governo por ter violado a Constituição.

*(Dos jornaes).*

Chamava-se Constituição por ter nascido em 29 d'Abril, aniversario da outhorga da Carta pelo serenissimo duque de Bragança, o sr. D. Pedro IV. O avô andara nas luctas contra D. Miguel, e andou mais tarde nos movimentos da patuleia, furioso contra os Cabraes, a quem attribuia todas as calamidades da Nação.

Já velho, ainda se abrasava em odio quando narrava episódios das batalhas em que entrara, sem nunca ser ferido, como se tivessem medo d'ele as balas. De modo que ao nascer-lhe a neta, n'um amanhecer fresco d'Abril, ele notou logo a coincidencia, e disse para o filho, apontando a cachopita — hade chamar-se Constituição.

O prior da freguezia, descendente de miguelistas,

era ele proprio miguelista, sem rebuço dizendo por toda a parte que o constitucionalismo fôra uma das dez pragas do Egypto, a peor de todas, que caíra sobre a Nação.

Quando, a lavar o termo do baptismo, na sacristia, perguntou como se havia de chamar a menina, o avô usurpando os direitos do padrinho, respondeu— Constituição.

Serenamente o padre, interrompendo-se, colocou a pena no livro dos assentos, com o bico para fóra, e encarando com firmeza o contumaz e impenitente liberal, disse-lhe, quasi a soletrar as palavras:

— Este logar não é proprio, sr. Baptista, para se fazer politica. A menina não pode chamar-se Constituição, porque nome semelhante não figura no *flös sanctorum*, e nunca houve santa, que eu saiba, que se chamasse assim.

— Sei muito bem que n'este logar se não deve fazer politica, e muito lamentavel é que a faça quem menos devia fazel-a — o prior da freguezia. Eu não pretendi ofender o seu miguelismo, e o sr., negando-se a inscrever a menina com o nome de Constituição, não podendo basear o seu procedimento em qualquer disposição da lei civil ou do direito canonico, sequer ao menos em qualquer provisão vinda de Roma, propositadamente agrava os meus sentimentos liberaes, e insulta gratuitamente a memoria de quantos morreram nos combates travados contra o usurpador, fanaticos d'uma religião que o sr. não comprehende, a Liberdade, porque lha escurenta o negrume da batina.



— Se em vez d'uma menina fosse um menino, com o ataque de bertoeja politica que lhe chegou fóra de tempo, era capaz de querer que se chamasse Liberal.

— Não, senhor. Se em vez d'uma menina fosse um menino, queria que se chamasse Torquemada, para lhe ser agradável. Seria como se na Arvore da Liberdade, se o não ofendo, se fizesse um enxerto de Figueira do Inferno.

Por feliz acaso, encontrava-se ali, na qualidade de convidado, o juiz de direito, homem d'uma grande austeridade, por todos respeitado, nunca tendo lavrado uma sentença, condemnando ou absolvendo, que a opinião publica não reputasse justa. Era absolutamente neutral em politica; seu pae fôra soldado de D. Pedro, e um irmão do pae andára nos bandos de D. Miguel. Ele confundia a memoria d'um e outro no mesmo respeito, porque ambos tinham sido valerosos combatentes, cada um d'elles honestamente convencido que a sua causa é que era justa.

Sabendo que das palavras facilmente se passa aos actos, e vendo eminente o escandalo d'uma scena de pancada, quasi nos degraus do altar, o juiz interveiu, por todos escutado em silencio.

— O sr. padre hade desculpar, mas quer-me parecer que lhe não seria possivel justificar perante a auctoridade ecclesiastica a recusa de fazer o registo nos termos em que se pretende que ele seja feito. A lei permite tudo quanto não prohibe, e não ha disposição

legal, no profano e no religioso, que proíba registrar-se uma creança com o nome de Constituição.

Calaram estas palavras no animo do prior, fazendo-se o registo da menina á vontade do avô.

Filha de gente pobre, teve uma educação abandonada, sempre metida com os rapazes da vizinhança, escondendo-se pelos cantos, aprendendo palavrões, iniciando-se em deboches.

Ainda não era mulher e já conhecia toda a ladainha das vielas, espreitando á porta dos bordeis, n'uma grande ancia de curiosidade.

Um dia abandonou o lar paterno e foi viver em casa propria. Cêdo perdeu a frescura, aquele viço de mocidade que é uma forma especial da beleza. Entrava um, entrava outro, e com todos ella tinha as mesmas condescendencias, a todos prodigalisava os mesmos favores. Era uma baixa clientela a sua — fadistões cadastrados na policia, *souteneurs* de profissão, alguns com maneiras de gente fina e susceptibilidades fidalgas.

Na vizinhança toda a gente sabia quem era a Constituição, mas raramente ella apparecia á janela, e quando se apresentava na rua — affectava taes ares de senhora, que nem sombras de escandalo provocava a sua passagem. Nunca a policia se intrometeu na sua vida, e d'uma vez que a chamaram aos tribunaes, foi posta a excepção de incompetencia, e ella recolheu a sua casa, a continuar o seu fadario. Se fôra educada com mais recato, em creança, e a tivessem livrado

das más companhias, já mulher, outra seria a sua conducta, que o seu natural, diziam as pessoas que de perto a conheciam, não era vicioso nem era mau. Por isso, e porque na rua affectava ares de senhora, não provocando o menor escandalo, os que a não lamentavam, eram-lhe indifferentes.

Ora succedeu que uma noite, quando no bairro todos dormiam a somno solto, e o guarda noturno meditava, encostado a um candieiro, com a sua lanterna á cinta, de repente ouvem-se gritos afflitivos, desesperados, pedindo socorro — quem acode! quem acode!

Tudo acordou na visinhança, e muita gente saltou para o meio da rua, em fralda de camisa, supondo que tinha fogo no predio, embora não visse fumo nem chamas.

Os gritos vinham justamente da casa onde morava a Constituição, um predio velho, que fôra convento de frades, e como o guarda noturno, mais vigilante que a policia, fôsse o primeiro a acudir, foi ele o primeiro a saber do que se tratava. Predeu o homem contra o qual a Constituição pedia socorro, e a ela deixou-a em paz. Segurando-o por um braço, dispunha-se a leval-o para a esquadra mais proxima, a não ser que no caminho encontrasse um guarda a quem o entregasse. O homem não oferecia resistencia, e a todos dava a impressão d'um cynismo revoltante, calmo depois do crime que praticara... e que ninguem sabia qual fosse. Assediado de perguntas, vendo que o não deixariam caminhar se não

desse as informações que lhe pediam, o guarda nocturno explicou :

— Foi este sujeito que violou... que violou aquella menina — disse sacudidamente, apontando a Constituição, que assomára á janela...

O panico converteu-se em troça, uma d'estas troças que ficam na memoria dos homens, pelas gerações adiante.

— Olha a Constituição violada !... Olha a Constituição violada !

Retiniam as gargalhadas quebrando a serenidade d'aquella noite luarenta ; cruzavam-se no ar os comentarios picantes, os ditos apilharados, d'um realismo canalha, que faria córar, á luz do dia, um carregador da alfandega, e já o sol assomava na fimbria do horisonte, doirando os pontos altos da cidade, e ainda os habitantes do bairro, os que tinham vindo para a rua aos gritos de socorro, exclamavam uns para os outros, rindo descompassadamente :

— A Constituição violada ! Esta nem lembrava ao diabo !...

---

## Amor divino

---

Todas as noites, antes de se meter na cama, ajoelhava sobre uma almofada, em frente do oratorio, a resar as suas devoções. Não dormiria tranqüila, se uma vez só que fosse deixasse de cumprir essa especie de penitencia, a que se habituára desde pequenina, quando apenas sabia gaguejar o *padre nosso*, e raramente deixava de fazer na testa a cruz que devia fazer no peito. Por maneira que todas as noites, antes de se meter na cama, ajoelhava sobre uma almofada, em frente do oratorio, a rezar as suas devoções, parecendo-lhe que os santinhos lhe sorriam, amorosos, por entre flores de papel, onde ela via com magua a irreverencia das moscas. A todos adorava e queria muito, mas o Cristo occupava um lugar privilegiado nas suas devoções e nas suas aimpatias. Era, na verdade, uma linda imagem em bronze escuro, pregada n'uma cruzinha de pau preto, suspensa d'uma fitinha benta, que o seu noivo lhe tinha dado, n'uma romaria, antes de partir para Africa. As cartas que d'ele recebia, muito solícito em escrever-lhe, lia.

as fechando-se no seu quarto, ajoelhada em frente do oratorio, sobre uma almofada de suma-á-uma, e era como se as lesse ao seu adorado Cristo, pregado n'uma cruz. Tinha por certo que ele havia de preservar o seu noivo dos variadissimos perigos d'Africa, deferindo os seus rogos fervorosos, as suas enternecidas supplicas. Parecia-lhe, ás vezes, que ele ia decerrar os labios para lhe dizer que tivesse confiança, para lhe assegurar que os seus votos seriam exalçados, que as suas orações seriam ouvidas. E então lhe vinha um desejo louco de o beijar, de o meter no seio, do lado do coração, quasi dentro do peito, a sentir queimar-lhe as carnes, como a Santa Theresza, uma chama lubrica, embora divina.

Muito pudica, muito decente, quando acabava de resar as suas orações, ajoelhada sobre uma almofada, á hora de se deitar — o quarto froixamente iluminado por um candieiro de azeite, tapava o oratorio com uma toalha de rendas simples, e só então se desembaraçava das roupas brancas, metendo-se entre lençoes, com a camisa de dormir.

Ora succedeu que uma noite, já tinha voltado d'Africa o seu noivo, são e escorreito como para lá partira, ela deixou de ajoelhar sobre a almofada, resando as suas devoções, e como se esquecesse, no seu sonho de noiva que se entrega, de cobrir o oratorio com a toalha de rendas simples, que fizera pelas suas proprias mãos, e não servia para outra coisa, apenas metida na cama, louca d'amor, cortando o

silencio do quarto pequenino, que uma lampada sem vigor alumiaua froixamente, ouviu o Cristo gritar dentro do oratorio, n'uma furia de possesso :

— O' que grande pouca vergonha !

Durante o dia não se atreveu a entrar no quarto. refinindo-lhe aos ouvidos aquela apostrofe violenta que o seu adorado Cristo soltara, e que seria talvez a condenação da sua alma, apanhada em flagrante pecado de luxuria.

Como fôra possivel toldar-lhe assim o juizo a embriaguez d'um gôso que não seria menos intenso pela facto de ser mais recatado, a volupia d'um prazer que ainda seria dôce se o temperasse um bocadinho de pudor ?

Nunca se despojava da roupa branca para se meter na cama, tendo resado as suas devoções, sem tapar o oratorio com uma toalha de rendas, e esta pratica era sem duvida agradavel ao Cristo, porque ella bem via que elle tinha o ar de lh'a agradecer, prestes a descerrar os labios para lhe dar as boas noites. Perante a sua consciencia reconhecia-se duplamente pecadora ; mas seria possivel que lhe não perdoasse o Cristo, elle que perdoára á Magdalena, pecadora toda a vida, fazendo do pecado a sua profissão ?

Na outra noite, quando ajoelhou sobre a almofada, a resar as suas orações, os olhos mortificados do muito que chorara, a face macerada do muito que so-

frera, pareceu-lhe que o Cristo se tinha deslocado na sua cruzinha de pau preto, e como o fixasse muito, a querer adivinhar na sua inalterabilidade de bronze o sentimento que lhe inspirava agora, desfolkada a sua corôa de inocencia, bem via que ele já não lhe sorria como antigamente, e quiz-lhe parecer que os outros santinhos, mais livres que Jesus, escondiam a cabeça para traz das flores de papel, onde ele nem via agora a irreverencia das moscas.

E nunca mais se meteu na cama, tendo resado as suas devoções, sem cobrir o oratorio com uma toalha branca de rendas, que não servia para mais nada, e ela fizera por suas mãos.

---



## O ultimo a saber

---

Era uma vida infernal, de manhã á noite, todos os dias, incluindo o domingo e festas. Casára-se para viver tranquilo, mas por um engano desculpavel em quem não tem pratica, imaginando que casava com uma mulher, casara com uma fera. Por mais d'uma vez acreditou que ela ia bater-lhe, mas então arregalava-lhe muito os olhos, mostrava-lhe os punhos cerrados, e assim a continha em respeito. Era uma vida infernal, de manhã á noite; mas habituara-se áquilo, de tal maneira que, em passando um dia fóra, a tratar de negocios, tinha a impressão que lhe faltava alguma coisa, sem se aperceber bem do que era. E' o caso do moleiro que acorda quando a moinho pàra; o caso do soldado, nas trincheiras, que pega no somno quando o bombardeio é mais intenso, e acorda quando o fogo cessa. Custava lhe imenso atura-la; mas algumas vezes dava por si a estranhar que ela o não increpasse por qualquer motivo, o não descompuzesse por qualquer razão e essa estranhesa, sem que ele de tal se apercebesse, era um desejo. O homem

é um animal de hábitos, e mesmo os hábitos que o incomodam, *à la longue*, tornam-se-lhe necessários.

Os seus beijos pareciam beliscões, e assim mesmo só lhos dava com muita parcimonia, economisando-os como se valessem dinheiro. No seu vocabulário não havia os diminuívos affectuosos que empregam, com variavel frequência, as mães e as esposas — as mães para quem os filhos são adoraveis bocados da sua carne — *caro mea*, as esposas que são bem a metade, a mais delicada e sensível metade do marido.

Uma coisa o consolava no meio da vida negra que tinha em casa — a fidelidade da esposa. Oh! lá quanto a isso estava perfeitamente descançado. E, comtudo, pequenos nadas tinham ocorrido de molde a abalar-lhe a confiança conjugal.

Um dia, estando na varanda, á espera que puzessem o jantar na mēza, ouviu altercação forte na cozinha, e prestou um pouco de atenção, só para se informar. A creada pareceu ficar esmagada sob a avalanche de improperios que a patrão lhe atirava, como se fossem pedras, e fazendo um esforço sobre si mesma, não fosse escapar-lhe uma acusaçãõ grave, em voz baixa, quasi sumida, articulou estes dizeres :

— A senhora bem sabe que se eu quizesse falar tinha muito que dizer.

Sentiu ganas de pôr a moça em confesso, mas logo pensou que esse rebate de ciúme, o primeiro em toda a sua vida de casado, seria ridiculo para si e escusadamente vexatorio para sua esposa, que nunca lh'o perdoaria.

Encolheu os hombros e deixou-se ficar, como se nada tivesse ouvido.

Desabafos insolitos de sopeira repreendida...

Já depois d'este episodio entrou no chapeleiro, para comprar um chapéo.

— Vamos a ver a medida.

— Não é preciso, que eu sei qual é — sessenta centímetros.

— Isso varia, disse o chapeleiro, olhando de soslaio para uns sujeitos que estavam na loja.

E muitas coisas n'este genero, todas elas insignificantes, mas podendo muito bem pôr de sobreaviso outro que não tivesse como ele uma infinita confiança na mulher. Era uma fera; mas lá no capitulo honestidade, pediria meças á Lucrecia, aquela famosa patricia romana, que para não apparecer ultrajada perante o esposo, vilmente atraído, cravou um punhal no coração, preferindo a morte á deshonra.

Um dia, estando a jantar, recebeu um telegrama do Porto, chamando-o ali com toda a urgencia, por motivo de negocios. A demora seria pequena, um dia, dois dias; mas como era da mais rigorosa pontualidade nas suas contas, recomendou á mulher, já a descer a escada, que no caso de vir alguma factura a pagamento mandasse ou fosse pedir o dinheiro necessario ao Lopes, com mercearia na visinhança, seu amigo desde os bancos da escola primaria. Na verdade houve necessidade de pagar uma factura, mas nem pela cabeça lhe passou pedir dinheiro ao Lopes.

— Disse que voltassem no dia seguinte, a qualquer hora, e escrevi a meu irmão José, dizendo-lhe o que era passado. Mandou-me logo o dinheiro pelo mesmo portador que levava a carta. Bem sabes a fama que tem o Lopes, um fraste que mede todas as mulheres pela mesma bitola.

Era um féra; mas em solteira nunca doidejou com namoros, e depois de casada era d'uma severidade que poria a muitas leguas de distancia o atrevido D. João, o descarado Lovelace que ousasse dizer-lhe uma palavra equivocada em que se contivesse uma infinitissima parcela de *avance* amorosa.

Ora succedeu que na quinta-feira da Ascensão, tendo elle saído de casa logo de manhãzinha, a mulher abandonou o lar domestico, explicando-lhe n'uma carta laconica que ia procurar, junto do amante idolatrado, a felicidade que não encontrara n'uma união legitima.

No outro dia o chapeleiro, mal o viu:

— Então, visinho, hontem apanhou a espiga?

E elle, muito convicto, como quem diz a coisa mais natural do mundo:

— Não senhor, não apanhei; livre-me d'ella. E que espiga!

Ainda ninguem sabia, na vizinhança, que lhe tinha fugido a mulher.

---

## Hora legal

---

No proximo dia 17 a meia noite será ás onze horas, ficando assim estabelecida a hora oficial.

*Diario do Governo.*

O registo tinha de fazer-se até ao meio dia, porque um dos padrinhos, brasileiro de torna-viagem, devia embarcar ás tres horas, com destino ao Rio. De modo que a Repartição a abrir, o pai do menino a entrar, acompanhado dos seus dois compadres. Não se demorou o official, contrariando velhos habitos, e assim que entrou no seu gabinete, mobiládo com estrema pobreza, meteu mãos á obra.

- O menino nasceu?...
- No dia 17.
- A que horas?
- Eram onze e meia da noite.
- Não pode ser!...
- Como é que não pode ser? Eu sou o pai do

menino, e verifiquei a hora precisa do seu nascimento.

— Tudo isso será assim, mas eu sou funcionario publico e tenho de observar rigorosamente as leis da Republica.

— O que eu não percebo é o que tem que vêr as leis da Republica com a hora a que uma pessoa nasce, a não ser para dela se fazer registo.

— Ora ahi está . . . Eu não posso fazer registo duma hora que as leis da Republica aboliram. Ninguem nasceu, ninguem morreu, ninguem existiu na hora a que o senhor pretende que veiu ao mundo o seu menino.

O registo não se fez, está bem de vêr, mas no dia seguinte, o «Diario do Governo» publicava este decreto, que a todos e a tudo dêu satisfação :

«Artigo 1.º — Ficam sem efeito os nascimentos e os obitos que tiveram lugar entre as onze horas e a meia noite do dia 17 de junho de 1916.

§ unico — Aos individuos nascidos ou mortos nas condições deste artigo, não querendo tornar a nascer ou morrer, será permitido justificarem na repartição do registo civil do seu bairro ou freguesia, abonando-se com testemunhas idoneas, que motivos de força major os obrigaram a nascer ou morrer fóra das horas legais da Republica.

Art. 2.º — Fica revogada a legislação em contrario.»

## Ser ou parecer . . .

---

Quando chegou á porta, alta e espadaúda como um *cuirassier en jupons*, viu na sua frente quatro homens de aspecto ameaçador. armados de pistola, que lhe embargaram o passo. Um d'elles, com ar de chefe, metendo-lhe a arma á cara, sentenciou com firmeza, n'um tom de voz em que havia acentos de colera :

— O cavalheiro, ou se entrega sem resistencia, ou eu lhe meto uma bala na cabeça.

Ficou atonita, sem perceber o que aquilo significava, a chamarem-lhe cavalheiro, não obstante os seus trajos femininos, sem consideração pelo seu aspecto senhoril, o peito montanhoso arfando dentro do espartilho, e o cabello farto, de longas tranças, com muito geito acomodado n'um pequenino *canotter*.

— O senhor disse ? . . .

— Disse que o cavalheiro, ou se entrega sem resistencia, ou eu lhe metto uma bala na cabeça.

— Mas . . . os senhores bem vêem que eu sou uma

senhora, e ainda estamos longe do carnaval para scenas d'estas. . .

Recuou dois passos, mas não pode fechar a porta, porque os quatro homens entraram, n'um salto, sempre com as armas em punho, e o que tinha ar de chefe, robusto como um Hercules de feira, rugiu uma ameaça de morte, que a fez perder a côr.

— Nada de brincadeiras ; o cavalheiro está preso, e assim mesmo como está, acompanha-nos á esquadra.

Deixou-se cahir em cima d'uma cadeira de verga, atonita como quem se encontra de repente em face d'um espectaculo inverosimil. Chorou, implorou, cahiu de joelhos aos pés do homem que tinha ares de chefe, mas as suas lagrimas não o commoveram, os seus rogos deixaram-n'o insensivel como se fosse um bonzo de pedra.

A' Policia de Segurança tinha chegado a denuncia de que *um* temivel conspirador, disfarçado em mulher, se instalara em Lisboa, provido de muito dinheiro, pois gastava á larga, não recebendo pessoa alguma em sua casa, mas realisando conferencias diarias com os mais cotados realistas, hoje aqui, amanhã além, variando amiudadamente os pontos de reunião para não dar nas vistas. Na posse d'esta denuncia, feita em termos de produzir uma grande impressão de verdade, a Policia poz-se em campo, e não tardou muito em farejar a pista que a levou á descoberta apetecci-



da, realisando uma façanha que não ficaria sem recompensa.

— O cavalheiro está preso e assim mesmo como está, acompanha-nos á esquadra.

As suas lagrimas não comoviam o homem que tinha ares de chefe: os seus rogos era como se fossem dirigidos a um bonzo de pedra.

Mas então . . .

Subitamente iluminada, como se um raio de graça divina, atravessando-lhe a cabeça, puzesse em ordem as suas ideias confusas, barulhadas como n'um delirio desconexo ou como n'um sonho macabro, ergueu-se com muita serenidade, pousou a malita sobre a cadeira de verga, limpou os olhos enevoados das lagrimas, e encarando o homem que tinha ares de chefe, resoluta como quem joga uma cartada decisiva :

— Está bem; o cavalheiro acompanha-me ali, áquelle quarto, e os seus companheiros esperam aqui um instante. Suponho que não terá medo! . . .

Entraram, ella adeante, elle seguindo-a de pistola em punho, tendo recomendado aos outros, n'um olhar, que estivessem vigilantes, e ao mais pequeno signal entrassem sem pedir licença.

Não foi preciso.

Quando já tinha passado uma longa meia hora, um d'elles, batendo na porta com as juntas dos dedos, lembrou ao chefe que ainda ali estavam.

Fez á pressa a sua toailete, acomodando o peito montanhoso no espartilho sem barbas, e o cabelo far-

to, de longas franças, no pequenino *canotier* que parecia ter sido comprado para uma cabeça de menor volume.

Já com a mão na chave, que correra, á cautela, quando entrara acompanhada do homem que tinha ares de chefe, estendendo-lhe os beiços, n'uma manceia:

— Então ? . . .

— O' filha! com um bigode d'esses, alta, forte, desembaraçada como um homem. . . Quem te denunciou á Policia não fez uma parte carregada ; limitou-se a dar os signaes que te identificam, com rigoroso escrupulo de exactidão. Não me tenho na conta de pessoa feroz ; no desempenho das minhas obrigações propendo mais para a brandura que para a violencia. Pois bem. Quando eu te disse que te meteria uma bala na cabeça se não te entregasses sem resistencia, senti tremer me o dedo no gatilho do revolver, sendo milagre que não desfechasse, tão convencido estava de me encontrar na presença d'um terrivel conspirador, tão valente como atrevido, disposto a vender cara a liberdade, dando por ela sem regatear, a propria vida.

— E' preciso não confiar demasiado nas apparencias, porque elas muitas vezes enganam. E visto que já sabe onde mora este terrivel conspirador, faça o seu dever, exercendo sobre ele a maior vigilancia. Mas sem pistola, que as armas de fogo metem-me medo. . .

## Os jacobinos

---

— Perdão ; o cavalheiro pôde criticar á sua vontade as leis da Republica, mas só por ignorancia ou má fé negará que a lei da Separação é a lei base do Regímen.

— Está perfeitamente enganado ; a Republica não precisava d'esse alicerce, e estou certo de que sem ele teria mais consistencia e firmeza.

— O senhor é tolo !

— E o senhor, além de tolo, é malcreado.

Cresceram um para o outro, trocaram dois sopapos, e, como os separassem immediatamente, abalou cada um para seu lado, resolvido a mandar testemunhas ao outro.

Ambos reclamavam a qualidade de ofendido, mas essa reclamação era *pró fórma*. Queriam bater-se. Assentou-se em que o duelo seria á espada, só terminando quando houvesse da parte de algum d'elles manifesta impossibilidade de continuar.

Ao primeiro assalto, ficou um ferido no hombro

direito, e o outro levemente arranhado um pouco acima da linha do sangradouro. Via-se que não estavam ali para que constasse das actas terem-se batido com galhardia, mas para vingarem uma afronta grave.

Quasi ao fim do segundo assalto, feridos ao mesmo tempo, os dois estacaram, deixando cair a espada, um tocado no peito, abaixo da clavicula esquerda, e o outro tocado no ventre, justamente sobre a linha branca.

Ao cabo de tres longos mezes de tratamento, suspensos entre a vida e a morte, os medicos que os tratavam deram-lhes alta, e foi como se Lazaro se erguesse da sepultura, correndo a encher os olhos de luz, respirando o ar com força, porque diluido n'ele havia a liberdade.

Cruzaram-se á porta da mesma livraria, na rua do Ouro, o que saía demorando-se no *trottoir*, a receber os abraços dos amigos e as felicitações d'um condiscipulo que chegara na vespera, e só então soubera do sucedido.

— Tem a lei da Separação? Gostava de a ler...

— Não tenho; o ultimo exemplar vendi-o agora mesmo, áquele senhor que além está, e que saía quando v. ex.<sup>a</sup> entrava.

---

## Exposição de rosas

---

Ha flôres tão lindas!

Se ellas tivessem representação parlamentar, como deviam ter, já seria lei do paiz uma disposição n'estes termos :

*Artigo 1.º — Todo aquelle que colher uma flôr, não se provando nos autos que procedeu na embriaguez dos seus perfumes, será condemnado á pena ultima.*

*Art. 2.º — Fica revogada a legislação em contrario.*

Colher flôres, não é verdade? quasi equivale a decapitar creanças, e mal se comprehende que os dois factos não tenham a mesma sancção penal.

Uma *vitrine* em que se expõem rosas dá-nos a impressão d'uma pequena *morgue*, em que se expuzessem creancinhas mortas, tão brancas umas como se tivessem perdido o ultimo bafejo de vida com a ultima gôta de sangue, e tão córadas outras como se as tivesse afogado uma onda apoplectica.

Ha flôres tão lindas!

Ainda hontem, ali em baixo, na rua do Carmo, nós parámos a ver duas rosas brancas, muito brancas, que n'uma *vitrine* modesta, entre cravos e papoilas, punham n'um destaque doloroso a sua palidez nevada.

Quem sabe?

As almas puras que não ascendem aos astros, para nos sorrirem lá de cima, no fulgor das estrelas, procuram talvez a raiz das plantas mais delicadas, e sobem, diluidas na seiva, pelo tronco e pelos ramos, cristalizando em flôr aos beijos fecundantes do sol.

Ha uma vida universal, particularisada em cada individuo, seja homem, pedra ou flôr, e quem diz vida diz consciencia, tomando esta palavra no significado biologico que lhe compete.

Aquellas rosas brancas, muito brancas, deante das quaes hontem parámos, ali em baixo, na rua do Carmo, estamos certos de que foram n'outro tempo a alma ingenua de raparigas virgens, mortas de tísica n'uma agonia lenta, ainda não acordara n'ellas o instincto de femeas.

Sabe-se lá o que sofre uma flôr, quando a colhem?

Tempo virá em que a sua linguagem seja comprensiva para nós, creaturas cheias d'orgulho, indiferentes á dôr alheia, quando ella não tortura alguém, seja quem fôr, que nos toque de perto, e nem sequer acreditando que sofra quem não exteriorise, como nós, o sofrimento.

Ha flôres tão lindas!

N'algumas o perfume é capitoso — embriaga como um vinho forte; n'outras a polychromia é tão rica que dir-se-ia uma fonte luminosa. Saber-lhes o nome é já estimal-as menos, e descrevel-as como um naturalista é quasi a mesma coisa que profanar uma creança, pondo-lhe mãos impuras sobre as carninhas tenras.

Não devia ser permitido a ninguem tocar-lhes, quanto mais colhel-as, porque ellas tem o seu pudor, que é preciso não ofender, e têm a sua vida, que é preciso respeitar.

Não é duvidoso para nós que em muitas ha o orgulho das raças aristocraticas, n'outras a humildade das raças condemnadas, e já por mais d'uma vez notamos que a vaidade é um sentimento tão vulgar n'ellas como nas pessoas.

A petulancia d'uns cravos que vimos hontem, na rua Nova do Almada, exhibindo-se na montra como os estoiradinhos da alta á porta da Havaneza! A *pose*, cheia de vaidade, d'umas rosas vermelhas que adornavam uma vitrine de joalheiro, e que tinham o ar de nos dizer que toda aquella riqueza fôra ali collocada só para dar realce á sua belleza!

Foi outro dia...

Tinhamos aquí, viçosa ainda, mal arrancada da haste, uma linda e enorme *Paul Neyron*, que sorria, vaidosa, ao nosso enlevo de namorado. Senão quando uma creança entra, pouco maior do que ella, muito mais linda do que ella, e vem sentar-se junto de nós, envolvendo-a nos seus olhares, macios como o veludó, d'uma doçura infinita.

A' noite, como vissemos triste a linda *Paul Neyron*, discretamente, perguntámos-lhe o que tinha . . .

— *Vi-me no espelho dos seus olhos, e mata-me o desespero de não ser linda como ella.*

Disse, e pendeu sobre a haste fragil, mergulhada num solitario esguio, de vidro facetado, indo encontrá-la, na manhã seguinte, desfolhada sobre a secretária, parecendo-me que morrera sem agonia, mais admirada que invejosa da belesa e graça da creança que na vespera, á luz froixa do gaz, vira sentada junto de nós, envolvendo-a nos seus olhares macios como o veludo, duma doçura infinita.

Que nunca ella saiba, a querida *Borboleta*, que uma vaidosa *Paul Neyron* morreu a invejar-lhe a belleza — de que ella, todavia, não tem sombras de vaidade.

---



## Reconciliados !...

---

Hontem, na recepção do Paço, os srs. João Franco e Hintze Ribeiro, de relações cortadas ha muito tempo, reconciliaram-se.

*(Dos jornaes).*

— Meu caro João!

— Meu caro Ernesto!

E cahiram nos braços um do outro, como se fossem amantes que se reconciliam, ou como se fossem velhos amigos que se encontram ao cabo d'uma longa ausencia.

— Acreditarás que nunca te quiz mal?

— Será preciso jurar-te que guardei sempre, no fundo do coração, o culto da nossa amizade?

— Como tu és bom, João!

— Como tu és magnanimo, Ernesto!

E novamente cahiram nos braços um do outro, como velhos amigos que se encontram ao cabo d'uma longa ausencia.

Parecia-lhes agora um sonho, aquella quebra de relações, sem um motivo sufficiente, sem uma razão cabal, unicamente porque um dia, como as creanças, apeterceram ambos o mesmo brinquedo ou a mesma guloseima, e a nenhum ocorreu o juizo de Salomão, no caso das duas mães. Teria sido tão facil entenderem-se!

— Não é verdade, João?...

Tinham se ligado naturalmente, desde o dia em que se encontraram na mesma estrada, cheios de fé, a caminho dos seus destinos gloriosos! Vinham ambos de muito longe, d'um paiz de chimeras, bachareis como toda a gente, e como todos os bachareis erguendo os olhos ao alto, ao mais alto das honrarias mundanas, e pondo lá, entre esplendores de apothese, a mais forte das suas ambições, o mais vivo dos seus desejos. E porque a união faz a força, irmãos pelo caracter, eguaes pelo talento, um ao outro juraram protecção e amparo — como nos bons tempos medievaes os soldados da mesma legião assignavam com sangue o pacto de acabar um onde morresse o outro, o mesmo golpe prostrando os dois, e os seus olhares cruzando-se já sem brilho, n'um deradeiro protesto de amisade, que iria talvez continuar para além da vida, n'outros mundos, quem sabe?...

— Meu caro João!!...

— Meu caro Ernesto!...

E durante largos anos, irmãos pelo caracter,

eguaes pelo talento, soldados da mesma legião, apóstolos do mesmo credo, sacerdotes do mesmo templo, evangelistas da mesma fé, durante largos anos caminharam juntos, prégarão a mesma cruzada, terçaram as mesmas armas, feriram os mesmos combates, alcançaram os mesmos triumphos, cobriram-se da mesma gloria. Nem era facil distinguil-os, irmãos pelo character, eguaes pelo talento, vindo ambos de muito longe, d'esse paiz phantastico do bacharelismo inconsciente, e pondo ambos no mais alto das honrarias mundanas, entre esplendores de apotheose, a mais forte das suas ambições, o mais vivo dos seus desejos.

— Meu caro João ! . . .

— Meu caro Ernesto ! . . .

Parecia-lhes agora um sonho aquella quebra de relações, sem um motivo sufficiente, sem uma razão cabal, unicamente porque um dia, como as creanças, tinham apetecido ambos o mesmo brinquedo, tinham ambos desejado a mesma guloseima, e a nenhum ocorrera o juizo de Salomão, no caso das duas mães. Teria sido tão facil entenderem-se !

— . . . Como se nada tivesse havido, não é verdade, meu caro João ?

— . . . Como no primeiro dia do nosso encontro, meu caro Ernesto.

E novamente cahiram nos braços um do outro, co-

mo se fossem amantes que se reconciliam, ou como se fossem velhos amigos que se encontram ao cabo d'uma longa ausencia, e marcham pela mesma estrada, a caminho dos seus destinos gloriosos, pondo a sua ambição mais forte, o seu mais vivo desejo no mais alto das honrarias mundanas, entre esplendores de apotheose.

— Como tu és bom, João!...

— Como tu és magnanimo, Ernesto!...

De longe, assistindo ao desfilar d'um cortejo interminavel, rescendendo á frescura das suas dezenove primaveras, o Rapazote apercebe os dois amigos nos braços um do outro, e não póde reprimir o seu espanto.

— Olha, papá, não queres vêr?...

E como se realmente não quizesse vêr, voltando-se para o Marquez, em voz baixa:

— Repara n'aquella gaja que além está, de vestido *gris-perle*, muito séria, como se fosse uma das virtudes theologaes...

— E' uma mulher soberba.

— Pois já cá canta...

---

## A penitencia

---

Hontem o Nuncio assistiu ao espectáculo, em S. Carlos, representava-se a Passagem do Mar Vermelho.

(*Dos jornaes*).

— E' curioso! Tinham-me dito que as damas vinham escandalosamente decotadas, n'um *à vontade* quasi libertino...

— Como constou que vossa eminencia viria hoje...

— Mais uma razão para virem como de costume. A esthetica é sempre moral, e na completa nudez d'uma mulher bella, ha o quer que seja de divino.

— Quem ouvisse falar assim um ministro da Igreja...

— Diria que esse ministro da Igreja é um homem, e poderia acrescentar que esse homem, mesmo que houvesse nascido em Roma, nas imediações do Vaticano, não teria cantado nunca na *Capela Sixtina*.

— A musica é linda...

— Pois sim, mas a gente é estúpida. Um theatro não é uma igreja, onde convem não mostrar a carne para fugir ao pecado da luxuria.

— Se vossa eminencia quer retirar-se...

— Não ; havemos de ficar até ao fim. Provavelmente aquella gente do palco, depois de atravessar o Mar Vermelho põe a farpela a enxugar, e pode ser que alguma coisa se mostre, digna de ser vista.

— Vossa eminencia já reparou, em frente...

— Ha quanto tempo ! Parece uma pintura do Jordans, com um colar de chouriços.

— Mas dizem...

— Qual historia !... Faz o que pode para agradar, mas não pode muito. E então agora, já no entardecer, com os seus quarenta bem puxados...

— Parece mais nova.

— Sem filhos, não admira.

— O marido creio que...

— E' um bom catholico... Disse-me, um dia, que enganava a mulher. Ella estava tão perto de nós, que ouviu. Por um triz não estraga tudo, com um froixo de riso.

— E a penitencia, se confessou o pecado?...

— Leve. Disse-lhe que fosse a Roma, ajoelhar aos pés do Papa, e confessar a culpa, indo depois a Jerusalem, arrepender-se sobre o santo spulcro.

— Peregrino e cavaleiro...

— Com bordão e armadura.

---

## Preparemo-nos... e vão...

---

Aparecia á frente de todas as manifestações patrióticas, e sempre dominavam a algazarra da multidão os seus gritos de *Viva a guerra!*

Puzera-se de mal com todos os parentes, só por eles não terem, como ele, o fervoroso culto de Marte, e um providencial excesso de coragem livrava-o de conflictos sérios, com amigos inclinados á paz.

Em apanhando tres companheiros de feição, assinado o passaporte na taverna mais proxima, lá iam todos de longada á Servia, afirmando-lhe a sua grande simpatia e a sua maxima admiração, raivosos porque os *traidores* não deixavam que Portugal entrasse no conflicto, a cobrir-se de glorias. Os traidores, bem entendido, não eram os que pretendiam que Portugal faltasse aos seus mais nobres compromissos, negando á Inglaterra, velha aliada, o auxilio que ela nos pedisse, com fundamento em multiplos tratados de aliança e amizade. Traidores eram os que pretendiam que Portugal, a ter de entrar na refrega, entrasse

como aliado da Inglaterra, e por virtude d'essa aliança, honrando os seus compromissos não apenas com rigorosa exactidão, mas com manifesta generosidade.

O heroismo, como o suor, vinha-lhe á pele no delirio das manifestações patrióticas, e era de vêr o arreganho com que ele ameaçava os *covardes*, abraçado em coleras sagradas. Nas conferencias em que se procurava orientar o sentimento publico no sentido da guerra, ele era dos que aplaudiam com mais estrepito, era dos que se manifestavam com mais ruido, e invariavelmente, apenas o conferencieiro fechava a torneira dos patrióticos dislates, ele erguia-se vermelho como um tomate maduro, e enchendo d'ar o arcabouço taurino, berrava com toda a força dos seus pulmões de bronze — *Viva a guerra! Abaixo os traidores!*

Repetia, como um papagaio, tudo o que ouvira, tudo o que lêra com respeito á nossa participação no conflicto mundial, aliados da Inglaterra, ficando para sempre deshonrados se lhe negassemos o auxilio que ela nos pedira, e afirmava a existencia d'esse pedido como se tivesse visto, como se tivesse lido a respectiva nota diplomatica. Havia quem negasse a existencia d'essa nota — eram os maus republicanos, os maus portuguezes, traidores e covardes. Um dia, em conversa amena de café, um amigo por quem ele tinha a maior estima e a mais alta consideração, afir-



mou-lhe que, de facto, a Inglaterra pedira a nossa intervenção, mas que o fizera muito instada por nós para que o fizesse. Serviu-lhe isso para d'ahi em diante afirmar, com inhabalavel segurança, que o nosso auxilio fôra pedido, e berrava, quasi a romper as guelas, que a respectiva nota diplomatica lá estava no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, não se tendo ainda publicado nos jornaes, sem a falta d'uma letra, na integra, por conveniencias da politica internacional. De resto, acrescentava ele, repetindo como um echo o que ouvira em discursos, o que lera nos jornaes — deviamos entrar na guerra, mesmo contrariando a nossa Aliada, para salvarmos as colonias.

Era uma vergonha, andarem as Nações todas aos tiros umas contra as outras, n'uma febre de morticínio como não havia exemplo na Historia, e nós para aqui de braços cruzados, pouco nos importando que a Força triumphasse do Direito, que o Crime triumphasse da Justiça, que a Barbaria triumphasse da Civilisação.

A muitos dava a impressão d'uma féra á solta, procurando victimas para saciar a sua ancia de sangue e a sua fome de carne; a outros dava a impressão d'um malandrete a soldo, sem vislumbres de paixão, sem a menor sombra de sinceridade, para fazer a propaganda truculenta d'uma causa que não tinha raizes no sentimento nacional.

A apreensão dos barcos alemães, surtos no Tejo, em Março de 1916, levava a Alemanha a declarar-nos guerra, não se dispensando de o fazer por ma-

neira a vexar os nossos brios e ofender o nosso orgulho de Nação independente.

Vassallos da Inglaterra!

Mas se assim fosse, ha muito seríamos beligerantes, desde a primeira hora, correndo a sorte da Nação soberana desde que ella pegara em armas. O facto de nos conservarmos neutros andando já ateadada a guerra, era a affirmacão cathgorica, absoluta, insophismavel da nossa independencia, povo soberano que só uma vez, e por breve tempo, no longo curso da Historia, sofrera a dominação estrangeira.

Vassallos da Inglaterra!

Uma semelhante afronta, gratuita e calculada, exigia estrondosa desforra, e antecipadamente a tirara o Almirante que no Mar da Palha batera a esquadra alemã, ancorada no Tejo desde o começo das hostilidades. Troara o canhão de bordo, intimando os navios boches a se entregarem, e dentro em pouco a bandeira nacional, triumphante e gloriosa, como que gritava a todos os ventos, para que se ouvisse no Orbe, que no seu primeiro recontro comnosco o inimigo fôra derrotado.

Logo se organisou uma grandiosa manifestação ao marinheiro que inscrevera na historia maritima de Portugal uma pagina mais bela, mais épopeica que a de Trafalgar. Milhares de cidadãos se reuniram, seguidamente ao jantar, no Terreiro do Paço, soltando gritos de saudação, de reconhecimento patriotico, ao vencedor do Mar da Palha. A luz um bocadinho baça dos olophotes, incidindo sobre a multidão, dava-

lhe os ares d'uma horda incendiada em furias mavor-ticas, preparando-se para um combate homérico.

Uma voz se ergueu, formidanda, imperativa, rouca do muito que já tinha berrado :

— Vamos á Servia !

Era o remate de todas as manifestações patrióticas, a respeito de cuja composição dizia um diplomata estrangeiro, já farto de os aturar : — *Ils sont toujours les mêmes.*

Veio o decreto de mobilisação, e a partir d'esse momento começou ele a ser menos estrondoso nos seus enthusiasmos guerreiros, reclamando ainda a nossa intervenção, mas já calculando que poderia muito bem vir a ser colhido na rêde se a mobilisação se fizesse nos termos em que estava decretada.

Que os militares fossem para a guerra, achava bem; mas que os civis, ainda na idade de pegar em armas, fossem arrancados ás suas occupações para os lançarem nos campos de batalha, isso é que lhe parecia mal, e contra tal abuso e violencia protestaria, se ela viesse a consumir-se.

A mobilisação fôra o Thabor em que o miseravel se transfigurara. Afirmava por toda a parte, em publico e raso, que a Inglaterra não invocara tal os tratados para nos pedir um auxilio militar, e intimava os intervencionistas contumazes a desmentirem-n'o com provas, as irrecusaveis provas que deviam estar no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, expressas em notas diplomaticas.

O risco de perdermos as colonias ?

Mas era evidente que as perderiamos se a Alemanha vencesse, quer entrássemos, quer não entrássemos na guerra, e seria monstruosamente absurdo admitir que também as perderiamos se a Alemanha fosse vencida, praticando contra nós, os vencedores, um dos maiores e mais repulsantes crimes da Historia.

Como estivesse na idade de pegar em armas, quando chegou a vez aos da sua freguezia, levando n'algieira um atestado medico em que se jurava que tinha vertigens, apresentou-se á Junta de inspeção. Um *perfeito animal*, disseram os da Junta, ao caírem-lhes os olhos na sua nudez herculea. E puzeram na guia — *Apto para o serviço*.

Fazia dó a sua tristeza acabrunhada, por modo que alguns dos parentes, esquecendo injurias e agravos, procuraram-n'o em casa, para o verem e para o consolarem.

— O que lá vae, lá vae. Mas que doídice era a tua, a gritares por toda a parte: — *Viva a guerra!* a chamares traidores a todos que honestamente mostravam desejos de a evitar!...

E ele, os olhos cheios de lagrimas, vergando ao pezo do remorso.

— *Eu acreditei lá nunca que viessemos a ter guerra a serio?*

---

## Deontologia medica

---

Havia alguns minutos que estavamos com o doutor, no seu gabinete de consulta, quando o creado, abrindo discretamente a porta, annunciou que uma senhora, que acabava de chegar, pretendia falar-lhe immediatamente. Quizemos retirar-nos logo; mas o doutor insistiu para que ficassemos, ouvindo-nos com muita atenção, sem nenhuma impaciencia, como se não soubesse que lá fóra, na sala de espera, uma senhora com muita pressa, talvez sofrendo muito, aguardava a sua vez. N'isto abre-se a porta com força, e uma dama entra por ali dentro, *en pied de vent*, e cae aos pés do medico.

— Devo-lhe a vida, doutor. Teria morrido mil vezes sem os socorros da sua sciencia e os extremos da sua dedicação. Vou partir para o Brazil, d'aqui a duas horas; mas não queria partir sem lhe beijar as mãos, e jurar-lhe o meu eterno reconhecimento.

Era uma mulher, forte, bem lançada, sem exuberancias carnosas, o ar desembaraçado de quem traz

retida na musculatura muita energia saudavel. Diz-se que certas doenças, de character grave, limpam o corpo, como certas trovoadas, de extrema violencia, limpam os ares. Provavelmente dera-se isto com aquella senhora ; mas tinha-se a impressão, olhando para ella, ainda relativamente nova, de que nunca tomara remedios de botica, nunca precisara de socorros medicos, sã como um pero desde que nascera até agora.

Quando ella se retirou, debulhada em lagrimas, o doutor, visivelmente comovido, contou-nos :

— Esta pobre senhora sofria ha muitos anos, e soffria horrivelmente. Consultou muitos medicos aqui, no Brazil e em Paris, e nenhum conseguiu cural-a, nem mesmo minorar-lhe os sofrimentos. Foi nestas condições que eu principiei a tratal-a, e para lhe fallar com franqueza, sem esperanza nenhuma de a vêr curada. Felizmente o mal foi cedendo, e agora está inteiramente bõa, rija e forte como acaba de vêr. Um milagre, uma verdadeira resurreição.

Pareceu-me que o doutor se esquecia de ser modesto a narrar o seu caso clinico ; mas se elle tinha arrancado aquella victima ás unhas da Parca inexoravel, justificado era o seu orgulho, desculpavel a sua vaidade.

— Ha momentos de grande satisfação na vida do medico . . .

— Sim ; mas tambem ha horas crudelissimas, d'uma tortura incomportavel. Noites e noites passei junto desta senhora, a sentir que toda a minha pobre

sciencia, que toda a minha inexcédível dedicação resultariam inuteis, porque a morte pairava tragicamente sobre o seu leito, ás vezes parecendo-me que lhe colava as palpebras, tendo-lhe já envidraçado os olhos. Um horror!

— Tambem, no dia em que desapareceu o perigo...

— Esse dia foi dos mais felizes da minha vida. Começava a sentir abalada a minha confiança na Medicina, que se refazia agora por um assignalado triumpho da sciencia iluminada, sobre a fatalidade cega.

Fiz os meus cumprimentos ao doutor, paguei a consulta, e retirei-me do consultorio trazendo bem impressa a imagem d'aquella senhora que ali fôra, quasi á hora de embarcar para o Brazil, lançar-se lhe aos pés, debulhada em lagrimas, jurando o seu profundo, o seu eterno reconhecimento.

Seis mezes depois, tendo seguido á risca as prescrições do medico, voltei a consultal-o, pela segunda vez. Já não se lembrava de mim, e como não valesse a pena estar a dizer-lhe quem era, fiz a consulta como doente novo. Estava o doutor a ouvir-me, com muita atenção, quando o creado, abrindo discretamente a porta, annunciou que uma senhora, que acabava de chegar, pretendia falar-lhe immediatamente. Quizemos retirar-nos logo, e como o doutor insistisse para que ficássemos, ouvindo-nos com muita atenção, a porta abriu-se com

força, e uma senhora entrou, forte e de boas côres, como quem vende saude. Ajoelhou aos pés do doutor, beijando-lhe as mãos, e jurando-lhe um eterno reconhecimento. Quando ela se retirou, debulhada em lagrimas, oferecendo os seus serviços no Brazil, o doutor principiou a contar-nos, visivelmente comovido :

— Esta pobre senhora sofria ha muitos anos, e sofria horriavelmente...

E eu então, fazendo um pequeno esforço de memoria, tendo diante dos olhos uma pessoa cuja imagem se me vincara na retina, tão impressionante fôra a scena que havia presenciado, ali mesmo, por acaso, havia mezes, cortando-lhe o fio da narrativa :

— Bem sei, doutor; esta senhora consultou muitos médicos d'aqui, no Brazil e em Paris, sem nenhum conseguir cural-a, nem mesmo minorar-lhe os sofrimentos. Foi então que V. Ex.<sup>a</sup> principiou a dar-lhe os seus cuidados, pondo-a inteiramente bôa.

Abrindo muito os olhos, fixando-me como se debruçado no bocal d'uma cisterna quizesse ver qual-quer pequeno objecto que n'ela tivesse deixado cair, indistinto no fundo, tendo-me escutado sem me interromper, a beber-me as palavras n'um crescendo de espanto afflictivo, sentou-se no sofá que estava ao pé da secretária, e com a cabeça apoiada nas mãos, no profundo recolhimento de quem ajoelha no altar da propria consciencia, não querendo d'ali erguer-se senão condenado ou absolvido, assim esteve por instantes, que me pareceram horas, não querendo já fa-



zer a consulta, e não sabendo como sair d'ali. Se não quando o doutor, esfregando os olhos, erguendo os hombros, no gesto de quem acorda, tendo adormecido sem querer, de pé, encostado á secretária, hesitante, como que a medir as palavras, encarando-me com serenidade, debita este pequeno discurso :

— Ha mezes, não posso agora precisar quantos, estive aqui uma senhora que eu tratara d'uma doença grave, tendo conseguido cural-a ao cabo de mais d'um ano de tratamento continuo. Essa senhora, tendo de retirar para o Brazil, talvez para nunca mais voltar á Europa, quiz fazer-me as suas despedidas e renovar-me os seus agradecimentos. Estive aqui no proprio dia do embarque, indo d'aqui para bordo. Recebi-a na presença d'um cliente, visto ela apenas querer despedir-se. Esse cliente, recordo-me agora, era o senhor.

Por um acaso muito extraordinario, uma singular coincidencia, é o senhor que se encontra aqui no momento em que uma irmã d'essa senhora, tambem por mim curada d'uma grave doença, e tambem de regresso ao Brazil, sem tenção de voltar á Europa, me vêm fazer as suas despedidas e renovar os seus agradecimentos, quasi á hora de partir.

Compreendo o seu espanto, e com grande magua, mas sem a menor surpresa, fui lendo no seu espirito todos os juizos desagradaveis, embora logicos, que n'ele se formavam a meu respeito.

Quero justificar-me, e espero que a justificação o deixará satisfeito.

As duas senhoras que aqui viu, uma ha bastantes mezes, a outra ha poucos minutos, são irmãs gêmeas; parecem-se como as duas metades d'um todo homogêneo; teem as mesmas qualidades e os mesmos defeitos; os mesmos gostos e predileções, e como succede muitas vezes, em casos tais, registados na literatura medica, teem as mesmas aptidões morbidas. Vivendo no mesmo ambiente, quando adocece uma, adocece a outra, e a doença, nas duas, tem uma evolução identica.

Tirou da estante, ao lado, um livro em brochura, e entregando m'o, disse:

— Se quizer ler, ahi encontrará historias clinicas comprovativas do que acabo de lhe dizer. Entre elas, esta: — Dois rapazes gêmeos, viviam um em Paris outro em Bordeus. Tão parecidos, tão iguais, que os mais proximos parentes não os distinguiam. E eram no moral como no physico. Mal um adoecia, quasi ao mesmo tempo, com pequenino intervalo, adoecia o outro, tomado da mesma doença. Veja esta carta que o de Paris escreveu ao de Bordeus: — *Ha tres dias que soffro d'uma conjuntivite. Calculo que já estejas a contas com ela.* De facto o irmão, na vespera, entrara a queixar-se dos olhos; consultado o medico da casa diagnosticou a conjuntivite. Já vê...

Bateram discretamente á porta do gabinete conti-

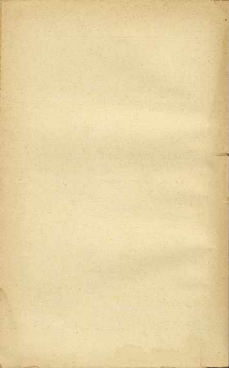
guo, e uma voz de mulher, fresca e bem timbrada, disse :

— E' só um instante, doutor.

— Com licença. E' com certeza, um recado e não uma consulta. Não me demoro.

Aproveitei o ensejo para me safar, sem o embaraço de explicações inúteis, e descendo a escada do consultorio, sem receita, pensei de mim para mim que se curam, por este e analogos processos, muitas doenças graves, e se criam e se enraizam muitas reputações imerecidas.

---



## Tudo mobilizado

---

- O cavalheiro deseja ?...
- Fui intimado a apresentar-me aqui, sob pena de desobediencia, e como...
- Está muito bem...
- Perdão, está muito mal, porque eu não me acho comprehendido em nenhuma das inumeras disposições da lei.
- Essa agora é melhor!
- Queira desculpar, mas esta agora é peor, visto que me incomodam sem motivo nem razão.
- Isso é o que lhe parece, mas vamos lá a ver. Tem quantos anos?
- Fiz 45 ha tres semanas.
- Não é então chamado pela idade. Mas tem um curso?
- Sei ler e escrever, como toda a gente.
- Ora ahi está — bacharel...
- Perdão ; eu fiz o exame de instrucção primaria, que ao tempo só tinha um grau, e frequentei o primeiro ano dos liceus.

— Fez serviço militar? Foi sargento?

— Não, senhor. Livrei-me pelo numero.

— E foi chamado para fazer a escola de milicianos? O melhor é perguntar ao Ministro...

.....  
— Já vi tudo isso. Tem mais de 45 anos, nunca foi militar, não tirou curso algum... Na verdade parece-me que o homem não está compreendido no decreto.

— Pois engana-se. Está compreendido na disposição do artigo ultimo.

— Do ultimo artigo?

— Sim, senhor, no etc.

.....  
— O cavalheiro foi chamado, e muito bem. A disposição que o abrange é o etc., com que fecha o ultimo artigo do decreto.

— Não tinha reparado... Mas, o sr. desculpe... eu sou casado e a gente precisa saber... A minha mulher não estará compreendida na mesma disposição?

---

## Quem escuta...

---

Se alguém lhe tivesse dito, n'outro tempo, que elle ainda havia ser *bufo*, não se teria zangado, antes o proprio excesso da injuria atenuar-lhe-ia a gravidade a ponto de o fazer encolher os hombros com desdem, ou desatar a rir como um perdido.

O *bufo*, na sua opinião, é um policia degradado, com um enorme coeficiente de baixesa, a expressão ultima do rebaixamento moral ao serviço dos poderes constituídos.

Pois ali estava armado em *bufo*, sem o classico chapéu mole e a bengala grossa, como os *bufos* vulgares de Lineu, mas um *bufo* da melhor sociedade, vestindo como um *gentleman*, affectando quasi os ares d'um adido d'embaixada passado á disponibilidade.

A gente sabe lá para que vem ao mundo.

Tinham-lhe corrido mal os negocios, e como perdesse o logar n'uma Companhia em que estava em-

pregado, vira-se quasi d'um dia para o outro sem recursos, a não ser o magro recurso de ir empenhar no Monte-Pio alguns objectos de valor, que tinha em casa.

A mulher, filha de gente pobre, mas educada até ao casamento em casa de gente rica, tinha habitos de viver bem, e ele não queria sujeital-a a privações de qualquer especie. Muitas vezes se lamentava de a não terem ensinado a trabalhar, que mais não fosse tratar dos arranjos da casa, remendar o fato do marido e confeccionar alguns artigos da sua *toilette*, os de menor importancia. Era precisamente quando ela fazia tão justificadas lamentações que o marido sofria mais da sua pobreza a raiar pela indigencia, sem reservas que lhe valessem até conseguir emprego ou occupação de que tirasse os meios de subsistencia. E então recorria ao prego, empenhando os objetos de valor que tinha em casa, fingindo a mulher que não dava pela sua falta. Um dia, tendo-lhe pedido dinheiro para uma sombrinha, cem escudos, ele declarou-lhe que não dispunha de tão avultada quantia, e lembrou-lhe que na loja do Grandela vira pela manhã, n'uma das montras, sombrinhas muito bonitas e muito mais baratas.

— Se hei de vestir como as sopeiras, então o melhor é concertar-me ou trabalhar a dias.

O melhor seria cingir-se ás despezas absolutamente necessarias, aos gastos inevitaveis, aguardando resignadamente tempos menos dificeis. Não lh'o quiz dizer, mas sentiu que não haveria mais paz no seu



lar se continuasse desempregado, sem dinheiro para as despesas minimas da sua casa, já quasi sem o comodo recurso do *prego*, porque lá tinha ido pendurar, em repetidos momentos d'angustia, os objectos de valor que possuia, alguns de muito apreço artistico. E passava um dia atraz d'outro dia, uma semana atraz d'outra semana sem que luzisse uma esperança na tenebrosa escuridão da sua vida. A mulher deixara de ter exigencias, mais conformada com a sua triste sorte, menos irritante e menos irritavel, multiplicando os seus magros recursos por forma a ele acreditar no milagre do pão e dos peixes. Mas ele bem via que se aproximava a hora tenebrosa, a hora fatidica em que um dêdo invisivel, molhado em tinta, escreveria em todas as paredes da sua casa desguarnecida — Nada! Nada! Nada! — como no festim biblico.

Foi quando um amigo o procurou, conhecedor da sua situação difficil, a convidal-o para aquella torpêza, que era em todo o caso uma boia da salvação no oceano revoltado da sua miseria negra.

Aceitou, está bem de ver.

Tinha certos quinze tostões por dia, mas arranjava outro tanto com *emolumentos*. Despeza com carros, para seguir um fulano, despeza nos cafés, para surpreender conversas, tudo isto lhe era abonado de fóra parte, e com isso arredondava a sua diaria por fórmula a viver á larga, como nos tempos das vacas gordas.

Ninguem desconfiava d'elle, vendo-o trajado com um rigor de *gentleman*, sem o chapéu mole e a bengala grossa dos *bufos* vulgares da Parreirinha. De modo que se aproximava de toda a gente sem acordar suspeitas, e quem o via á mesa de um café, rilhando o seu charuto e lendo o seu jornal, nem por sombras desconfiava de estar ali um *bufo*. Assim elle era o mais bem informado de todos os seus collegas, e em tão alto conceito o tinha o *bufo* supremo, que mais de uma vez pensou em o chamar para junto de si, tornando-o seu auxiliar e confidente.

Ora succedeu que uma noite, estando sentado a uma mesa do café, rilhando o seu charuto e lendo o seu jornal, dois gommosos foram sentar-se á mesma mesa, não encontrando outra mais livre, e proseguiram, sem fazer caso d'elle — *um gentleman!* — a conversa em que vinham da rua.

— . . . E' de primeirissima ordem. Tem recatos pudibundos de Vestal, e ao mesmo tempo tem a *effronterie* canalha d'uma Venus de prostibulo.

— Bonita ?

— D'uma beleza que fala á alma e aos sentidos, que é, por assim dizer, feita de luxuria a de castidade. No seio esquerdo, junto á aureola mamilar, tem uma nodoasinha preta, como fosse a pelica d'um i, e na coxa do lado direito, em tatuagem natural, uma especie de malmequer, d'um vermelho esmaecido, pondo uma nódoa simpatica na alvura da sua pele macia.

— Solteira

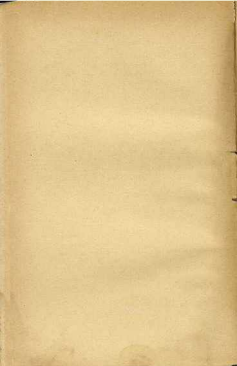
— Não, casada; mas vivendo n'uma grande liberdade. O marido é *bufo*, de modo que passa os dias e as noites por fóra de casa, a espionar — quem sabe? — os amantes da mulher.

E mora?... .

— Mora na rua de... n.º tantos, segundo andar, lado esquerdo. Se quizeres... .

Muito palido, com bagas de suor na testa, o *bufo* ergueu-se a muito custo, como se estivesse pregado á cadeira, e saiu a cambalear como se estivesse embriagado. Levava nos ouvidos, como se fôsse chumbo derretido, aquella revelação cruel, e se muito lhe custára afazer-se á condição de *bufo*, sentia que muito mais ia custar-lhe agora afazer-se á condição de veado.

---



## Um emprego

---

Os dezoito mil réis de ordenado chegavam-lhe á maravilha . . . para se encher de dividas, e obrigar a familia a ganhar o céu . . . á custa de jejuns forçados.

Tinham-lhe prometido um emprego rendoso, e fôra contando com elle que se resolvera a casar. Bem avisadamente aconselha a sabedoria das nações que se não conte com o passaro voando, porque Deus sabe onde elle irá parar, no seu vôo incerto e cáprichoso.

Como seja prolifica a miseria, aos dez mezes de casado viu-se pae de dois lindos gemeos, tão eguaes e parecidos, que houve necessidade de marcar um para evitar confusões. E a partir de então, com uma regularidade chronometrica, cada anno lhe trazia um filho, e cada filho era mais uma boca rosada a gritar as miserias da sua casa, as torturas da sua vida, as maguas do seu coração.

Pode lá sustentar-se uma familia com dezoito mil réis por mez, ainda por cima sujeitos a descontos,

maquiados de mil formas e feitios, reduzindo a sua exiguidade a uma verdadeira insignificancia! Tudo aos seus olhos se apresentava negro e triste, d'uma tristeza que era feita de lagrimas e de farrapos — as lagrimas dos filhos pedindo pão, os farrapos da mulher, sem nada que vestir, a desgraçada! Os dezoito mil réis do ordenado chegavam-lhe á maravilha... para se encher de dividas, e obrigar a familia a ganhar o céo... á custa de jejuns forçados.

Um dia entrou n'aquelle antro um raio de sol, e foi como se toda aquella familia resurgisse para a vida, a petizada chilreante, rubicunda e sadia, enchendo a casa de gargalhadas frescas, que eram como um tilintar de cristaes rolando n'uma superficie de prata. E como alguém, em conversa amiga, lhe pedisse explicações, elle então, muito grave, muito sereno, com um grande aprumo de homem de bem:

— Estou empregado na Bôa Hora.

— Escrivão?

— Não, senhor; testemunha. Rende aquillo, mais coisa, menos coisa, uns dois mil réis por dia. E' conforme. Testemunha de vista, em casos graves, é bem pago. E sem risco, afinal.

— De modo que...

— De modo que paguei as minhas dividas, e vivo honradamente do meu trabalho.

---

## A Sulamita

---

Os seus peitos, semelhantes a limões verdes, amaduraram ao calor das minhas mãos frementes.

Puz-lhe ao pescoço um colar de beijos, e tanto a apertei nos braços, que senti bater dentro do meu peito o seu inquieto coração.

Ela é formosa, a minha amada, tão formosa que o sol, perdido d'amores por ela, a beijal a doidamente, lhe amorenou a pele de jaspe.

Procuro-a de noite no meu leito, e a procural-a de balde, foge-me a alma para onde ela está, entre lençóis de renda, dormindo o somno imperturbavel das raparigas sem macula.

De farrapos da treva primitiva fez Deus a sua cabeleira farta, semelhante a um mar revolto, sem brancuras de espuma.

Trigueira como as filhas de Jerusalem, a minha amada é apetitosa como um cacho das vinhas de Egandhi, dôce como um favo de mel, perfumado e loiro.

Que harmoniosa é a sua voz, semelhante ao arru-lhar de pombas mansas, e que infinita graça ha nos seus meneios, como se fosse uma palmeira de jardim a executar uma dansa grega.

Os meus labios em fôgo tocam a sua boca vermelha, e tenho a impressão de beijar a flôr rubra do cacto que um orvalho embalsamado ligeiramente humedeceu.

Como és bela, amiga minha, e como eu seria feliz se morresse a beijar-te, entrelaçadas as nossas mãos, sentindo a rijeza elastica dos teus peitos, semelhantes a pequeninos montes de neve.

Que realce não daria á tua garganta alabastrina um colar d'oiro macisso, e que bem ficaria na tua cabeça de madona um diadema de rainha, cravejado de pedras raras !

Oiço a sua voz nos murmurios cadenciados da floresta, e sinto o halito da sua boca no perfume errante dos silvêdos, toucados de rosas vermelhas.

Quizera ser a terra que ela pisa, gracil como a



haste d'um lirio, ou o ar que ela respira, leve como a asa d'um insecto.

Perco-me a tatear na treva dos seus olhos, e quando sinto que vou cair nas profundezas d'um abismo, ilumina-me o caminho um clarão da aurora que lhe afogueia os labios.

Mata-me a ancia de possuil-a, e matar-me-ia a sua posse, que a minha alma atormentada só pode viver no desejo irrealisavel.

Invejo a agua em que te banhas, porque ela te envolve toda na volupia d'um beijo casto ; o leito em que adormeces, porque a frescura do teu corpo de virginal madona, temperaria o fogo que me devora, semelhante a uma tunica de labaredas, que atormentam e não consomem.

Diga o meu enleio o que não sabe dizer a minha boca, e que o teu instinto de mulher amada adivinhe na timidez dos meus gestos a audacia dos meus pensamentos.

Que tarde nos encontramos, amiga minha, errante pelo caminho da vida, a procurar-te na reverberação quente do sol ; na palidez fria da lua ; no pipilar das avesinhas enamoradas ; na melopéa das fontes cristallinas ; nas incertezas merencorias do crepusculo vespertino, e nas alegrias festivas do crepusculo matinal.

O insensato que um dia, na dureza do seu coração, negou a existencia de Deus — *Dixit insipiens in corde suo — Non est Deus* — faria penitencia da sua blasfemia se te encontrasse no campo, apascen-tando os rebanhos, ou se te visse no jardim, entre plantas aromaticas, a mais formosa de todas as mu-lheres, trigueira como as tendas de Cedar, a voz dô-ce, a face graciosa, os olhos mansos como os das pombas, os cabelos negros como um côrvo, os peitos brancos como montinhos de neve, a quererem saltar como cabritos montezez — conjunto de perfeições atestando a omnipotencia divina.

Ela é formosa, a minha amada, tão formosa que o sol, perdido d'amores por ela, quando a vê passar na rua, afastando nuvens em monte, corre a beijal-a doidamente, amorenando-lhe a pele de jaspe.

---

## As competencias

---

— V. ex.<sup>a</sup> deseja ?...

— Um compendio de geografia.

O caixeiro afastou-se, voltando passados dois minutos com um grosso volume na mão.

— E' o que ha de melhor...

— Perdão ; o que eu desejo não é um tratado, é um compendio.

— Perfeitamente ; é para um estudante do lyceu...

E afastou-se novamente.

Foi quando entrou o comendador Casquinhas, muito fragalhoteiro, com uma grande camelia branca na *beutonnaière* da sobrecasaca preta.

— O' senhor conselheiro ! Os meus parabens...

— Obrigado, comendador, obrigado. A politica partidaria tem exigencias que obrigam, e, acima das comodidades pessoaes, está o serviço da Patria, o bem do Paiz.

— Sem duvida, e eu compreendo muito bem que

v. ex.<sup>a</sup> não desejasse entrar no ministerio, sobretudo para uma pasta que ainda não geriu. . .

— E' certo que não desejava entrar, mas não pelo motivo que disse. Sempre fui apaixonado pelos estudos coloniaes e tenho dedicado uma particularissima atenção a tudo que diz respeito á Marinha. Fui um grande estudante de Geographia, em cujo exame fiquei distincto. Andava então a abrir-se o canal de... na America .. o canal de Suez.

— V. ex.<sup>a</sup> quer dizer o canal do Panamá?

— Não, o canal de Suez. Tenciono passar por lá, no verão proximo. Está no meu programa uma viagem ás colonias.

— A todas?

— Não, apenas ás da Costa Oriental da Africa. Preciso informar-me do que valem Macau e Timor. Tenho um plano de administração colonial. . .

— Mas Timor e Macau. . .

— Bem sei, ficam um bocadito distantes de Angola, que é o objectivo principal da minha viagem; mas como tenciono visitar os Açores, o desvio não será grande.

O comendador ia desmaiar quando o caixeiro voltou, com um livrinho na mão.

— Quanto é? . . .

— Meio tostão, sr. conselheiro.

---

## A caravela

---

Os monarchicos oferecem ao sr. D. Manuel, como prenda de casamento uma caravela.

*(Dos jornais).*

O seu unico rendimento era o seu emprego, um bom emprego que obtivera por concurso . . . de tranquillidades eleitoraes, n'um anno em que as listas foram mettidas nas urnas espetadas na ponta das baionetas. Não era, positivamente, a opulencia ; mas era a vida farta e sem cuidados, o futuro garantido com uma reforma de aproximadamente dois contos de réis.

Logo que se proclamou a Republica ele aderiu, jurando fidelidade ao novo regimen, funcionario do Estado e não da Monarchia, portuguez antes de mais nada, patriota acima de tudo. Tinha o cuidado de só dizer mal das instituições quando se achava entre amigos, e na repartição, com mêdo de fazer alguma

coisa que o compromettesse, não fazia coisa nenhuma.

Era thalassa, mas como não tinha outro rendimento senão o seu emprego, guardava o seu thalassismo dentro da maior reserva, não fosse cair-lhe em cima a demissão, que seria a miseria negra, incapaz como já estava de exercer um mister lucrativo. Mal conseguia dissimular a sua intima satisfação quando os boatos eram mais insistentes de conspirata a rebentar, e justamente n'essas ocasiões ele aparecia por toda a parte lendo com muito interesse os jornaes republicanos.

Com a mulher não tinha segredos, embora ela se mostrasse pouco saudosa do passado, e insistentemente lhe recomendasse os maiores cuidados, não fosse ele, n'um desabafo imprudente, estragar a sua vida. De modo que ao ter conhecimento, pelos jornaes, de que fôra apreendida a *caravela*, foi como se lhe batessem na cabeça com uma barra de chumbo. A bordo da *caravela* ia a mensagem, e na mensagem ia o nome do marido. Era o conselho disciplinar, era a demissão, era a miseria negra, visto que o seu emprego era o seu rendimento unico.

A' hora do jantar, apenas ele entrou em casa, sem lhe dar o beijo de todos os dias, a voz entrecortada de soluços :

-- Estamos perdidos, não é verdade ?

Ele já sabia do caso, mas nem sequer se mostrava apreensivo.

-- Tontinha ! O meu nome está na mensagem, lá

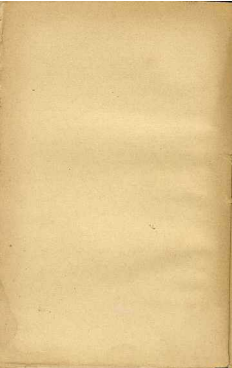
isso é verdade, mas não está a minha lettra, e perante o conselho disciplinar eu farei esta coisa simples — afirmar que não autorisei ninguem a assinar por mim . . .

Horas passadas, no café, como uns thalassas, na meza em que ele estava, dissessem mal da Republica, pregou uma bofetada no que lhe ficava mais proximo, e erguendo o chapéu a toda a altura do braço estendido, gritou com toda a força dos seus pulmões burocraticos:

— *Viva a Republica!*

Os jornaes, na manhã seguinte, encareciam o feito d'esse patriota, um devotado amigo da Republica.

---





## O amor das mães

---

Dizia o medico que não era nada ; mas a creança peorava a olhos vistos, a febre queimando-lhe as carinhas tenras, e uma tosse incessante, muito funda, parecendo que lhe rasgava o peito, como se fosse uma lamina ! Era o seu filho unico, a compensação d'uma vida longa de trabalhos e dôres, a esperança d'um futuro longiquo, em que havia clarões de gózo. Nem ela sabia como aquilo fôra. De repente, como se o tocára um bafejo de peste, o pequeno deixou-se-lhe cair no eolo, a encolher se como quem sente frio, a tiritar como quem tem mêdo, e logo aquella maldita tosse entrou a rasgar-lhe o peito, como se fosse um punhal, ao mesmo tempo que lhe martelava a cabecita loira, como sobre uma bigorna.

Emquanto não chegava o medico, fôra ella renovar todas as flôres do seu oratorio, acendendo muitas velas á Senhora do Rosario, sua madrinha de baptismo, perante a qual ajoelhava todos os dias, com muita fé e devoção. Pedia lhe agora a vida do seu filho, a salvação do seu Toneco, que ali estava ardendo em fe-

bre, a tosse rasgando-lhe o peito, como se fôsse um punhal, e nas faces redondinhas umas grandes chapas vermelhas, como dois gigantescós pingos de lacre. Parecia-lhe que a sua Madrinha descerrava os labios, a dizer-lhe bôas palavras, e, como fechasse os olhos, n'um grande movimento de concentração, ia jurar que tinha sentido sobre a sua cabeça pendida a mãosinha branca da Santa, a significar-lhe que tivesse esperança.

Dizia o medico que não era nada ; e effectivamente desaparecera aquela febre que escaldava o seu Toneco, como n'um banho d' enxofre derretido ; cessara aquela maldita tosse que lhe rasgava o peito, como se fosse um punhal, e das faces emagrecidas tinham-se apagado aquelas chapas vermelhas, que eram como dois grandes pingos de lacre, ou duas gotas de sangue, muito quente e muito vivo. Aquilo não era nada ; o sofrimento cessara . . . porque tambem cessara a vida.

Apagou as velas do oratorio e, quando atirava para o quintal as flôres e a sua Madrinha, pareceu-lhe que se descerravam os labios da Santa, como n'um gesto de supplica. Fechou a janela, com força, e, deixando cair os olhos, cheios de lagrimas, sobre o pequenino leito vasio, ficou-se a considerar a impossibilidade de terem crenças as mães que perdem os filhos.

---

## Quem porfia...

---

Condescendeu em recebê-lo n'aquella dia, o ultimo do anno.

Foi uma doidice.

Havia quanto tempo elle anciava por aquellas horas felizes, d'uma ventura sonhada em longas noites de febre, sentindo nos braços aquella mulher ideal, d'uma beleza estonteante ! Acreditava no seu amor, mas por isso mesmo se via constrangido a respeitar a sua honestidade, que ella defendia sem frases, com a simplicidade e a firmeza de quem se devotou ao cumprimento do dever.

Tinham-se namorado em creanças, andava ella no ultimo anno do Collegio, andava elle no quarto anno do Liceu. Muitos annos sem se verem, quando um dia se encontraram, por acaso, n'uma praia, sentiram reviver o *beguin* d'outro tempo ; mas já ella era noiva d'um mercieiro abastado, honradissimo negociante da nossa praça, homem que nunca deixara de pagar uma letra no praso do seu vencimento, e nunca deixara

vencer uma letra, como sacador, sem a protestar no Tribunal do Comercio.

Casaram.

Para ele a casa, o seu lar, era como que um prolongamento do seu escriptorio; a vida em familia era uma comodidade a que se ia habituando, e que já achava excelente... quando tinha o escriptorio fechado. A mulher, no fim de contas, era o caixeiro que ele mais estimava, porque era o que lhe inspirava mais confiança, o que mais zelosamente cumpria o serviço a seu cargo. Muito economica, só gastava o que era preciso; mas a sua casa era farta e se um hospede lhe chegava, sem ser esperado, á hora do almoço ou do jantar, não se envergonhava de o sentar á sua meza, sempre bem posta, servida sem escusados luxos, mas com a singela e captivante elegancia das pessoas bem educadas.

Para ella, coitada, sem feitiço para se interessar pelos negocios do marido, espirito um nadinha romantico, tendo vislumbrado atravez do seu temperamento os encantos, as delicias da vida conjugal, para ella a casa era uma gaiola dourada, mas gaiola em todo o caso. Precisava de mais ar, mais liberdade; sobretudo precisava de mais ternos carinhos, de mais affectuosa intimidade. Sentia-se preza ao dever por solidas cadeias, mas lamentava se amargamente de que o dever fosse um obstaculo insuperavel á felicidade sonhada.

Encontros repetidos sem nenhuma combinação previa; protestos mudos d'uma afeição que nunca se

apagara de todo, esbatida nos longes d'uma ausencia que nunca fôra esquecimento; a vaga promessa, em olhares quebrados e enternecidos, d'uma felicidade que nunca passaria de encantadora mentira, tudo isto foi preparando secretamente, ao abrigo de qualquer suspeita, o encontro d'aquelle dia, o primeiro do ano.

O marido andava por longe, a tratar de negocios, e demorava-se ainda alguns dias. Recebel-o-ia ao cair da noite, com a promessa de ter muito juizo, contentando-se com os protestos d'um amor que a enleava, sem todavia lhe tirar a noção clara do dever, de que nada a afastaria, ainda que para o conseguir fosse preciso afrontar a morte...

Foi uma doidice, que durou a eternidade d'uma noite!

Estancavam se-lhe na garganta os mais vehementes protestos, e as supplicas que fazia, quasi de joelhos, as faces incendidas e os olhos cheios de lagrimas, morriam-lhe entre os labios secos, como se os queimasse a febre.

— Juraste que havias de ter muito juizo; que não abusarias da situação, querendo obrigar-me a faltar aos meus deveres mais sagrados. Arrependo-me de ter cedido ás tuas instancias; chorarei toda a vida a minha leviana e criminosa condescendencia.

O marido andava lá por longe, a tratar de negocios, honrado comerciante que nunca deixara de pagar uma letra no praso do seu vencimento, e nunca deixara vencer uma letra, como sacador, sem a protestar no Tribunal do Comercio.

Secaram-se-lhe os olhos ao fogo que lhe incendia as faces e lhe crestava os labios, e já não eram supplicas que ela murmurava, quasi de joelhos, perdida a noção do dever, e sentindo que iria até á morte, se fosse necessario morrer para ter um minuto de suprema felicidade.

Quando no relógio da casa de jantar, pausadamente, com tonalidades de bronze, começaram a bater as sete horas, ainda o sol, friorento e dorminhoco, não se desembaraçara do seu pijama de nuvens, sentados na cama, pousando-lhe a cabeça sobre o hombro, a coar-lhe no ouvido palavras macias e dôces como o mel d' enxame novo, lembrou-lhe que desde a meia noite estavam em dia d'ano bom, e que este dia, segundo uma velha tradição, marca o programa de todo ano a seguir.

— Alma da minha alma!

— Vida da minha vida!

O marido anda lá por longe, a tratar de negocios, honrado comerciante para quem o lar, a sua casa, era um prolongamento do seu escriptorio, e a mulher o caixeiro em quem mais confiava, o que tinha sem maior estima.

---

## Presente real

---

Por ordem de S. M. El-Rei foi mandado ao sr. José Luciano um dos veados mortos na tapada de Vila Viçosa.

*(Dos jornais).*

Estavam todos a postos.

A creadagem fôra bater o mato, espantando a caça, e ouvia-se ao longe uma barulheira infernal, em que se confundiam latidos de podengo e gritos de pastor, o rufar em latas, como n'um carnaval d'aldeia, e as notas asperas d'um clarim rachado, em que soprava o chefe, congestionando as bochechas.

Cada qual aguçava a vista, espreitando ao longe, e se uma esteva bulia, tocada pelo vento, logo se apontava para lá, com o dedo no gatilho, pronto a desfechar sobre o que apparecesse — porco, veado ou coelho. E a barulheira infernal ouvia-se ainda longe, aproximando-se sempre, de cada vez sendo mais distinctos os latidos dos podengos, a gritaria dos maio-

raes, o rufar em latas como n'uma carnaval d'aldeia, e as notas asperas d'um clarim rachado, que alguém comprára por cinco tostões a uma *troupe* de saltimbancos. Senão quando, ouve-se um tiro seco, como o estalar d'um trovão, e logo um cõro de vozes se ergue como n'uma aclamação triunfal: — *Que rico tiro, meu senhor!*

Era um lindo veado, grande como um novillo d'ano, de pele zebrada, *calçado* das pernas dianteiras, e um traço branco a cortar-lhe o focinho, dando a impressão d'um açâmo. Rico tiro, não havia duvida; mas nenhum fio de sangue lhe manchava a pele, e no chão, onde ele caira, também não havia sangue. Vá então de procurar a entrada da bala, virando e revirando o pobre bicho, cada qual pretendendo ser o Archimedes d'aquelle problema, gritando o *achei!* da lenda. E como toda a pesquisa resultasse inutil, um da comitiva, mais esperto, mais sagaz, procurando onde ninguém tinha procurado, fazendo o toque: — *Fõi por aqui, meu senhor!*

E fôra por ali, na verdade. Palmas batidas, cõro de gargalhadas, celebrando o successo raro. E logo uma voz soberana, procurando dar ao burlesco um ar solemne:

— Com que então, sem furo! Pois levam-no ao José Luciano.

E foi assim a historia do veado.

---



## Trabalho adiantado

---

Lá namoro, o que se chama namoro, nunca lhe tinha feito ; mas catrapíscara-a varias vezes no theatro, discretamente, que a sua condição inferior de amanuense não lhe permitia olhar de cabeça levantada para as mulheres com dinheiro.

Não era, positivamente, um ambicioso ; mas torturava-o a perspectiva d'uma vida inteira de trabalho humilde, com um *salario-fome*, insufficiente para constituir uma familia, crear um lar, de modo a não ir um dia, vencido pelo trabalho ou abatido pela doença, apodrecer n'um asylo, ou morrer n'um hospital.

Por isso, sem ser um caçador de dotes, procurava sempre colocar o seu coração onde houvesse uma pequena fortuna, a esperança ao menos d'uma velhice repousada.

D'aquella vez olhara muito para cima, visto como os paes da pequena eram fortes capitalistas, com muitos predios e quintas, e ainda por cima com dinheiro nos bancos, contando-se por centenas de contos. Que elle nem pensara n'isso, a primeira vez que a vira,

no jardim publico, andava ella a passear com a mestra, uma inglesa mal esgalhada, tão feia e carantinhenta que logo trazia á lembrança uma caricatura de Hogarth.

Ao lado d'essa Miss, sem feitio e sem graça, ainda o demonio da rapariga parecia mais elegante e formosa.

Era ao começo da Primavera, e a toalete branca, ligeira como gaze, dava-lhe o ar d'uma figurinha de Watteau scismando á beira d'um lago. Nunca mais a perdera de vista, e no theatro, sem lhe fazer o que se chama namoro, catrapiscava-a discretamente, que a sua condição inferior de amanuense não lhe permitia olhar de cabeça levantada para as mulheres com dinheiro.

Ainda se fosse, pelo menos, bacharel como toda a gente! Uma formatura, seja no que fôr, vale o dote d'uma menina rica, em primeiro logar porque é um instrumento com que se pode arranjar fortuna, em segundo logar porque é degrau solido para trepar ás mais altas situações sociaes, desde conselheiro a ministro. Mas elle era apenas amanuense, nada mais que amanuense, forma elementar do burocrata, na maior parte dos casos destinada a não evoluir. Por isso mesmo não se atrevia a olhar de cabeça levantada para as mulheres com dinheiro, não deixando, comtudo, de as cortejar discretamente, com tanta discrição que na maior parte dos casos elas nem sequer davam por isso. Torturava-o a perspectiva d'uma vida inteira de trabalho humilde, a copiar officios; mas não

queria que o tomassem por caçador de heranças, pretendente que nada oferecesse em troca do muito que pedisse.

A primeira vez que a encontrou, no Passeio Público, a passear com a mestra, uma bifa angulosa como um poligno, logo sentiu o coração prêso á graça e aos encantos da sua figurinha de Watteau, scismando á beira d'um lago, a toaleta como que feita do luar mais puro, envolvendo a mais bela, a mais gracil, quasi incorporea Tanagra. Não pensou, n'essa ocasião, que ela poderia ser filha de gente rica, herdeira de muitos predios, muitos contos, muito dinheiro e papeis, talvez grandes depositos em Bancos estrangeiros, por justificadas cautelas.

Mas de tudo se informou, logo nos dias a seguir, e veio a saber que a sua princeza de balada, filha unica d'um capitalista, com avultada fortuna no Brasil, pesava centenas de contos, talvez milhares de contos, porque ao certo ninguem sabia do que era dono e possuidor o pae. Nunca mais a perdeu de vista, informado da sua morada, ao corrente dos passos que ela habitualmente dava, quasi sempre a pé, e constantemente acompanhada d'aquela horrivel Miss carantunhenta e angulosa, ao lado da qual ainda o demonio da rapariga parecia mais elegante e formosa. Catrapiscava-a discretamente, no teatro, ainda mais discretamente a catrapiscava na Igreja, e seguia-a com taes disfarces na rua, que só ella se apercebia da sua presença e manhas. E' que a sua condição de ama-

nuense a consumir-se de ambição, não lhe permitia olhar de cabeça levantada para as mulheres com dinheiro, ridiculo como seria fazer-lhes num papel de officio uma declaração d'amor.

Calcule-se, pois, do seu espanto e do seu prazer, quando um dia encontrando-a no jardim, notou que ela deixara cair sobre ele, demoradamente, os seus grandes olhos de veludo.

Pouco tardou em escrever-lhe, e a resposta transportou-o ao setimo ceu da felicidade. Agora sim; já não o torturava a perspectiva d'uma vida inteira de trabalho humilde, com um *salario-fome*, insufficiente para constituir uma familia, crear um lar. . . Olhava desassombradamente o futuro, e a perspectiva negra de ir apodrecer, já velho, n'um asilo, esgotado pelo trabalho, ou ir morrer no catre d'um hospital, torturado pela doença, roído pela miseria, agravada pelo desamparo, essa perspectiva, tragica como o espectro de Banquo, desaparecera, sumira-se dos horisontes da sua vida, onde agora dealbava um amanhecer côr de rosa.

Algumas semanas depois, quando foi pedil-a, conforme as praxes, estava seguro de ser bem acolhido; mas nem por isso venceu a natural *gaucherie* d'um pobre amanuense que sóbe a escada d'um capitalista para lhe dizer que pretende inscrever-se como seu herdeiro, na qualidade de genro.

— V. Ex.<sup>a</sup> já sabe ? . . .

---

— Sei perfeitamente que vem pedir minha filha em casamento.

— Cumpre-me dizer-lhe que sou pobre, mas pertenço a uma familia honrada, e na minha vida não ha um acto menos correcto.

— Colhi informações a seu respeito, e vim saber que o sr. é um cavalheiro em toda extensão da palavra.

— N'esse caso...

— Cumpro um dever d'honra, rasgando embora o coração, dizendo-lhe...

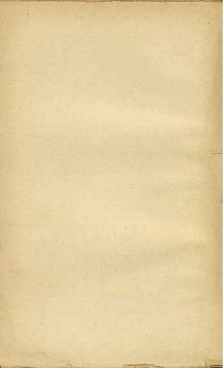
— Que sua filha recusa?...

— Não; que minha filha está no seu estado interessante.

— Mesmo que não estivesse, ora essa!...

E ali mesmo escreveu o seu ultimo officio, renunciando ao seu logar de amanuense.

---



## Os desiludidos

---

Soube pelo homem do carvão que as tropas da Rotunda marchavam Avenida abaixo, com destino ao Quartel General, que resolvera entregar-se. Como estava, quasi em desalinho, o chapéu ás tres pancadas, abalou sem dizer para onde ia, e dentro em pouco estava no Rocio, á frente das tropas da Rotunda, que se dirigiam para o Quartel General.

O entusiasmo era geral, não havendo um rosto amargurado no meio d'aquella multidão em festa. Todos riam, todos gritavam, e os mais sensiveis tinham os olhos cheios de lagrimas, as benditas lagrimas que choram os felizes quando da alma lhes trasborda a felicidade. Elle era quem mais gritava, cortando o ar com gestos largos, e como lobrigasse um patriota com duas pistolas á cinta, foi-se aproximando d'elle, acotovelando toda a gente, e conseguiu apanhar-lhe uma, com a destreza d'um carteirista envelhecido na arte. Foi o primeiro a entrar no *Quartel General*, e por um triz não é tomado pelo chefe das tropas insurrectas, que appareceu na devida altura, para evitar um equivoco lamentavel.

D'ali marchou, correndo como um gamo, para o largo do municipio, tomando posição á frente de todos, agitando no ar a pistola heroica, com que fizera fogo... de vistas no Quartel General. Quando da varanda da Camara foi submetida á approvação do povo a composição do *Governo Provisorio*, a voz d'elle foi a primeira a erguer-se n'uma aclamação, que todos repetiram, e d'ahi por alguns segundos estavam lhe nos braços, um de cada vez, todos os ministros, os amigos do povo, como troava a sua garganta rouca. Dias passados o *Diario do Governo* publicava a sua nomeação para um logar modesto — coisa de cem mil réis por mez.

Como tinha de andar por toda a parte dizendo mal da Republica, mal podendo sustentar a mulher com o que lhe sobejava da amante, nunca ia á repartição, a não ser no fim do mez, para os effeitos da contabilidade. E ao receber o dinheiro que não ganhara, heroe que ninguem vira nas horas incertas da lucta, calculando os poucos centavos que lhe ficariam, tiradas as despesas inevitaveis, dizia sempre, na desolada amargura de quem sente que nunca a realidade se ajustará á sua ambição: — *Positivamente, esta não era a Republica que eu sonhara.*

E ia d'ali a um centro de conspiratas, a entender-se com outros patriotas da sua equivalencia, e que tambem tinham sonhado uma outra Republica — talvez uma Republica como a queria Platão, talvez uma Republica como a quereria o José do Telhado.



## O dinheiro é tão bonito...

---

Entrou, poz a bengala e o chapéu sobre uma cadeira, descalçou as luvas, sentou-se, e principiou a explicar o fim da sua visita.

— Sempre fui liberal. Meu avô desembarcou no *Mindello*, e meu pae esteve no castello de Estremoz, d'onde fugiu na vespera de serem os presos mortos á machadada. Com esta herança, não é verdade? eu tinha de ser liberal, biologicamente liberal, para me servir d'uma linguagem consagrada. Solicitado a filiar-me no partido progressista e no partido regenerador, opuz sempre a tal convite, muitas vezes repetido, uma recusa formal. Acima de tudo...

— Tenho uma vaga ideia...

— Perfeitamente; acompanhei João Franco no periodo messianico da sua propaganda, quando elle proclamava a guerra santa ao rotativismo, e arvorava bem alto o pendão da moralidade. Acompanhei o

n'essa phase; mas V. Ex.<sup>a</sup> bem sabe que então elle era sympathico aos proprios republicanos, muitos dos quaes, e dos mais cotados, punham confiança na sua prégação. Como V. Ex.<sup>a</sup> vê...

— Está muito bem, está muito bem...

— A Republica é hoje o governo da Nação, e de tal modo ella corresponde ás aspirações e ás necessidades geraes, que só doidos ou criminosos podem tentar destruil-a. Restaurar a Monarchia dos adeantamentos? Não; que o tentem os que não podem viver n'um regimen de moralidade, é natural e é logico; mas tambem é natural, tambem é logico, e sobretudo é necessario que os bons patriotas se elevem a toda a altura do seu dever, e apoiem o regimen com a maior dedicação...

Ergueu-se, tomou o ar aprumado e solemne de quem se dispõe a assumir graves responsabilidades, ou se resolve a uma confissão dolorosa que o dever impõe.

— V. Ex.<sup>a</sup> é, de todos os homens da Republica, aquelle que eu mais estimo pela excellencia do seu character, e ao mesmo tempo o que mais admiro pela superioridade do seu talento. Do meu nome, da minha fortuna, dos meus prestimos, se alguns tenho. V. Ex.<sup>a</sup> disporá como julgar mais conveniente aos interesses da Republica.

Deu alguns passos na rua, vagorosamente, aproximando-se d'uma *paragem* dos electricos, quando alguem o abordou, surprehendendo-o agradavelmente.

— Ora viva ! Ora viva ! Então por aqui ?

— E' verdade, doutor, e dirigia-me ao seu consultorio, porque preciso muito de lhe falar.

— Alguma novidade ? . . .

— Sim, uma grande novidade. Minha sogra está muito mal.

— Ora essa ! Aposto que se lhe estrangulou a hernia ?

— Justamente, estrangulou-se-lhe a hernia, e a nós parece-nos que ella morre.

— N'esse caso passemos pelo meu consultorio, e vamos já operal-a.

— Sim, mas é que ella . . .

— Diz que não quer operar-se ? Isso tem ella dito sempre, mas o caso agora é outro, e ella, vendo que não ha outro remedio, entregar-se-ha á discricção.

— O doutor ha de desculpar, mas eu preciso dizer-lhe o que se passa, embora o faça com muita má-gua. Ella quer operar-se, mas diz que não quer que o doutor a opere, por ser republicano. A razão é infantil, mas o doutor bem sabe que ella foi sempre muito senhora da sua vontade, e em politica é d'uma intransigencia feroz. Com os republicanos não quer nada ; d'elles não acceitaria a salvação, e bem sabe o doutor como ella é religiosa.

— Mas eu não sou republicano, nunca o fui, nunca

o serei. Poderia ter sido republicano na vigencia da Monarchia, quando os erros dos homens publicos pareciam defeitos do regimen. Mas agora! Para ser republicano n'uma republica como a que para ahi está, seria preciso renegar todo o meu passado de homem liberal, todas as tradições da minha familia, esquecer que meu avô desembarcou no Mindello e meu pae esteve no castello de Estremoz, d'onde logrou safar-se na vespera de serem os presos trucidados á machadada. Republicano, eu?! Mas é preciso ter em minima conta a minha intelligencia e o meu character para me julgar capaz de acamaradar com essa malta que ahi tripudia, incapaz de governar, e nem sequer se impondo á consideração publica por uma honesta gerencia dos negocios publicos. Republicano, eu!

— Está bem, doutor, está bem. Eu é que não sabia. O doutor vae munir-se de quanto precisa para operar, e eu vou repetir a minha sogra o que acabo de lhe ouvir dizer, e que ella ouvirá com a maior sarsifação. O doutor bem sabe como ella é sua amiga e a confiança que tem nas suas qualidades de cirurgia.

A arrumar as ferramentas do officio, n'uma pressa, porque a intervenção era urgente, o doutor murmurava de si para si:

— Pois, sim, senhor, ia-a fazendo bonita! A'manhã, os thalassas não me chamavam, por ser republicano, e todos os meus correligionarios herniados não davam para um charuto!

---

### Os sabios

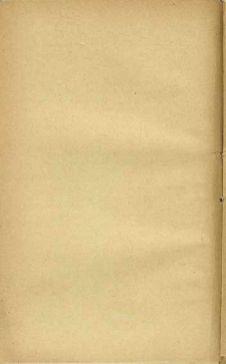
Como é que elles ainda não viram que em muitos individuos as circumvoluções do cerebro são apenas um prolongamento das circumvoluções do intestino ?

Nem d'outra forma teria explicação o facto de muitos individuos pensarem d'uma forma quando têm fome, e pensarem d'uma forma diversa, ás vezes absolutamente contraria, quando têm a barriga cheia.

— Comer ou não comer, disse um filho natural de Shakespeare, eis a questão.

Reconheceu-se, com o andar dos tempos, que o apologo do consul Agrippa, se não estava errado, estava incompleto, e que a influencia reciproca entre o cerebro e o estomago, expressa em numeros ou em grandezas, acusa o ascendente do estomago sobre o cerebro na grande maioria dos casos.

---



## Da chita á seda

---

— Não tem melhor?...

— Queira V. Ex.<sup>a</sup> desculpar, mas esta fazenda, como tecido, como desenho, como côr, é o melhor que ha, no genero.

— E' possível, mas estou certa de que não é d'ela que se fazem os vestidos de S. M. a Rainha da Inglaterra...

— Tambem não digo que não; mas pode V. Ex.<sup>a</sup> crer que se não é d'esta fazenda que se fazem os vestidos de S. M. a Rainha da Inglaterra, é porque S. M. os manda fazer d'outra, de inferior qualidade.

— Está muito bem. E quanto a rendas?

— Temos por onde escolher — portuguezas, de Alençon, Bruxelas...

— As melhores?...

— E' muito difficil dizer quaes são as melhores. As rendas de Bruxelas mantem a sua tradicional reputação, mas as portuguezas não lhes ficam a dever nada, e as de Alençon...

— São muito bonitas, umas e outras ; mas o preço, naturalmente. . .

— E' igual, neste momento.

— A quanto, o metro ?

— Cem mil réis, por enquanto. Não tardará que suba, chegando talvez ao dôbro.

— N'esse caso levo-as todas. A conta. . .

.....

— Figuram aqui dezoito tostões. . . de quê ? . .

— Desculpe V. Ex.<sup>a</sup> Ha dois anos comprou V. Ex.<sup>a</sup> aqui seis metros de chita, para um vestido, calculo que para alguma creada, e como ainda não estivessem pagos. . . As contas pequenas esquecem, por coisa pouca não vale a pena a gente mandar a casa dos freguezes.

---



## Guardado está o bocado . . .

---

Do Registo Civil foram para a Igreja e da Igreja foram para bordo. A lembrança tivera-a elle — uma viagem de nupcias, por mar.

— E se nós enjoassemos ? . . .

Para elle, que nunca embarcara, o enjão era uma revelação de fraqueza, o signal d'uma vontade pouco energica.

— Verás que não enjoamos.

Conservaram-se na tolda para as despedidas do estilo, e só quando já a multidão do caes era indistincta, mal se lorigando os lenços brancos n'um adejar de gaivotas presas, é que desceram á *cabine*, onde a creada fazia a arrumação das malas e chapeleiras.

— Quando estiver tudo prompto, chame.

O vento soprava bastante rijo, e a vaga ia engrossando á medida que o navio se aproximava da barra.

— E se nós descessemos? . . .

Pela primeira vez se encontravam juntos, sem testemunhas, unidos conforme manda a Lei e a Santa Madre Igreja, ella radiante de mocidade e de frescura, elle soberbo de vigor e de audacia, orgulhoso como um luctador romano.

Um balanço mais forte atirou os dois para cima do sophá, e só por milagre elle não manchou o seu vestido de noiva na hediondez d'um vomito.

— Eu bem te dizia . . .

Não mais poude levantar a cabeça, para alli estendido, sem vontade, quasi sem consciencia, não tentando sequer o trabalho de se despir, no instinctivo receio de que o mais leve movimento lhe agravasse o mal.

— Vae lá para cima, filha, que isto passa.

Era, na verdade, uma coisa incomoda, á força de repugnante, estar alli ao pé d'aquelle homem enjoado, ridiculo no abandono da sua pessoa encasacada, torcido como um trapo molhado, só erguendo a cabeça para vomitar, e vomitando sem continencia.

Para ella o mar, vasto, sem limites, era um espe-

ctaculo novo e interessante, e porque lhe não faziam mêdo as suas raivas, nem a incomodavam as guinadas incessantes do barco, leve como se fôsse de cortiça, esquecia-se encostada á borda, n'um alheamento que era ao mesmo tempo assombro e fascinação.

— Faço-lhe os meus cumprimentos, madame ; não enjoar com este mar! . . .

Elle tambem não enjoava, habitualmente; mas já uma vez, nos mares do norte, desconfiara que ia vomitar as tripas.

Eram os unicos passageiros que iam á meza, e tambem os unicos que passeavam na tolda, espécando-se mutuamente, que o balanço era de fazer catr o equilibrista mais habil.

— Conserva-te lá por cima, filha, que isto ha de passar.

A verdade é que não passava, e a tempestade re-crudescia com uma furia estranha, as vagas erguendo-se altas como colinas, e o navio precipitando-se nos abismos que ellas cavavam, e só por milagre não indo ao fundo.

Uma noite, como a chuva e o vento os não deixassem parar na tolda, já tarde, sem rumor de gente, desceram para as cabines, e succedeu que um balanço mais forte, ao passarem junto ao camarote que elle occupava, os fez entrar de roldão.

— Então como te sentes? . . .

— A cabeça um pouco mais pesada; mas não te incomodes, isto passa, filha . . .

No hotel ao cabo da viagem, ella radiante de frescura e de mocidade, elle soberbo de vigor e de audacia, foi como se pela primeira vez se encontrassem juntos, sem testemunhas, unidos conforme manda a lei e a Santa Madre Igreja.

— Não, filha, assim não. Hasde fazer a tua toilette de noiva, que eu quero aspirar nos teus cabellos o perfume da laranjeira, fresca e rescendente como no dia do nosso casamento, meu anjo, minha virgem purissima!

---

## Vinho... jornalístico

---

- Costumas lêr a Lucta ?  
— Eu?... Só leio jornaes republicanos.

*(Entre jacobinos)*

Pôz uma vendarola no sitio mais frequentado da povoação, e como fosse creatura sem ambições, d'um natural modesto, nem se lembrou de fazer reclamo. Apareceu ali, um dia, uma taboleta por cima d'uma porta, e lá dentro, na casita pobre, umas prateleiras com garrafas, alguns copos em cima d'um balcão, e um pipo de poucos almudes posto em cima d'um caixote, a um canto, atraz da porta da rua.

Era pouco afreguezada a vendarola, e esperava toda a gente que ella fechasse d'um dia para outro, mal dando a receita para a despeza. Dizia-se, em geral, que a pinga era bôa, sem mistura nem confecção, o puro sumo do uva. Bebidas de guerra não se vendiam ali, como não se vendiam os varios xaropes rançosos, gratos ao paladar estragado das pessoas

dadas a guloseimas. Já iam passadas largos mezes, e ainda a vendarola era pouco frequentada, os clientes gabando muito a pinga, mas acudindo em pequeno numero. Diziam-lhe que deitasse muita aguardente no vinho, que fornecesse bebidas fortes, vinho rascante, não sendo talvez mau dissolver alguns bagos de polvora em cada garrafa ou barril.

Mostrava-se surdo a taes conselhos, e era como se fosse de pedra ás solicitações do lucro.

Havia arranjar clientela para manter o seu commercio, e como não tinha ambições, resignava-se á mediocridade presente na esperança de melhores dias.

Não viriam nunca? Quando não pudesse viver assim, fecharia a porta da vendarola, poria escriptos na casa, e iria para outra parte tentar outro modo de vida. Não o afrontavam as prosperidades alheias, antes as estimava, mas era com dôr que ouvia chamar ao seu vinho puro, agua pé ou agua chilra.

Ora succedeu que um dia, o tyranno que exercia o governo d'aquella povoação ordenou que fosse prohibida a venda de bebidas de guerra. Fecharam as outras vendarolas e continuou a d'elle aberta, vendendo a sua pinga aos poucos freguezes que tinha. Gritavam-lhe do lado, vozes que nunca ouvira até então:

— O' seu diabo, deite polvora no vinho!

E elle, como que respondendo a si mesmo:

— Mas se eu nunca lha deitei para fazer fortuna, hei de deitar-lh'a agora para fazer a minha ruina?

E continuou a vender a sua pinga, como até ali.

## Os adhesivos

---

Por via de regra não ia á repartição, e quando ia, uma vez por acaso, era só para se informar, junto do continuo, se havia alguma novidade.

N'aquelle dia, como se mostrasse incerto o triumpho, não fosse o diabo tecêl-as, abalou de casa ainda não eram dez horas, fazendo o *chemin des écoliers*, para evitar maus encontros. O fogo continuava nutrido entre a Rotunda e o Rocio, e já os navios revoltosos seguiam rio acima, no proposito de fazerem um desembarque de marinheiros, se fosse necessario.

Quando entrou no seu gabinete, a physionomia um pouco transtornada, teve a impressão de que tudo aquilo era um sonho mau, o pezadelo d'uma noite mal dormida, após uma jantaráda farta.

— Tudo perdido sr. conselheiro ?

Olheu o continuo, como se quizesse fulminá-lo com os olhos, mas reteve o seu impulso de colera, e

fazendo cair a cinza do charuto com a ponta da bengala, desdenhoso e compadecido :

— E's um imbecil! Tres regimentos marcham sobre Lisboa, vindos do norte, e ao mesmo tempo que elles, chegará a artilharia de Vendas Novas. Vaes vêr — nem a alma se aproveitará, d'essa canalha.

No dia seguinte, muito antes da hora a que os continuos chegam ás suas repartições, para o serviço da limpeza e arrumação, as tropas monarchicas rendiam-se, e a Republica era proclamada da varanda dos Paços do Concelho. Logo a nova corre, levada a todos os recantos da cidade pelas mil vozes anonymas que anunciam os grandes triumphos e as grandes calamidades.

Ahi por volta das onze horas, o sr. conselheiro entrou na repartição, o ar jubiloso, como se lhe tivesse sahido a sorte grande de Hespanha.

— Cá temos, afinal, a Republica, sr. conselheiro ?

Olhou para o continuo com severidade, e falando mais para um pequeno grupo de patriotas, quasi andrajosos, que ali estava como que de sentinela, do que para o pobre José, toda a vida republicano :

— E's um imbecil ! Querias talvez que continuasse o deboche monarchico, cada qual roubando para seu lado e o paiz a afundar-se n'um mar de vergonhas ?

E como fosse grande o jubilo que lhe inundava a alma, pegando no chapéu e na bengala, foi de corrida á Camara Municipal felicitar o Governo.

---



## Fé e esperança

---

— Estás mais forte ; fez-te bem o casamento . . .

Tomou-lhe o braço com a familiaridade do tempo em que eram namorados, e foram andando, lentamente, ao longo da praia, no silencio de quem, tendo muito que dizer, não sabe por onde principiar.

— Com que então, fez-me bem o casamento ?

Fôra um capricho, nada mais do que um capricho, de que lhe cabia a elle toda a responsabilidade. Dera-lhe tudo — os seus beijos mais quentes, os seus abraços mais fervorosos, a virginea flôr da sua alma envolucrada na sua innocencia de creança. Se mais lhe não dera . . . Ferira-a cruelmente o seu desdem, que era uma vilissima traição, e, desesperada até á loucura, entregára-se ao primeiro imbecil que lhe falara de casamento.

— Cuidei que eras feliz...

Um homem aproximou-se, descobrindo-se, e offereceu-lhes a barca, se quizessem fazer um passeio no mar.

Porque não ?

Tantas vezes, em noites como aquella, de luar discreto, tinham fugido da praia, remando com força até se encontrarem longe, e depois, abandonando os remos, balouçada a barca na quasi rythmica ondulação das aguas, casando-se com o vago marulhar das ondas a suavissima orchestração dos seus beijos...

— Como estás mais forte, mais desenvolvida, uma perfeita mulher...

Sem duvida, mas não era isso o resultado do casamento, a não ser que esta palavra signifique meramente o facto de se ligarem por um contracto duas pessoas de sexo diferente, e que por elle adquirem o direito de vida em comum, sem escandalo para a moral.

— Mas então ?

Um imbecil, complicado de beato. Aos dezoito annos tivera uma doença grave, e prometera á Senhora de Lourdes, escapando á morte... Se não

casasse, guardaria o sexto mandamento como um avaro guarda um thesouro, a sete chaves, n'um cofre forte. Se casasse, intacto conservaria esse thesouro emquanto não fosse, em romagem bemdita, acompanhado da esposa, ajoelhar perante a Senhora, render-lhe os seus agradecimentos.

— De maneira que...

Era discreto o luar, uma ou outra estrella luzindo aqui e além, o olho ophtalmico d'um pharol, a grande distancia, dando a impressão d'um ciclope que emergisse das aguas, ou n'elas se houvesse precipitado.

Abandonaram os remos já longe da terra, e por instantes ficaram quêdos e silenciosos, como se receassem que uma palavra, um gesto perturbasse o seu enlêvo amoroso. Nem parecia estar ali o par arrulhador de pombinhos estouvados, que n'outro tempo, em noites como aquella, de luar discreto, se faziam ao mar, talvez n'aquelle mesmo barco, quem sabe? envoltos n'um luar discreto, casando-se com o vago marulhar das ondas a orquestração dos seus beijos. Parecia-lhes a barca, molmente balouçada na quasi rythmica ondulação das aguas, um berço em que sorrisse a sua inocencia de creanças, e ao mesmo tempo um thalamo em que se desse largas a sua desenvoltura de recémcasados.

O luar tornara-se mais discreto, nada se apercebendo da terra a não ser, aqui e além, muito distante,

uma luzita froixa, do tamanho d'uma estrela, e o reverbero intermitente d'um farol, do lado oposto á praia, dando a impressão d'um cyclope que emergisse das aguas ou n'elas se houvesse precipitado. A ondulação da barca era quasi imperceptivel, e o marulhar das aguas, rythmica e dolente, era como um epitalamio entoado nas profundezas oceanicas, celebrando os esponsaes de encantadas divindades neptuninas.

- Meu anjo!
- Meu amor!

Os laços do matrimonio, a bem dizer um matrimonio virtual, não tinham feito secar as raizes do seu primeiro, do seu unico amor, que se manifestava agora, a bordo d'aquella barca de sonho, balouçada na quasi rithmica ondulação das aguas, com mais ardencia, com mais irreprimivel impeto que n'outro tempo, quando se faziam ao mar, em noites assim luarentas, de luar discreto, casando-se com o vago marulhar das aguas a suavissima orquestração dos seus beijos.

Na praia, alongando a vista pelo mar, o rude barqueiro procurava descobrir a sua «Alzira» já receioso de que algum desastre tivesse sucedido ao gentil par que lha tomara, dispensando o seu trabalho só para evitar a sua presença. Ouviu o chapinhar dos remos antes que visse a barca, e foi como se entras-

se n'um porto seguro, desenhilhado d'uma rascada brava.

— Mas como queres tu agora...

A barca tocou na areia, e foi necessario tomar a dama ao colo para que não molhasse os pés.

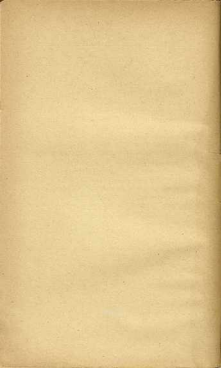
Foram caminhando lentamente, ao longo da praia, sîlenciosos como quem, tendo muito que dizer, não sabe por onde principiar.

— Na verdade, a minha situação...

— Socega, que nada tem de embaraçoso. E' preciso confiar na Senhora de Lourdes e confiar, sobretudo, na imbecilidade do teu marido, com certeza ainda mais imbecil que devoto.

E foram andando pela praia fóra, mudos, sîlenciosos, no calculado silencio de quem, tendo muito que dizer, não sabe por onde hade principiar. Parecia lhes que ouviam o ruído dos seus passos na areia fôfa e humida, e algumas estrelas que luziam, manchando o luar discreto, davam-lhes a impressão de gente curiosa, que espreitava, para o denunciar, o seu amor, o seu crime...

---



## O prato de lentilhas

---

Quando lhe disseram — *ocê também entra*, senti passar-lhe uma nuvem pela cabeça, e encostou-se á estante para não cair.

Ministro!

Mas para o ser, renegara todas as afirmações do seu espirito audacioso, recalcara as aspirações generosas da sua alma juvenil, puzera de banda o pudor intelectual, amachucara como um lenço d'algibeira a sua independencia civica.

Ministro!

Quiz então que lhe escrevessem aquillo n'um papel, muito claramente, muito explicitamente, por fórma a não deixar duvidas. Um compromisso assim tomado, succedesse o que succedesse, havia por força cumprir-se.

Ministro!

Agora não havia duvidas, estava ali escripto — *tu Marcellus eris* — e coisa alguma podia já arrancar das suas mãos aquelle bocado de papel, em que estava a realisação de todos os belos sonhos do seu

passado, e em que elle revia já todas as glorias do seu futuro.

Deitou-se com o papel na mão, a doerem-lhe os olhos de o ter lido mil vezes, como se lê a primeira carta da mulher amada, depois de o ter beijado loucamente, em crises de enternecimento, como se beija o retrato d'uma noiva, que nos enche o coração.

Tamanha felicidade poz uma vibração dolorosa em todo o seu organismo debil, e como as fortes commoções provoquem movimentos peristalticos, acordou como se lhe dessem uma facada no ventre, e desatou a correr mesmo ás escuras. Quando voltou a meter-se na cama, muito quebrado, todo o corpo moido, nem se lembrou de que ainda conservava na mão, como o thesouro d'um avaro, aquelle bocado de papel em que estava a realisação de todos os bellos sonhos do seu passado, e em que revia já todas as glorias do seu futuro — *tu Marcellus eris.*

Ministro!

Pela manhã, quando acordou, vendo que tinha na mão um papel amarrotado e sujo, fazendo caretas, deitou-o fóra n'uma sacudidela de nôjo, dizendo por entre dentes — *que porcaria!*

Para aquillo renegara elle todas as afirmações do seu espirito audacioso, recalcara as aspirações generosas da sua alma juvenil; puzera de banda o pudor intellectual, amachucara como um lenço d'algibeira a sua independencia civica.

---



## Amigos, amigos . . .

---

Amigos desde os bancos das Escolas, um e outro sem familia, resolveram fazer vida em comum.

Porque não ?

Aumentariam as comodidades, e as despesas diminuiriam. Não eram ricos ; mas somados os modestos haveres que possuíam, tinham uma pequena fortuna.

No Collegio chamavam-lhes os *Siamezes*, não porque se parecessem fisicamente, mas porque andavam sempre juntos, tinham as mesmas opiniões, os mesmos gostos, as mesmas birras e caprichos. Fumavam os mesmos cigarros, usavam os mesmos fatos e liam os mesmos livros, isto é, os mesmos romances, ás escondidas.

Alugaram casa, mobilaram-n'a com o desejavel conforto, e assentaram em tomar uma creada da provincia.

No dia em que a senhora Rosalina entrou, com o seu grande sacco de roupa na mão, perfeitaça e rochunchuda, os dois amigos assentaram no programma de vida a realisar, portas a dentro, por modo que n'aquelle modesto lar só houvesse paz e harmonia.

— Farás de conta que a Rosalina é minha mulher, e tratál-a-has com o respeito devido. Eu farei de conta que ela é tua mulher, e tratál-a-hei com o devido respeito.

Assente, por maneira tacita, que a Rosalina seria a mulher dos dois, foram as coisas marchando á maravilha como *sur des roulettes*.

Evitavam as situações que podiam ser comprometedoras, e uma vez que se encontraram no corredor, ás escuras, pela noite alta, quasi junto á porta do quarto da moça, atribuiram o caso a necessidades derivadas d'um arroz d'ameijoas que tinham comido ao jantar, e em que os dois se tinham metido a valer, porque estava excelente. Raramente iam os dois ao theatro, na mesma noite, e quando um jantava fóra, tinha o cuidado de prevenir o outro para seu governo. A Rosalina tinha para ambos as mesmas atenções, as mesmas respeitosas delicadezas as mesmas penhorantes sollicitudes. Em cada mez um era o *bolsa*, como nas Republicas de Coimbra, não porque tivessem necessidade de fiscalisar a administração da rapariga, incapaz de errar as contas em seu proveito, mas para saberem o que se gastava em casa,

habilitando-se a suportarem os respectivos gastos com equidade absoluta. E nunca trocavam impressões a respeito da governanta, ambos satisfeitos com o serviço que ella lhes prestava, cada um d'elles, conforme o ajuste feito, considerando-a mulher do outro, e ella considerando-se mulher dos dois, forma de neutralidade que tacitamente tinham adoptado os tres, para que n'aquelle modesto lar houvesse paz e harmonia.

Eis senão quando a cachopa declara que precisava alargar os côzes, sempre agoniada, a vomitar por todos os cantos, e uma coisa lá dentro, a mexer, que parecia um bicho.

Foi chamado um medico, o primeiro que se encontrou, e discretamente os dois se retiraram para a casa de jantar, deixando a rapariga á vontade para responder ás perguntas que naturalmente lhe faria o doutor.

Foi rapido, sem deixar de ser completo o exame, terminado o qual o medico expoz, sem hesitações e sem reticencias, o seu diagnostico.

— A rapariga está grávida, e pelo que ella diz e eu observo, d'aqui por uns tres mezes deve ter o seu bom successo.

Um d'elles ainda aventou uma hypothese — um bicho como a Rosalina dizia, porventura um tumor a ser operado, como sucedera á irmã de um seu amigo, que os medicos, a principio, diziam que estava gra-

vida. Quando mais tarde se reconheceu que se tinham enganado, já a pobre senhora andava nas bocas do mundo.

— Desejaria muito enganar-me para lhes ser agradável, mas o caso é dos que não permitem a sombra sequer d'uma duvida.

Foi o momento das confissões honradas, do honesto desabafo. como aos pés d'um confessor.

O filho da Rosalina seria, para todos os efeitos, obra dos dois, e visto nenhum ter herdeiros forçados, ascendentes ou descendentes, essa creança, rapaz ou rapariga, herdaria a fortuna d'um e outro, a despeito da sua paternidade ilegítima. E logo assentaram em fazer testamento, nos termos d'esta resolução, no proprio dia em que se baptisasse o pimpolho.

Precisou um d'elles sair, já a Rosalina estava para toda a hora, e como houvesse de por lá ficar uns dias, quiz noticias pelo telegrafo.

E teve-as.

— *Gemeos. O meu veiu morto.*

---

## Amor de velhos

---

S. M. o Rei Leopoldo, da Belgica, esteve hontem em Paris, incognito, e com pouca demora.

(*Dos jornaes*).

— *Bonjour, petite chatte...*

— *Bonjour, petit chien...*

E era uma scena doida de beijos, ele muito alto, muito magro, agarrando a pela cintura, como um avaro segurando o seu tesouro, e ela deitando-lhe os braços ao pescoço, os cabelos d'ouro caindo-lhe pelas costas, e os labios muito vermelhos, alongando-se n'uma momiche, sussurrando umas palavras dôces, que ele adivinhava mas não ouvia.

— *Petite chatte !...*

— *Petit chien !...*

Pela *Avenida*, cruzando-se em todas as direcções, milhares de carruagens passam, e em muitas d'elas vão as damas do grande mundo, ao lado dos amantes e dos maridos, envolvidas em peles caras, ricas

de joias ou ricas de beleza, frutos de carne amadurecidos no ar d'aquela enorme estufa, propicia á florescencia dos mais belos vicios. Paris é lindo quando o inverno é aspero, e um grande lençol de neve, esburacado pelas torres e chaminés, se estende por sobre a cidade, cobrindo-a d'um extremo a outro.

— Minha adorada Cléo !

— Meu adorado Leopoldo !

E assim ficavam horas e horas, á janela, por detraz dos vidros cerrados, ele agarrando-a pela cintura, ella estendendo-lhe os braços ao pescoço, muito chegados, muito unidos, vendo as carruagens que passavam, cruzando-se em todas as direcções na imensa e linda Avenida. Ao cabo, muito aconchegados, muito unidos, deixavam-se cair no sofá, junto á janela, ella a estender os labios vermelhos n'uma momice de creança docil, e elle a adoral-a, n'um culto de devoção ardente.

— *Petite chatte !...*

— *Petit chien !...*

E quando o sol se escondia, por traz do Monte Valeriano, descia elle a escada d'aquella *entre-sol* luxuoso, limpando os bigodes brancos, muito alto, muito magro, rei mais que todos reinadio, e ia ella encostar-se á janela, de vidros cerrados, os cabelos d'ouro caindo-lhe pelas costas, os labios já sem côr retraindo-se sem graça, a vêr os ultimos carros que passavam pela Avenida, cruzando-se em todas as direcções.

---

## Glorias efemerias

---

Julgava-se indispensavel... como todos os inuteis, e afizera-se ao pensamento de acabar no seu posto, como um velho sacerdote velando sobre a pureza da fé, ou como um velho soldado velando sobre a segurança do acampamento. Mas eis que de repente se vê arredado como um empecilho, posto de banda como um instrumento que já não serve, despedido como um serviçal que envelheceu na casa e os patrões, um dia, põem fóra, fazendo-lhe sumariamente as contas.

Uma vida inteira de trabalho, de dedicação, de sacrificios, cincoenta anos de luta por conta alheia, n'um espirito de renuncia quasi evangelica, tudo isso era então coisa de somenos valia, uma carta lida que se deita no fogão, um farrapo sujo que se mete no barril.

Pela sua memoria, como n'um kaleidescopo, passaram todos os acontecimentos a que assistira ou em que tomára parte, coisas grandiosas ou insignificantes, sucessos graves ou comicos, um longo rosario

de peripecias simplesmente curiosas ou altamente suggestivas, muitas das quaes lhe apareciam na sua verdadeira significação e alcance. — Sentira a vertigem das alturas, erguido ás culminancias do mando, e parecia-lhe, ás vezes, que viera ao mundo fadado para governar povos e cingir na sua fronte ampla um regio diadema.

Um dia, subornando um faminto, conseguiu sentar-se no trono, empunhando o sceptro, e tão á justa a corôa lhe assentava na cabeça, tão perfeitamente o largo manto lhe caía dos hombros, em pregas magestáticas, que tudo parecia ter sido feito para ele, de encomenda, rei como D. João I, por aclamação popular. Era structuralmente monarchico, realista por convicção e por sentimento ; mas sentia ás vezes revoltas intimas, efemeras como a lucilação d'um relampago, contra o principio da hereditariedade, absurdo no ponto de vista scientifico, porque pretere muitas vezes em favor d'um imbecil, no provimento da magistratura da Nação, um homem de superiores talentos e inegalaveis virtudes só porque não tivera a sorte de nascer em regio thalamo. E vinham-lhe guinadas, impulsos d'um liberalismo tambem efemero, que sem o congraçarem com o Povo, mais o indispuham com o Monarca.

Servira milhares de interesses ; satisfizera milhares de caprichos ; tecera milhares de intrigas e ocultára milhares de infamias. Nunca soubera resistir ás sollicitações do alto, quer se tratasse de solver dividas



que uma mulher perdularia ia semeando no seu caminho, quer se tratasse de encher d'ouro as guelas d'uma especie de Moloch insaciavel.

Valera bem a pena, na verdade, durante cinquenta longos anos violentar a consciencia, amarfanhar a dignidade, prostituir o character, aniquilar o brio, para ao cabo se ver tratado assim — carta lida que se mete no fogão, farrapo sujo, que se atira á rua. As situações que tivera, as eminencias a que se elevára, não tinha que as agradecer a ninguem, como um favor; conquistára-as pelo seu esforço inteligente, por afirmações d'uma competencia e d'um zelo que ninguem excedia, e pela isenção, e desinteresse que raros igualavam. Tantos que reclamavam agora a sua forçada aposentação, ainda hontem o revenciavam como se fôra um Deus, alguns beijando-lhe as mãos como se fôra um pae. O que sobretudo indignava, enchendo-o d'uma indignação em que havia odio, era o procedimento para com ele havido pelos de cima, por os que sempre o tinham encontrado ao seu dispôr nas horas tremendamente dificeis ou eminentemente perigosas em que a onda republicana, se não lhe opuzessem um dique, galgaria. submergindo-a, uma fortaleza velha de oito seculos.

Como quer que, relanceando os olhos pelo gabinete desse com uma copia barata d'um quadro celebre, representando *Strafford marchando ao suplicio*, abriu a *Historia da Inglaterra*, que tinha sobre a mesa de

trabalho, ainda por encadernar, e poz-se a ler a biografia do Conde, entregue ao carrasco por aquele a quem sacrificára tudo — a fortuna e a vida depois da popularidade.

— Não vos fieis dos Principes, exclamava Strafford, já com a morte na garganta, não ha nada a esperar d'elles.

Sobre a leitura d'esta passagem, que ele desejaria que fosse conhecida, como lição e advertencia, de todos os Ministros e Validos, fechou o livro com serenidade, limpou a testa cheia de camarinhas e disse ao creado que lhe trouxesse uma algalia mole.

No estado de irritação em que se encontrava, desconexos os movimentos, a sensibilidade desordenada, tinha medo d'alguma fistula que acabasse de o escançar.

---

## Um nigromante

---

Quando o comboio se poz em marcha, estavam quatro passageiros na carruagem. Não se conheciam; talvez nunca se tivessem visto; mas ainda o comboio não tinha saído das agulhas e já eles estavam de cavaqueira. Um d'elles, muito alto e muito louro, tipo de homem do norte, sacou da malêta uma almofadinha d'ar, soprou-a até a encher completamente e pediu licença para se deitar. Os outros foram taramegando á vontade, falando d'isto e d'aquilo, das mil coisas sem importancia que constituem o tema quasi obrigado em viagens de caminho de ferro.

Por acaso tinham os trez assistido, na vespera, a um espectáculo curioso, no teatro da cidade, e em todos tinha feito muita impressão o nigromante, que mais parecia um santo a fazer milagres que um politiquero a fazer habilidades.

Era lá possivel adivinhar o que um espectador, tomado ao acaso, tinha nas algibeiras, ou ler, de olhos fechados, uma carta metida no respectivo sobrescripto,

não falhando sequer uma palavra! E então aquela de reduzir a migalhas, n'um almofariz, um relógio de prata, e logo de seguida, com um sôpro, refazel-o tal como era, sem a mais leve beliscadura, e a trabalhar na perfeição!... Nem o diabo era capaz de fazer passar a carteira d'um cavalheiro que estava na geral, sem lhe bulir, para a algibeira d'um outro que estava n'um camarote, como não era capaz de cortar a cabeça d'um pombo, metido n'uma caixa, pegando-lh'a imediatamente ao corpo, besuntadas as superficies sangrentas com uma pomada amarela. O homem a quem ele tinha dito que encolhesse uma perna, e que depois, por mais que fizesse, não conseguiu estendel-a enquanto ele não lh'a esfregou com a palma da mão, esse homem era um creado da casa, que ia ali ganhar dinheiro, prestando-se a burlar o publico. Sim, para fazer aquilo era necessario ter muita habilidade; mas nem Deus já faz milagres nos tempos que vão correndo, e muitas das coisas que o nigromante fizera, se não fossem puras mystificações, seriam actos sobrenaturaes, revelando o poder divino. Assentaram, ao cabo d'uma discussão larga, em que o homem era um intrujão, fazendo em todo o caso as suas intrujices com mais limpeza que os seus confrades.

Foi n'esta altura da conversa que o outro se ergueu, até ali d'olhos fechados como quem dorme, e n'aquelle momento fresco e desempoeirado como quem nem pegou no somno.

— Peço desculpa de me intrometer na conversa;

mas esse tal intrujão d'hontem á noite, a que ha pouco se referiram . . . sou eu.

Calcule-se o assombro dos tres! O mais novo, promptamente refeito da surpresa, disse-lhe:

— Pois bem; eu não acredito em nada do que o senhor hontem fez.

Sem lhe replicar, olhando-o serenamente, com muita firmeza, o homem alto e loiro disse-lhe que fechas-se os olhos. O outro obedeceu. Fez-lhe então, na frente, uns signaes cabalisticos, uns *passes* rithmicos, como quem traça no ar desenhos complicados e symmetricos. Por fim ordenou:

— Abra lá os olhos.

O outro bem queria abril-os; mas dir-se-ia que lhe tinham cosido as palpebras a pontos naturaes, como se fôssem os bordos duma ferida acabada de fazer. Mas bastou um sopro do homemzinho, alto e loiro, a quem havia segundos classificára de intrujão, para elle os abrir sem a minima dificuldade. Voltando-se então para um dos outros, num tom imperativo que não admitia replicas:

— Abra a boca . . .

O outro abriu a boca, e logo o nigromante se poz a fazer os mesmos signaes, os mesmos *passes* que fizera havia pouco para trancar os olhos do incredulo viajor. A seguir, esboçando um riso trocista, em que se afirmava o seu triumpho:

— Feche a boca . .

Poude fechal-a tanto como o outro pudera abrir os olhos. Mas bastou um sopro do homemzinho, alto

e loiro, para que a boca se lhe fechasse sem esforço, com a habitual naturalidade,

O outro viajante era um velhote alto e seco, muito curvado, mas com a physionomia sempre em movimento, e os olhitos muito vivos, guardando muito da sua malicia de rapaz.

— Os senhores estiveram ahi mas foi a intrujar-me !

Logo o nigromante, alto e loiro como os homens do norte, sem se mostrar ofendido com o qualificativo :

— O senhor quantos anos tem ?

— Fiz setenta na semana passada.

— De modo que a respeito de . . .

— Ha quanto tempo isso lá vae !

— E seja em que condições fôr em que se encontre, faça o que fizer . . .

— Isso sim ! Foi chãõ que deu vinha.

Sem lhe dizer nada, com muita serenidade, o nigromante poz-se a fazer signaes cabaliscos, *passes* misteriosos. Passados alguns segundos :

— Então ?

— Como nos meus tempos de rapaz !

Brincava-lhe uma alegria doida em toda a physionomia enrugada, e parecia que uma chama de sensualidade febril lhe punha clarões nos olhos.

Afinal conseguira, sem vender a alma ao Diabo, rejuvenescer como o dr. Fausto, e esse milagre de resurreição, em nada inferior ao que vem relatado na Biblia, operado por Jesus na pessoa de Lazaro, esse milagre espantoso, duma autenticidade irrecusavel, quem o fizera sem elixires, sem drogas e sem ora-

ções, sem ao menos pronunciar o *fiat* da literatura classica, fôra aquele homem muito alto e muito loiro, typo de scandinavo, que ele vira trabalhar, na vespera á noite, num teatro, e que lhe dera mais a impressão dum santo a fazer prodigios, que um pelotiqueiro a fazer habilidades.

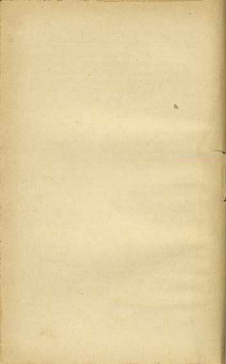
Parecia-lhe agora que o comboio se não mexia, não andava, a maquina pegando-se ás calhas como um sendeiro, arfando como um jumento a contas com uma tuberculose, das que nunca se tornam galopantes.

Talvez o milagre fosse de curta duração e ele, improvisado Fausto, morreria danado por toda a eternidade, sem possibilidades de salvação, maldito de Deus e do Diabo, se não pudesse entrar rejuvenescido em sua casa, apresentando-se á sua Margarida, que por signal era Engracia, intrepido, vigoroso como ha cincoenta anos, quando se casaram. E o maldito comboio a arrastar-se como uma giboia farta, arfando a maquina em estremeções de impotencia, sendo de recear que rebentassem os tubos e a caldeira.

Curvou-se um pouco o nigromante, soberbo do seu triunfo, e entumescceu as bochechas como quem vai soprar. Recuou o velhote, num repelão, como quem vê diante de si uma fera de guela hiante, e sacando da algibeira um revolver, apontando-lh'o á cabeça:

— Se você sopra, faço-lhe saltar os miolos.

---





## Traças femininas

---

A'manhã ao nascer do sol, acaba  
o mundo.

*(Dos jornaes).*

Justamente quando no relógio da torre batia a meia noite, com as cautelas de quem entra na casa alheia desejando que o não vejam, abria ele a porta do jardim e caminhava, quasi nos bicos dos pés, até á janela do seu quarto, que estava entre-aberta.

— Meu amor! . . .

Severa, com muita dignidade, mantendo-o afastado a todo o comprimento do seu braço estendido :

— Tenho a certeza de que vou morrer, de que morreremos todos d'aqui por algumas horas. Não te-  
rei de córar perante ninguem da enormidade da minha falta. Entrego-me á beira da sepultura ; será como se violasses, o meu cadaver.

A verdade é que o quarto não estava armado em camara ardente, antes rescendia a frescura dum *bou-deoir* galante, ninho d'amores que precisam esconder-se para não ofenderem a Moral.

Um mólho de cravos vermelhos, muito vermelhos, ri na boca duma grande jarra de Sévres, e num *solitario* faceado, com applicações douradas em cada face, uma linda Paul Neyron, com tonalidades de veludo, mal disfarça o envaidecimento da sua beleza no orgulho da sua ascendencia fidalga.

Debruçados na janela, apagada a luz, parecia que escutavam o silencio profundo daquela noite calma, cheio o jardim, em que erravam perfumes, dum luar baço e pesado. Coisa alguma prenunciava a catastrophe annunciada, o irremediavel fim do mundo transcorridas algumas horas; mas ela bem vira na lua manchas que pareciam signaes cabalísticos, justamente as manchas que um astronomico americano, de grande reputação, annunciara que se tornariam visiveis a olho nú umpouco antes de se produzir o cataclismo cosmico. A via lactea dava-lhe a impressão duma estrada em miseravel estado de conservação, desnivelada, cheia de buracos, e já lhe tinha querido parecer que as estrelas andavam numa contradansa, algumas correndo em zig-zagues, desenhando na atmosphaera sinusoides caprichosas. Na terra a quietação era absoluta, mas no Firmamento a desordem era manifesta.

— Não penses nisso, minha filha; todos os dias o mundo acaba... para os que morrem, e todos os dias ele principia... para os que nascem. Mas admi-

tâmos que desta vez os sabios não erram, como já lhes tem acontecido fazendo a mesma lugubre profecia, e que, de facto, o mundo acaba lá para o nascer do sol. Tratemos então de aproveitar o pouco tempo que nós resta; não percamos um instante, um breve instante de felicidade.

Tomou-lhe o braço, e cerrando brandamente a janela, conduziu-a para o leito, uma cama antiga, do melhor estylo, coberta com uma linda colcha da China, da melhor sêda e mais phantasiosos desenhos.

— Entrego-me á beira da sepultura; será como se violasses o meu cadaver.

Dentro em pouco, no silencio morno daquele adoravel *boudoir* apenas se ouvia uma orquestração de beijos, que era a transfusão de duas almas incendiadas na febre dum amor louco e insaciavel.

Pela manhã, quando abriu a janela, duas longas tranças negras manchando, como pinceladas de nankim, a seda côr de rosa da sua camisa de rendas, o sol entrou-lhe no quarto, sereno e luminoso, como nos melhores dias da primavera.

Tudo no jardim estava como na vespera, e ouviam-se na rua os pregões de todos os dias, sem faltar o aleijado das cautelas — quem me compra o 1.022, — é a sorte. — Não acabara o mundo, afinal.

Sentado no leito, o ar de quem ruma um doloroso pensamento, respondendo à interrogação que elle fizera, num tregeito da sua physionomia linda mas fatigada.

— Sim, deste-me toda a felicidade que eu ambicionava; mas sofro de pensar que só o fizeste imaginando que o leito em que nos deitássemos juntos seria o caixão em que repousassem os nossos cadáveres.

Ela então, envolvendo-o n'um olhar de veludo, sorrindo á sua tristeza, terna e desdenhosa:

— Meu pateta !...

E foi colocando sobre uma mezita de pé de galo, que aproximou do leito, todas as coisas delicadas que preparára na vespera, para um almoço em *tête-à-tête*, no discreto isolamento do seu quarto.

---

## Bater nos dedos não vale !

---

Como os dias corressem quentes, d'um sol abraçador, tinha-se construido uma barraca que abrigasse a multidão. Esperava-se que a concorrência fosse grande, maior que de costume, pois que o assumpto era d'uma gravidade excepcional, como nenhum outro se ventilara ainda em assembléas populares, desde que fôra implantado o constitucionalismo. Um cidadão flatulento tivera um descuido irreverente á passagem do cortejo real, no dia em que abria o parlamento, e como Argus andasse por ali a farejar a hydra, com uma acuidade sensorial de hypersthésia neuropática, logo entrou no conhecimento do caso pela dupla via do nariz e dos ouvidos. Agarrado violentamente por um braço, o misero cidadão lá marchou para o calabouço, confessando o crime, mas negando a intenção criminosa, oferecendo todas as desculpas e explicações que d'elle exigissem como expiação da sua falta involuntaria.

Interrogado pelo commissario, jurou pela sua hon-

ra que o seu desabafo intestinal não obedecera a nenhum proposito de manifestação politica, lamentando-se de não ter nos esphincteres a mesma rijeza que tinha nas convicções. E a abonar os seus dizeres, tirou da algibeira do casaco um frasco de carvão Belloc, que ofereceu ao exame do commissario.

Quiz, porém, a sua má sorte que, ao destapar o frasco, commettesse a mesma irreverencia que o trouxera ali, agarrado pela mão de ferro d'um Argus fafejador. Enviado para juizo, respondeu em policia correccional, e foi posto á disposição do governo.

O comicio era para protestar contra a violencia sem nome, havida para com um cidadão sem culpa, e reivindicar ao mesmo tempo os sacratissimos direitos da Sciencia, no que respeita ás leis que regulam a expansibilidade dos gazes em recipientes mal fechados.

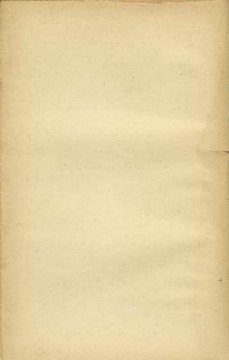
O calor era de rachar, de modo que foi facil aos oradores aquecer a multidão. Nunca se vira espectáculo assim grandioso, milhares de bocas gritando n'um entusiasmo louco, e milhares de braços erguendo-se em gestos desesperados, como se fossem vingar ali mesmo o nefando crime do Poder. Se não somos um bando de cobardes, gritava um orador, é preciso que este crime não fique impune, que seja lavada em sangue esta afronta. O cidadão condemnado tem de ser posto em liberdade, e no dia glorioso em que proclamarmos o reinado do direito e da justiça, erguendo o edificio esplendente do futuro sobre as ruinas sangrentas do passado, será esse mesmo cidadão quem dará as salvas do estylo... se ainda tiver flatulencias.

Rasguemos o peito heroico, e ofereçamos ao abutre do despotismo o nosso coração generoso ..

N'isto cae um barrote, e apanhando pela cabeça um cidadão que estava á frente, fez-lhe uma brecha larga e funda, pondo-lhe quasi os miolos a descoberto. O orador interrompe-se, e como dêsse com os olhos na ferida, de bordos esfarrapados, escancarada como uma boca sem dentes, deixando ver no fundo um bocado d'osso muito esburgado e muito branco, enfiado, a tremer, com bagas de suor fino a perlar-lhe a testa, encostando-se á meza, muito livido — *eu não sou para estas coisas!... não sou para estas coisas...*

E desmaiou.

---





## Hontem e hoje

---

Chamava-se Virgolina.

Muito viva, muito garota, parecia um vivo demônio. Era d'estas feias simpáticas, tão simpáticas e captivantes que ninguem dá pela sua fealdade. Andava sempre um riso escarninho a brincar-lhe nos labios côr de romã, e nunca uma sombra de tristeza nublara o seu olhar azul muito dôce, muito suave.

Andavam de bôca em bôca os seus ditos engraçados, ás vezes d'uma graça que feria, fazendo rir ao mesmo tempo. Ninguem lhe queria mal, ninguem lhe era sequer indiferente, tanto a sua futil pessoinha encantava. Os que a encontravam na rua cumprimentavam-na com afabilidade, e raros deixavam de a provocar, obrigando-a a uma girandola de gargalhadas cristalinas, que faziam rir por contagio quando a ouviam rir.

Espalhou-se um dia, na aldeia, que a Virgolina ia casar. Ao principio ninguem acreditou; mas um domingo, á hora da missa, o padre fez as proclamas, e desde esse momento não havia que duvidar. O noivo

era um rapaz de fóra, que ella conhecera n'uma romaria, e por quem se apaixonara doidamente.

Todos esperavam que ella mudasse, noiva já apregoadada, deixando aquelles modos desenvoltos, em que punha uma graciosidade de rapariga andaluza, e aquellas falas muito jocosas, d'uma ironia ás vezes sangrenta, em que havia talvez demasiada liberdade.

Mas a Virgolina não mudou até ao dia em que deu o laço indissolúvel, aceitando por seu legitimo esposo o eleito do seu coração. Nem chorou, como é da praxe, quando saiu de casa para a Igreja, muito tãful, com o seu veu de noiva, e as suas flores de laranjeira, como um diadema, enfeitando o seu cabelo negro.

No dia seguinte, logo de manhã, como de costume, a Virgolina saiu de casa para ir á fonte. Como passasse a pequena distancia d'um rancho de raparigas:

— O' Virgolina! O' Virgolina!

Nem olhou para lá. O caso fez sensação no grupo, e logo uma d'ellas se destacou, a interrogal-a.

— Não ouviste chamar-te?

— Eu não.

— E' impossivel. Gritámos todas — O' Virgolina!  
O' Virgolina.

— Pois ahi está; cuidei que não era comigo.

— Que não era contigo?...

— Pois está claro. Se fosse hontem, ouvindo chamar — ó Virgolina! — acudia logo; mas hoje...

— Hoje o quê? Não percebo...

— Tu o perceberás um dia.

## Chassez le naturel

---

O sr. João Franco foi chamado de Coimbra, por telegrama, para formar governo.

(*Dos jornaes*).

Chamado!

Tinha ali, na mão, o telegramma que o chamava, irrecusavel como uma prova material, e ainda lhe parecia mentira.

Chamado!

Era outra vez o poder, a auctoridade, o mando. Mas agora era o poder sem partilha, era a auctoridade sem restricções, era o mando sem *contrôle*. Já pelo paiz inteiro deveria ter soado o seu nome, que lhe parecia ouvir gritado por milhares de bocas, aclamando o Redemptor.

Chamado, finalmente!...

Fôra longa a proscricção, durante a qual tivera momentos negros de desespero, sem esperanza de salvar-se — como um homem que cae ao mar, em

noite de tormenta, e vê o navio afastar-se, cada vez mais longe. . .

Chamado !

Sentia-se crescer, dilatar-se, e já o paiz lhe parecia pequeno para conter a sua grandeza. Dentro d'algumas horas, que entretanto lhe pareciam grandes como seculos, o telegrapho faria saber ao mundo que elle fôra chamado, e talvez que n'um momento preciso, em toda a redondeza do globo, fôsse elle o alvo de todas as atenções, invejado por estadistas de todos os paizes.

O Poder !

Seria economico e liberal ; sem deixar de ser rigido, procuraria ser generoso. Revogaria todas as leis más, e porque muito sofrera no exilio, sentia-se tomado d'uma enorme piedade por todas as victimas da lei, por quantos sofrem injustiças.

A liberdade !

Nunca tinha pensado n'isso. Ella aparecia-lhe agora, na escandencia do seu cerebro, como a visão d'um mundo novo, feito de luz e de sonho, estonteante como um vinho generoso, que se apetece, irresistivel como uma bela mulher, que se deseja.

O Poder ! A auctoridade ! O mando !

Fecharam-se-lhe os olhos, como n'uma embriaguez de somno, segurando na mão, com força, o telegramma que o chamava.

Adormeceu.

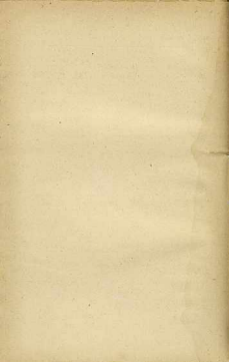
Quando o comboio entrou na *gare*, já lento, mal se arrastando, a gente que a enchia desatou aos gri-

tos de saudação, mal distinctos, quasi inarticulados, como são as vozes da multidão incoherente.

Acordou em sobresalto, estremunhado, e como ouviu aquelles gritos, e visse aquella turba, fóra de si, n'uma alucinação do Poder sem partilhas, da auctoridade sem restricções, do mando sem *contrôle*, enfiando a cabeça pela janela, engrossando muito a voz, imperiosa como n'um campo de batalha, gritou por sobre aquelle mar de cabeças — *Tudo para Timor! Tudo para Timor!*

Acordara ao mesmo tempo — o passageiro e o tyrane.

---



## O voto livre

---

Fôra assistir ao comicio.

Tinham-lhe dito que valia a pena, e como nunca assistira a espectaculos d'aquella natureza, abalou de cambulhada com outros, como para uma romaria. Esperava se gente de fóra, senhores de muita nomeada, figurões de muita fama em toda a redondeza do paiz. Pouco mais ou menos, pensava elle, havia de ser uma coisa assim como as Endoenças, com uns poucos de prégadores. Habitudo a nada entender de sermões, feitos geralmente n'um portuguez peor que todos os latins, lá lhe parecia que outro tanto havia de perceber dos discursos.

Tratava-se das eleições, ouvira elle dizer na taberna, pela manhã, quando fôra matar o bicho. Provavelmente iam obrigar-o a dar o voto a quem não tinha direito a elle, e então era pela certa que lhe augmentariam os impostos, que lhe encoimariam os tres bacoritos que trazia pastando em terra alheia, e talvez mesmo ficasse sem a courela, ao pé do rio, ou lhe augmentassem a renda fóra de todas as medidas.

Ainda deu uns passos para traz, com uma desculpa qualquer — vou ali e já venho — resolvido a não sacrificar a uma curiosidade de palerma a felicidade inteira de seus dias.

Bem lhe dissera a mulher, a não querer que elle fosse, que se deixasse de asneiras, que em elle não tendo de comer, ninguem lh'o daria.

— Diabo viu, sermões n'um quintal.

E elle tinha um grande respeito pela sua Ignacia, creatura de muito bom senso, toda pratica, incapaz de se mover por cantigas.

Mas considerou que era uma cobardia fugir, os outros todos, nas condições d'elle, continuando a sua jornada, saltando e rindo na mais saudavel despreocupação do mundo.

Em tres saltos apanhou os camaradas, e lá foram todos, bando alegre de trabalhadores em folga, a vêr o que seria aquillo.

Armara-se um camarote, como para a musica, nas touradas de aldeia, e em cima do camarote via-se uma pequena mesa de quatro pés, alta e comprida. Uma garrafa de vidro, com agua; um copo, tambem de vidro, ao pé da garrafa; um tinteiro de folha prateada; um arieiro á moda antiga; uma folha de papel azul, riscado; um lapis muito aparadinho, e era tudo quanto sobre a mesa havia.

Muito depois da hora marcada para começar a fun-



ção chegaram os senhores de fóra, acompanhados das pessoas mais importantes da terra, as que tinham fama de serem republicanas, e d'isso não faziam segredo. A multidão acolheu-os com vivas, muitos e calorosos vivas, agitando-se chapéos no ar.

O primeiro orador que usou da palavra, já entrado em idade, disse que era preciso fazer a Republica, porque a Monarquia, incorrigivel nos seus desmandos e nos seus crimes, punha em risco a independencia nacional. O que se lhe seguiu, ainda novo, de gaforina ao vento, voz de stentor, aspera e sem modulação, acusou o Regime de todos os embaraços da vida nacional, sem Exercito e sem Marinha, sem estradas e sem escolas, o imperio ultramarino em risco de perder-se, o Thesouro de cada vez mais pobre, a divida publica de cada vez maior, a Liberdade a sofrer restrições todos os dias e a Reação a ganhar terreno a cada hora. A multidão aplaudia, mas cada um dos espectadores, gente rustica e analfabeta, tinha o ar, entre curioso e simplorio, de perguntar ao visinho mais proximo — o que foi que ele disse? Verificava agora, o nosso homem, o bem fundado das suas apreensões, quando se dispunha a não assistir ao comicio, bocarejando-lhe que perceberia tanto dos discursos como percebia dos sermões, e dos sermões, geralmente n'um portuguez peor que todos os latins, não percebia patavina.

Muito desapontado, muito aborrecido, dispoz-se a furar a molle imensa no meio da qual se encontrava, pedindo licença a uns, metendo os cotovelos ao peito

d'outros para abrir caminho. Mas eis que a palavra é dada a um orador que lhe faz bôa impressão, e que logo ás primeiras palavras o empolgou, a dizer coisas que o interessavam e que sem esforço ele entendia.

— O voto, cidadãos, é livre, porque é a expressão da consciencia individual. E' uma infamia sem nome obrigar o eleitor a votar por este ou por aquele, e sem a pratica dessa infamia, a que urge pôr termo, a Republica sairia da boca das urnas em vez de sair da boca das espingardas. Experimente o governo deixar que os cidadãos votem livremente, sem coação de qualquer especie, e veremos quantas vingam das suas candidaturas.

Rematando a demosthenica oração, num supremo arranco de eloquencia pulmonar, o orador atira para cima da multidão, esta bomba incendiaria:

— O voto pertence-vos, cidadãos; é o vosso direito e a vossa propriedade, tão vosso como aquilo que adquiristeis com o vosso dinheiro ou herdasteis de vossos paes.

Estava acabado o comicio; a multidão entrou a mover-se, a tornar-se permeavel, a fragmentar-se como um rochedo que se desagrega.

A' noite, de regresso a casa, tinha o ar satisfeito de quem não perdera o seu dia. Molhára as guelas, n'uma tenda, á beira do caminho, e a pinga cahira-lhe bem no estomago, abrindo-lhe o apetite. Avistou-o de longe a sua Ignacia, de modo que foi só entrar

---

e sentar-se á mesa, onde já fumegava uma valente pratada de selcas e grão de bico.

— Então? Era melhor lá não teres ido...

— Cala-te, mulher, não digas asneiras. Estamos a ser roubados ha uns poucos d'annos com esta léria de termos que dar o voto ao governo.

— Mas sempre ouvi dizer...

— Cantigas! Lá o disseram alto e bom som, nas barbas do administrador, que o voto é livre, e elle não fugiu nem mugiu.

— De modo que ..

— De modo que sendo o voto livre... a gente pôde vendel-o a quem mais der. Pois então como canta?...  
  

---



## Dormindo estava sonhando

---

El-Rei passou hontem ligeiramente incomodado.

(*Dos jornais*).

O medico tinha-lhe recomendado que não dormisse sobre as comidas, por causa das congestões, tanto mais que elle era um *gros mangeur* — o primeiro garfo do reino, como diziam os seus familiares, n'um espirito baixo de lisonja. Mas n'aquelle dia erguerase da meza mais bebado de somno que de vinho, n'uma quebreira de velho abade em dia quente, pela hora da sésta, as pernas negando-se a sustentar-lhe o corpo, e os olhos fechando-se-lhe com uma força de molas novas, como se não pudesse suportar a luz. De modo que, instinctivamente, quasi sem consciencia do que fazia, dirigiu-se para o quarto da cama, e d'ahi a pouco roncava como um santo ou como um porco — Nosso Senhor nos perdôe.

E sonhou.

Andava no campo, atirando aos passaros, para en-

treter, quando de repente lhe chega aos ouvidos uma algazarra medonha, vozes de gente irada que pragueja e ameaça, prestes a envolver-se n'uma lucta corpo a corpo.

O que seria aquilo ?

Foi-se aproximando, aproximando, cheio de curiosidade, avançando ao abrigo das arvores e das estevas, para que o não vissem, para que não dessem por elle. Já muito perto, encostado ao tronco d'uma sobreira velha, poz o ouvido á escuta, quasi suspendendo a respiração, para ouvir melhor.

Foi como se lhe caísse um raio aos pés !

Era d'elle que se tratava, n'uma linguagem absolutamente irrespeitosa, fazendo-lhe as acusações mais graves, attribuindo-lhe responsabilidades d'um grande criminoso, que fôsse ao mesmo tempo um grande corbarde. Nos vultos mal reconhecia as pessoas, mas quiz-lhe parecer que muitos d'aqueles individuos já ele vira curvados na sua frente, beijando lhe a mão com humildades de lacaios, procurando adivinhar-lhe os pensamentos e as vontades, sacrificando tudo aos seus caprichos, esmolando os seus favores e as suas graças. E todas pareciam apostadas contra ele; pelo menos nem uma só tomava a sua defeza, nenhum peito se oferecia, generoso e decidido, aos golpes que lhe atiravam. Mas então . . .

Era todo um povo que assistia áquelle cascalhar de injurias, e como uma palavra mais viva saltasse d'uma boca mais indignada, da multidão irromperam gritos de morte, e logo se ergueram braços ameaça-

dores, dispostos ás violencias maximas. Foi quando uma voz gritou :

— Lá está o gajo !

E todos os olhos caíram sobre elle, dardejando coleras ; todas as mãos se estenderam para elle, em crispções de raiva. E nem um só d'aquelles individuos que outr'ora, em tempos aureos, elle vira curvados na sua frente, beijando-lhe a mão com humildades de serviçal, anciosos por adivinhar-lhe os pensamentos, sacrificando tudo aos seus caprichos, esmolando os seus favores e graças, nem um só d'esses homens tomou a sua defeza. oferecendo o peito generoso aos golpes que lhe atiravam. Desatou a fugir, n'uma carreira doida, galgando cerros e vales, como se tivesse azas nos pés. Entraram as pernas a fraquejar-lhe negando-se a ir mais para diante, e já lhe parecia sentir a respiração anciosa da multidão que o perseguia, soltando gritos de morte.

Sem saber como, encontra-se no meio de um pequeno grupo, meia duzia d'homens que falavam de justiça, de direito, de liberdade. Julgou-se irremediavelmente perdido, assim colocado entre dois fogos. Mas a multidão estacou, na presença d'aquelles homens— como um vagalhão enorme que o mar arrojasse á praia e se quedasse immovel, antes de tocar na areia.

— Eu sou . . . aquella gente . . .

Muito perto d'ali, alguns passos, estava uma gare de caminho de ferro. Justamente n'aquelle momento, chegava um comboio rapido, que devia atravessar a fronteira. Aquelles homens serenos que falavam de

justiça, de direito, de liberdade, ajudaram-n'o a metter se n'uma carruagem, dizendo-lhe bôas palavras, prodigalizando-lhe atenções e delicadezas. Ouve-se o signal de partida.

— Mas então a minha mulher, os meus filhos, toda a minha familia? . . .

— Vá descansado, que não lhes acontece mal nenhum; lá irão ter.

Quando o comboio parou, ao cabo d'umas poucas d'horas, deitou a cabeça fóra da portinhola, e perguntou a um empregado:

— Isto aqui o que é?

— E' o Exilio.

N'este momento acordou.

---



## Insignias

---

Era muito mais velho do que ela, mas não parecia ter tanta idade.

Escorreito, agil, bem posto, se quizesse dizer que tinha apenas cincoenta anos facilmente o acreditavam. E, comtudo, já ia para além dos sessenta, bastante para além, a menos que lhe tivessem trocado o assento do baptismo e mentisse a certidão de idade.

Senhor d'uma grande fortuna, poderia ter casado como quizesse se não fôra a profunda repugnancia que lhe inspirava o casamento. Tinha a paixão das viagens, e amava a liberdade com um fanatismo de selvagem. As ligações episódicas que tivera, á força de numerosas, mais o tinham disposto para se conservar livre, tanto mais que nenhuma d'elas fôra fértil, mercê das inteligentes preocupações que tomava.

Repetia invariavelmente este conceito agrario, formulado com certeza por um solteirão de sua força:

— Um boi só, lambe-se todo.

A verdade é que entrara na casa dos sessenta,

sem encargos de familia, sem cuidados de *ménage*, tão livre como um galo na capoeira ou como um coelho no mato.

Encontrou-a por acaso, um dia, na quinta d'um amigo, e logo o empolgou uma paixão doida, que lhe poz a cabeça á roda. Foi verdadeiramente o *coup de foudre*, o fosforo aceso que cae n'um monte de lenha seca, no pino do verão, e logo ateia um incendio voraz e indomavel. Aparecia, casualmente, em toda a parte onde ela costumava aparecer, e se era forçoso chegarem á fala, quasi lhe pedia desculpa de estar ali, não fosse imaginar que a procurava. Os seus olhares desmentiam as suas palavras, e d'isso se apercebera ella desde a primeira hora.

Fez-lhe uma côrte discreta, que a nada o obrigaria se viesse a reconhecer que não era aquella a metade que lhe destinara o creador no dia em que partiu as almas ao meio, espalhando as pelo mundo, para que se procurassem.

Colheu informações e veiu a saber que a menina fôra educada em familia, com rigores de severidade. Fazia todos os serviços domesticos, melhor que a mais perfeita das creadas, e sabia conduzir-se n'uma sala como qualquer fidalga *vieille roche*, superiormente distinta. Ainda se lhe não conhecera um namôro, não obstante ser requestada por muitos rapazes, uns de posição, outros de fortuna, entre os quaes facilmente encontraria um marido que a tornasse feliz, e bem merecia a felicidade uma pessoa tão excepcionalmente dotada.

O demonio era a diferença de idade, ele já na casa dos sessenta, embora o não parecesse, e ela ainda longe dos trinta, tão fresca, tão louçã, tão menina, que dir-se hia uma virgem de collegio. Ainda pensou n'uma viagem larga, com demora de tres ou quatro anos, esperançado em que no regresso a encontraria já casada, pelo menos já comprometida n'um *flirt* dos que levam ao pé do altar. Mas sentia-se preso, irremediavelmente preso áquella mulher, que além de ser um modelo de encantos fisicos, era a virtude na sua expressão mais pura e mais alevantada. Ainda teve coragem para lhe falar dos seus projectos *in mente*, mas ela desarmou-o com um olhar, que era uma supplica, e com um sorriso, que era uma promessa.

Tinham de cumprir-se os fados.

Botou declaração, que ela aceitou, e d'ahi a pouco ofereceu-lhe a sua mão de esposo e a sua fortuna — a sua mão, que era limpa, e a sua fortuna que era enorme, avaliada em muitas centenas de contos, uma parte da qual estava no Brazil, representada em predios.

Sorriu aquella promessa de luxo á sua miseria negra, a viver na estreiteza dum rendimento que mal dava para o trivial passadio, tudo fazendo por suas mãos, os vestidos e os chapeus. Felizmente tinha saude, uma florescente saude, capital por demais precario, unica e eficaz garantia do seu viver modesto, emquanto durasse.

Pode-se lá contar, em qualquer altura da vida, com o dia de amanhã ?

Tendo pedido alguns dias para pensar, para reflectir, acabou por aceitar.

Fazia bem ? Fazia mal ?

Sentia-se capaz de ser uma esposa dedicada, uma companheira amavel, sendo preciso uma enfermeira solícita, prodigalizando ao seu marido doente aqueles cuidados que a Medicina recomenda e tem como auxiliares da sua eficacia curativa.

Dada a diferença de idade, uma diferença de mais de trinta anos, a não ser que morresse primeiro do que ele, ficaria viuva um dia, ainda bem conservada, porventura habil para ter filhos, doida por creanças, a ponto de chamar, algumas vezes, as que brincavam na rua, perto de sua casa, para lhes fazer caricias, lavando-lhes primeiro o focinho lambusado.

Casava por interesse ?

Sem duvida ; mas era tambem por interesse que a pediam em casamento, e a sua mocidade, a sua beleza, a sua frescura, a sua virgindade sem macula, valiam bem o punhado de libras com que o marido entrava na sociedade conjugal á procura d'um affecto que desse amparo e calor á sua velhice enregelada.

De resto, ela não procurou aquele noivo, não o atraira primeiro, captivando-o depois, mercê d'um jogo habil e complicado de seducções, que são uma especie de anzol com que as raparigas pobres e ladinhas pescam os velhos ricos e solteiros. Preocupava-a o futuro, e no casamento que lhe propunham via a segurança d'uma existencia sem embaraços, a garantia d'uma vida sem dependencias, e para obter

esta situação não precisara humilhar se como quem pede esmola, sequer ao menos mostrar-se reconhecida como quem recebe um favor.

Casaram.

A natureza é inexoravel ; nunca renuncia aos seus direitos. Se lh'os ignoram, lembra-os, e se lh'os negam, reivindica-os com firmeza, ás vezes de forma clamorosa e desabrida, a roçar pelo escandalo. O largo tributo que pagara á mocidade, desfalcara-lhe, mais do que ele supunha, as energias vitais, e d'isso não se apercebera, em semelhante coisa não pensara quando definitivamente resolvera contrair matrimonio com uma linda mulher — linda e em todo o vigor da mocidade.

Encheu se de resignação, a amavel esposa, na sua quasi viuvez de mulher casada, e porque era d'uma extraordinaria delicadeza de sentimentos, vendo que ele a amava loucamente, dava-lhe a ilusão d'um amor correspondido, se não com muito fôgo, ao menos com muita sinceridade.

Como fosse homem da Côrte, afidalgado por motivos eleitoraes, recebeu convite para a cerimonia de investidura do Tosão d'Ouro em S. Magestade El-Rei, graça que espontaneamente lhe conferira o governo hespanhol. Foi uma festa de estrondo, á altura da rara distincção conferida ao Monarca. Não faltou ninguem do corpo diplomatico, com o Nuncio á frente ; estiveram as pessoas mais graduadas da Magistratura, do Exercito, da Armada, os Pares do Reino *au grand complet*, e dos senhores deputados só falta-

ram os que nem d'aluguer nem por emprestimo tinham conseguido obter uma casaca. Nunca em Palacio se tinha visto tanto luxo e tanta beleza tantos e tão apetitosos fructos de carne, oferecendo-se ás gulodices dos olhos, quasi a roçarem pelos labios d'aquelles Tantalos *tirés á quatre epingles*.

Na volta, muito correcto na sua casaca preta, os bigodes muito retorcidos, mais córado que de costume, escorreito e agil, parecia que tinha remochado d'uns poucos d'anos.

Ela esperava-o no gabinete de costura, com a sua bluzza *á jour*, de manga curta, pondo em relêvo pontuações de carne fresca e rosada, que pediam beijos de fôgo.

De cada vez lhe parecia que ela era mais bela que nunca, mas n'aquelle instante pareceu-lhe a propria Beleza, capaz de acender desejos no mais casto santo do calendario.

— Muito interessante, filha, a cerimonia do Tosão. Um deslumbramento!

— Que pena não seres tambem investido. .

— O quê, filha? A mesma insignia que S. M. !..

— Não digo a mesma, mas parecida. . .

E ofereceu aos seus labios secos a infinita doçura dos seus labios humidos como as duas metades dum morango.

---

## A senha

---

A senha dos conspiradores monarquicos, já conhecida da policia, é esta — quando casa a Beatriz ?

(*Dos jornais*).

— Estão presos!...

Os dois entreolharam-se, cada um d'elles tendo o ar compadecido de perguntar ao outro se aquelle sujeito estaria doido.

— Estão presos!...

Voltaram-lhe as costas, sem lhe dizerem palavra, mas já ao tempo se formara um grupo, que ia augmentando, e d'entre essa multidão d'acaso uma voz se ergueu terrivelmente acusadora — são *thalassas*.

Grande balburdia, apitos, sopapos e bengaladas, até que um policia fardado, abrindo caminho com os cotovelos, disse solemnemente — *todos presos!*

No governo civil, perante o sr. commissario de policia, são primeiro introduzidos os dois *thalassas*.

— ... Pois saberá v. ex.<sup>a</sup> que me encontrei ali, por acaso, com o meu compadre, que eu nem sabia que tivesse chegado do Brazil. Rapazes do mesmo tempo, companheiros de escola, elle foi o padrinho da minha filha, e logo no dia seguinte ao do baptisado abalou para o Rio. Ha uns seis mezes, estando ajustado o casamento da rapariga, mandei-lhe dizer que a afilhada ia casar, e que todos estimariamos imenso que elle assistisse. Escreveu logo, dizendo que não podia vir, para nos fazer surpresa, e na verdade chegou aqui, sem nós darmos por isso. Encontramo-nos ha bocado, na Baixa, e estava eu a dizer-lhe que a pequena sempre casa, quando aquelle homem, com ares de doido...

— E a pequena chama-se?

— Saberá v. ex.<sup>a</sup> que se chama Beatriz...

E' introduzido o outro, com os olhos esboghados, o colarinho n'uma rodilha, e por baixo do olho esquerdo o signal d'um valente murro:

— ... Eu desconfiava d'elle, e trazia-o debaixo d'olho. Ha bocado vi-o na Baixa, parado, e calculei logo que elle não estava ali por bom. D'ahi a nada chegou o outro, e eu aproximei-me sem que elles dessem por mim. Logo ás primeiras palavras vi que estavam conspirando. A Beatriz casava por um d'estes dias, e elle havia assistir á boda. O outro dizia

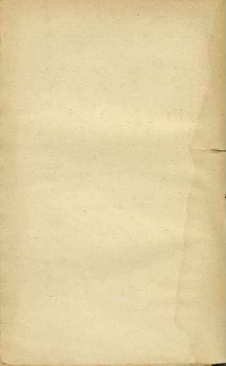


---

que tem grande necessidade de ir ás aguas, e que por isso talvez não pudesse assistir. Que não, que estava tudo preparado, e a pequena havia de ter uma alegria doida vendo-o no seu casamento. Em presença d'isto, não estive com mais ceremonias — dei-lhes voz de prisão, e qualquer outro, no meu logar, faria o mesmo que eu fiz, quando desempenhar com zêlo a sua obrigação, que para isso é que nos pagam, creio eu.

Moralidade do caso — as meninas Beatrizes podem casar, mas não devem annunciar o casamento.

---



## As peles

---

Uma coisa horrivel!

Produzira-se um pequeno abalo de terra á hora matinal em que a cidade acorda, já começando a movimentar-se a rua.

Todas as tabernas estavam abertas, para a mata-dela do bicho, e já alguns marçanos, sob a vigilancia dos patrões, iam recolhendo os taipais e escancarando as portas, no empenho de caçar o freguez adventicio.

A atmosfera, ligeiramente parda, tinha o aspeto banal das horas calmas, nos dias bons de inverno, nem batida de ventos, nem carregada de nuvens. O mar, lá em baixo, sereno, muito quieto, parecia dormir ainda, já a terra, afadigada, começava a labutar, como nos outros dias.

Senão quando, ouve se um ruido de trovão seco e prolongado; a terra estremece como nas convulsões d'uma catastrophe geologica, e desabam predios em todo o circuito da cidade, formando se em pontos diversos grandes montes de escombros, saindo d'alguns fumo e labaredas. Ouviam-se gritos lancinantes;

gemidos que eram a tortura de quem sofre, soterrado em vida. Havia lagrimas em todos os olhos; soluços em todas as gargantas; dôres cruciantes em todos os corações; farrapos de loucura em todos os espiritos.

Passada a hora do panico, verificou-se que eram em grande numero os mortos, que eram sem conta os feridos, e as perdas materiaes, de que ainda não podia fazer-se um calculo aproximado, deviam ser qualquer coisa de apavorante, gerando a miseria negra em muitas dezenas de familias.

Logo que o telegrafo informou a Capital, do tragico successo, produziu-se um movimento de piedade que avassalou todas as classes, desde as mais afortunadas ás mais desprotegidas.

Como sempre acontece, em casos semelhantes, foram as mulheres quem mais duramente sentiu os horrores d'aquela inferno, quem mais intensamente evocou os lances d'aquela tragedia, visionando-a nos seus minimos detalhes, só não os exagerando por não ser isso possivel.

D. Fredegundes procurou tres das suas amigas mais intimas, e as quatro assentaram em que se constituisse uma comissão que angariasse, por varias formas, donativos para acudir áquela gente misera. Vagamente pensaram n'um festival no Jardim Zoologico, uma subscrição nacional, um peditorio nas ruas de Lisboa, uma kermesse no Terreiro do Paço e mais tarde, já na Primavera, uma corrida no Campo Pequeno, á antiga portugueza.

Expediram-se convites, numerosos convites, devendo efectuar-se a reunião preparatoria n'um dos mais elegantes *dancings* de Lisboa.

Não compareceram todas as pessoas convidadas, naturalmente, mandando algumas das que não puderam comparecer a sua plena adesão ás deliberações que fossem tomadas, e palavras de incitamento para que se fizesse obra de estrondo.

Emquanto D. Fredegundes não abria a sessão, como lhe competia. as illustres damas presentes entretinham se a falar de coisas substanciaes — theatros, animatografos, serões dansantes. Todas sumariamente vestidas, no rigor da moda, algumas carregadas de joias caras — ricas pulseiras, ricos aneis, colares de perolas que deveriam ter custado alguns milhares de escudos... se fossem verdadeiras. No ponto de vista artistico, algumas vezes o adorno falso vale mais que o verdadeiro, e isso permite ás madamas pouco afortunadas hobrearem, em joalheria, com as fidalgas ou burguezas de fortuna á americana.

Dizia uma, pernas cruzadas, a bola do joelho furando a meia de sêda:

— Os teatros estão ingramaveis. As peças, em geral, não prestam a não ser uma ou outra, traduzida, e os actores, quasi sem excepção, mais parecem amadores, que artistas de carreira,

Acrescentava outra, acendendo um *bout doré*:

— Mal por mal antes o animatógrafo. Se houvesse mais cuidado e bom gosto na escolha das fitas, po-

diam fechar de vez os theatros, que não faziam falta.

Comenta uma terceira :

— Pois eu nem vou ao theatro nem frequento os animatografos. Uma chatice, tudo isso! Desforro-me quando vou ao estrangeiro, pelo menos duas vezes por ano, uma no inverno, outra no verão. E bem feitas as contas, gasta a gente menos, andando lá por fóra, uma temporada, que estando aqui metida. Este ano vamos á Italia, mas de automovel, e na volta demorâmo-nos umas duas semanas na Suissa, que é, de todos os paizes da Europa, como Natureza, o que eu acho mais interessante.

— E uma visita á Russia? . . .

— Vira! Para a maior parte dos estrangeiros aquilo é o poço da má hora, quem lá vai não torna.

— O perigo é o maior encanto de certas viagens; o exito crescente dos aviões, como automoveis ou comboios do ar, é principalmente devido aos perigos de viajar nas alturas. Eu gostava, muito de ir á Russia, e se lá fosse, á certa que não vinha de lá sem um fornecimento de peles para o resto da minha vida. Paiz de gêlos, de neves eternas, deve lá haver peles magnificas e lindas.

— Talvez; mas nenhuma de nós foi á Russia, e nem por isso deixamos de usar peles como as melhores que se usam em qualquer parte do mundo.

— Nem tudo o que luz é ouro, e muitas peles que nos encantam os olhos, ricas de côres bem combinadas, são o produto d'uma industria quimica, de cada

vez mais perfeita. Ainda hontem, no Ramiro, eu vi uma pele, que era um amor, uma pele como ainda não vi outra em Lisboa.

— Era pele de quê?

— O Ramiro disse o nome do bicho, mas não me lembra.

— Seria igual a esta minha? — perguntou D. Fufia dos Remedios e Silva.

— Não; esta é mais bonita. Como a outra ainda não vi nenhuma em Lisboa; mas como esta não me lembro de ter visto alguma em Paris.

— Pois foi de lá que esta veio. O nome do bicho não sei; é um nome muito esquisito.

D. Brigida Fragoso Compota de Marmelada, abrindo se n'um riso malicioso, fingindo que examina a pele, declara secamente, como se atirasse uma bofetada:

— Eu sei, porque tenho uma igual, que não uso — é pele de Tanso.

— De Tanso! — exclamaram todas, assombradas pela revelação, porque nunca tinham ouvido falar de semelhante animal como fornecedor de peles ricas.

N'estas alturas entrou a Marqueza de Bergamota, velhita ainda fresca, muito rica, mas sempre modesta no seu trajar, nem carregada de sêdas, nem salpicada de joias, temida na sociedade que frequentava, pela ironia acerada dos seus ditos.

— A senhora marqueza é que vai dizer...

Informada do objeto em controversia, envolvendo no mesmo olhar terno e malicioso D. Brigida e D. Fufia, a senhora Marqueza sentenciou:

— Pois é pele de Tanso, não ha duvida.

E acrescentou:

— A grande maioria das peles que a gente por ahi vê, um pouco por toda a parte, são como esta — peles de Tanso.

— O' senhora Marqueza! E' lá possivel tanta variedade do mesmo animal!

— O engano das meninas está em julgarem que o Tanso é um animal.

— Então o que é, senhora Marqueza?

— E'... uma Cathegoria.

D. Fredegundes declarou aberta a sessão, oferecendo a Presidencia, por entre aplausos calorosos da Assembléa, á excelentissima senhora Marqueza, que a assumiu jubilosamente, rindo-se lhe os olhitos maganos por detraz das lunetas de vidros curvos.

---



## Alegoria

---

Nos circulos bem informados dá-se como certo que ao actual governo, de concentração, seguir-se-ha um governo ainda não partidario

*(Dos jornais).*

Creanças !

O pae comprára o brinquedo para todos, muito intencionalmente, no proposito de ir formando n'aquelles espiritos juvenis esta grande virtude social — a solidariedade. Chamou-os ao seu gabinete, sentou-os no mesmo «fauteuil», tomou logar em frente d'elles, n'uma cadeira de braços, e, ao passo que ia desenrolando o embrulho que tinha sobre os joelhos, ia fazendo aos petizes um curso de educação civica, que elles não ouviam, tão concentrada tinham a atenção nos olhos.

— Que era para todos; a nenhum ficava o direito de lhe chamar seu, reivindicando uma posse que não tinha, o que seria um abuso intoleravel. Um só não poderia servir-se d'elle; mas todos juntos, em per-

feita intelligencia, poderiam auferir do seu funcionamento as maiores vantagens. Com esta condição indispensavel — não o escangalharem.

Entregou-lhes o brinquedo, tendo-lhes ensinado a servirem-se d'elle, e recommendou-lhes que não empregassem a força quando alguma peça ou orgão da engenhosa maquina oferecesse resistencia, pois que esta só com geito poderia ser dominada.

Creanças !

Mal se apanharam fóra d'ali, muito contentes com o seu brinquedo, cada qual o queria para si, exclusivo dono e possuidor, e o desejo de todos... era desmanchal-o.

Como seria aquilo feito ?

Ha quem diga que o pretendido insiinto de destruição, que os pedagogos atribuem ás creanças, como aos selvagens, é tão sómente o desejo de saber, a rudimentar curiosidade scientifica dos pequeninos cerebros em formação. Assim pensando, Herbert Spencer architectou um sistema de educação, que seria perigoso executar á risca, deixando uma creança cortar os dedos... para ficar sabendo que as navalhas cortam, deixando outra queimar-se... para saber que o fogo queima.

Certo é que d'ahi a pouco, mal passadas algumas horas, os petizes foram ao gabinete do pae, choramingando, com o brinquedo n'um feixe, inutil como um relógio desmontado.

Entraram a acusar-se uns aos outros — foi o Jú, foi o Toneco, foi o Zéca — nenhum querendo assumir, perante o pae, as responsabilidades do mal que fizera, mostrando assim que fôra perdida, inteiramente perdida, aquela breve lição de civismo que haviam recebido havia instantes.

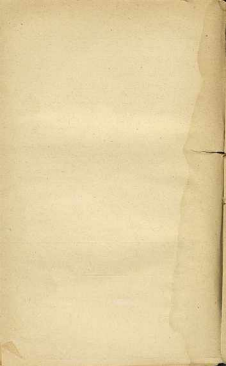
Sentou-os no mesmo «fauteuil», ao lado uns dos outros, tomou lugar em frente d'elles, n'uma cadeira de braços, e, ao passo que ia compôndo o desconjuntado machinismo, ia-lhes fazendo novo curso de educação civica, que elles não ouviam, porque toda a sua instavel atenção a tinham concêntrada nos olhos. E, quando chegou ao termo da sua perlenga, com mais brandura do que severidade, entregando-lhes o apetecido brinquedo:

— Espero que lhes aproveite a lição. Desmanchar é facil; o difficil é construir.

Foi uma alegria doida, mas ainda não haviam transposto a porta do gabinete, já cada um d'elles não pensava n'outra coisa que não fosse... escan-galhal-o outra vez.

Pois ellas são assim, as creanças!

---



## Quem me avisa...

---

Hontem houve uma larga conferencia entre o sr. D. Affonso e o sr. D. Manoel, versando sobre o parecer do Conselho do Estado, relativamente á dissolução do Parlamento.

*(Dos jornais).*

- E então ?
- Lá votaram o decreto, dissolvendo a Camara.
- Dissolvendo a Camara ! Mas tu não podes assignar esse decreto, sem cometeres um perjurio.
- Ora essa !
- Mas é assim mesmo, pequeno. Juraste manter a Constituição, não é verdade ? Pois esse decreto é uma navalha com que a rasgas, e acho de mau agoiro entrar na vida de navalha em punho.
- Mas o tio...
- Bem sabes que eu sou assim. Quando tenho alguma coisa que dizer, digo-a de fórma que todos

me entendam. A ti, mais do que a ninguem, eu tenho obrigação de falar com a maior franqueza, embora isso te escandalise.

— Acha então o tio...

— Acho que tu não deves assignar tal decreto, sejam quaes forem as razões que aleguem para te obrigarem a assignal-o.

— Mas o conselho de Estado...

— O conselho de Estado! Fia-te n'esses gajos, e verás o tombo que apanhas. Eu conheço-os de gingeira. Bem se importam elles encravar-te, se com isso servirem as manigancias dos respectivos partidos!

— Ora a minha vida! Antes eu tivesse morrido tambem, que me não via agora n'esta situação desesperada, querendo manter-me dentro dos meus strictos deveres de rei constitucional, e a sentir-me empurrado para um terreno escorregadio e perigoso.

— Morrer! Não digas tolices.

— Tolicés! Era a tranquillidade para mim, e era o throno para o tio.

— O throno para mim? Eu estava-me... Tu estás doido, pequeno...

— Bom; mas já agora não ha remedio senão assignar o decreto.

— Pois sim; mas olha que só o primeiro passo é que custa.

— Não, lá isso não. Uma vez restabelecida a normalidade...

— Bem sei; uma vez restabelecida essa famosa normalidade, para onde te empurram os politicos, já

nem te prestarás a ouvir os meus conselhos, porque terás perdido todos os escrupulos de rei constitucional.

— Verá que se engana. Não consentirei...

— Não consentirás! Tiveste a primeira fraqueza, praticaste a primeira ilegalidade, caíste irremediavelmente nas unhas d'esses galfarros que tudo sacrificam, as instituições e o paiz, aos seus interesses inconfessaveis e ás suas ruins paixões. Foi assim que os politicos prepararam a morte de teu pae e de teu irmão.

Cambada!

Quem os mandasse de presente ao diabo, o que não seria difficil, com um pouco de bôa vontade, prestaria um ótimo serviço a Deus, ao Povo e ao Rei.

Apanhasse-os eu debaixo da minha alçada, e verias como lhes sacudia as orelhas com o pingalim, obrigando-os a puxarem direito, metidos aos varaes, como pôtros de amansia.

Malandros!

---





## Quem tem padrinho...

---

Servira de madrinha, tocando com a corôa de Nossa Senhora, o tio Manoel, havia quinze dias chegado do Brazil, para onde abalára havia quinze anos.

Recebeu o nome baptismal de Maria, a que a avó acrescentou — da Conceição, pondo assim a neta sob a guarda da Mãe de Deus, soberana dos anjos, refugio dos pecadores — *refugium peccatorum*.

A pequena era linda como os amores, e além de linda era simpatica, o que não acontece com todas as creanças lindas. Ha formas de beleza humana que suscitam a nossa admiração sem provocarem a nossa simpatia, sendo frequente ouvir dizer a respeito d'uma creança ainda pequena, d'uma rapariga já grande, ou d'uma mulher ainda nova — é bonita, mas embirrenta.

Pois a Maria da Conceição era simpatica e era bonita, reunindo estas duas qualidades em grau excepcionalmente elevado.

Tomou a avó encargo da sua educação, para alivio dos pais, já com um bom pezo em cima dos hom-

bros, dois rapazes e tres raparigas, nenhum dos rapazes habil para ganhar, e nenhuma das raparigas capaz de aprender, duas gemeas, contando escassos cinco anos.

A avó da Maria da Conceição era pessoa muito devota, rigorosamente educada nos principios da religião catholica, apostolica e romana. Não era beata, não era sequer igrejeira, chamando assim ás pessoas que trocam a casa pelo templo, algumas preferindo ao templo a sacristia. Ouvia missa todos os domingos, confessava-se todos os anos, e só por grave incomodo de saude não jejuava em dias de preceito. Não dava esmola a todos os pobresinhos que batiam á sua porta, porque não lh'o permitiam as suas poses; mas fazia todo o bem que podia, sem alarde nem ostentação, nos precisos termos do Evangelho — a sua mão esquerda ignorava os beneficios que fazia a sua mão direita.

Quando já era crescida a neta, levava-a comsigo á missa, e encantava-a a compostura da pequena, atenta a tudo quanto o padre fazia no altar, ajoelhando quando a avó ajoelhava, as mãosinhas postas, como se resasse, muito desejosa de ser grande para ter um livro de missa, bonito como o da vóvó, encadernado em percalina, com fechos de metal.

Aos cinco anos já sabia muitas orações — o Padre Nosso, a Avé Maria, a Salvé Rainha, o Credo e os Artigos da Fé, a Magnificat e as Obras de Misericórdia. Não sabia os Mandamentos, porque a avó, tendo alguma dificuldade em explicar-lhe o sexto e o

nôno, assentara em só lhos ensinar, e tambem a Confissão, quando chegasse á idade de comungar.

Nunca a pequena, por expressa recomendação da avó, passava em frente do oratorio que havia no quarto de cama, o quarto em que dormiam as duas, em leitos separados, que não se curvasse em reverencia, persignando-se sumariamente, com uma só cruz, a do peito.

Sem assumir atitudes de mestra, a avó ia ensinando á neta muitas passagens da historia sagrada, esforçando-se por lhe imprimir no cerebro em formação, brando como a cêra mole, algumas das verdades absolutas da religião catholica, e tambem alguns dos factos mais notaveis da historia da Igreja.

No pequenino oratorio, de colunas torcidas, semelhante a um baldaquim, estava a *sagrada familia*, a Virgem no meio, S. José á direita e o menino Jesus á esquerda, rosado como um *bambino* da renascença italiana.

Toda a indumentaria da Senhora, d'uma austera simplicidade, fôra D. Sulpicia que a fizera por suas mãos, no enlevo quasi místico d'um crente, ajoelhado no altar, deserto o templo, os olhos pregados no sacrario onde se guardam as particulas que consubstanciam o Christo, como homem e como divindade. Dir-se-hia talhado na pureza celestial dos lirios o seu vestido de sêda, caindo em grande roda sobre os seus sapatinhos brancos, com fivelas de prata, e era preciso tocar no seu aventalinho, prêso á cintura por um cordão, que se não via, coberto pelo manto, luzente

como se fôra talhado em neve alpina, era preciso tocar o avental para se reconhecer que nem era feito do sol mais fulgido nem do ouro mais puro.

Muitas vezes a neta pedia á avó que a deixasse pegar no menino, e então cobria-o de beijos, cumulava-o de caricias; conversava com ele, como se fôra uma creança da sua idade, fazendo-lhe perguntas e dando ela mesma as respostas, convencida de que era Jesus que lhe respondia. Sorria a Virgem áquele idílio infantil, e á Maria da Conceição, duma notavel precocidade, não passava despercebida a dupla significação d'aquelle sorriso — orgulho de mãe e satisfação de madrinha.

Nunca as flores murchavam no pequenino oratório, renovadas com frequencia, e não havia para a pequena ocupação mais do seu agrado, que entretecer capelas ou grinaldas para a sua adorada madrinha.

S. José merecia-lhe respeito, mas não lhe inspirava simpatia. Tinha o ar severo das pessoas concentradas, quasi fixo o olhar, como pessoa que medita e raciocina. Marido da Virgem, pai de Jesus, isso devia bastar a encher-lhe a alma de jubilo e felicidade, iluminando se-lhe o rosto como aos bemaventurados fruindo as delicias do Paraizo.

— O' avosinha, porque é que o meu padrinho tem um escôpro na mão direita e uma serra na mão esquerda?

— E' porque S. José era carpinteiro.

— E lá no céu, ele trabalha pelo officio?

D. Sulpicia achou graça á inocente pergunta da neta e poz-se a explicar-lhe o que é o céu, esforçando-se por despertar n'aquella alminha tenra, a desabrochar na vida, o sentimento d'uma existencia sem limitação, ao cabo da jornada mais ou menos longa por este mundo de Christo.

— No céu, minha filha, ninguem trabalha...

— Que bcm, avósinha!

— Ninguem trabalha, porque o trabalho ali não é preciso. Se não fosse a desobediencia dos nossos primeiros pais, como já te expliquei, tambem na Terra não seria preciso trabalhar, porque tudo nasceria espontaneamente e em abundancia, e cada qual gosaria de tudo á sua vontade, porque ninguem seria dono de coisa nenhuma.

— Deve ser muito bonito o céu, avósinha. E lá tambem há collegios de meninas?

— Não, minha tontinha. No céu tudo se sabe e nada se aprende; não ha mestres nem discipulos.

— Gostava tanto de lá ir!

— Lá irás um dia, e praza a Deus que seja muito depois de mim.

— Com a avó é que eu gostava d'ir.

— Tontinha! Eu já pouco viverei, porque além de ter muita idade, tenho pouca saude. Pede á tua madrinha que me conserve n'este mundo até que sejas mulher, porque até lá precizarás de mim. Depois, vendo-te amparada, que Nosso Senhor me chame á sua divina presença, e se amerceie da minha alma pecadora.

— E a avó não tem pena de ir para o céu sem mim ?

— Ficas sob a proteção de tua madrinha, imperatriz do céu e da terra, virgem concebida sem macula, mãe de Jesus Christo.

— E a gente não pode ir para o céu sem morrer ?

— Pois não pode. Quando a gente, morre, uma vida acaba, e principia outra vida.

— E todos os que morrem vão para o céu, avó-sinha ?

— Não, minha filha. Para o céu vão só os justos os que praticaram boas obras, os que cumpriram os preceitos da Santa Madre Igreja, tementes a Deus, nunca jurando o seu santo nome em vão.

— E os outros ?

— Os outros vão para o Inferno.

— E o que fazem lá ?

— Sofrem os maiores tormentos, alguns metidos em agua a ferver, ou envolvidos em labaredas que jamais se apagarão, e que, torturando-os, os não consomem, porque temem que sofrer pela eternidade sem fim.

— Coitadinhos !

— Sim, coitadinhos ; mas por eles e por nós todos sofreu Nosso Senhor Jesus Christo, pregado n'uma cruz, entre dois ladrões, maltratado e escarnecido como se fosse um criminoso da peor especie, e um impostor da mais impertinente arrogancia. Lembra-te, minha filha, que desde o Horto até á casa

de Annaz, uma pequena distancia, só pontapés apanhou o Senhor para cima de cento e quarenta, e mais de cem bofetadas. Deram-lhe para cima de cinco mil açoutes, setenta e duas vezes cuspiram no seu divino rosto, vinte e sete vezes o arrastaram pelos cabelos. Foram setenta e duas as marteladas com que o pregaram na cruz, banhando-lhe a divina face o sangue que lhe escorria de mil feridas que a corôa de espinhos lhe abrira na cabeça.

— E não havia ninguem que lhe acudisse ?

— Ninguem, minha filha. Para fazer ideia do que foi o martirio de Nosso Senhor Jesus Christo, bastará dizer-te que ao retirarem-no da cruz, já morto, o seu divino corpo tinha seis mil quatrocentas e setenta e cinco feridas, pelas quaes perdera duzentas e trinta mil gotas de sangue, tendo chorado seiscentas e dezoito mil lagrimas — tudo para nos redimir e salvar.

— Credo, avósinha! Isso são coisas que se dizem...

— São coisas que tu lerás em varios livros, entre eles este, que se chama — *Relicario Angelico de Jesus Christo e de Maria Santissima*, impresso com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Os pais de Maria da Conceição, liquidando o nada que tinham, abalaram para o Brazil, fugidos á miseria do seu lar, tranquilos a respeito da filha, que ficava bem, entregue aos cuidados da avó.

D. Sulpicia não era rica, mas o que tinha chega-

va-lhe bem para a vida modesta que fazia, e ainda lhe sobejava alguma coisa, que destinava ao dote da neta, se ela viesse a casar em seus dias. Educou-a para ser uma bôa dona de casa pobre, muito geitosa para tudo, religiosa sem fanatismo, como a avó, muito apurada no vestuário, sem impostura.

Apanhada pela pneumonica, D. Sulpicia, ao cabo de cinco dias de doença, confortada com os Sacramentos, deu a alma ao Creador.

Abriu-se o testamento, e viu-se que á neta deixava quanto, por lei, podia deixar-lhe, tendo-lhe entregado, dois dias antes de morrer, todo o dinheirito que tinha.

Assim que aliviou o luto, a Maria da Conceição passou a viver mais na rua que em casa, sempre muito devota, nunca faltando á missa dos domingos, jejuando nos dias de preceito; em cada dia, e nas horas, por assim dizer, canonicas, resando as devoções recomendadas. Continuava, como no tempo da avósinha, a não haver flores murchas no altar, e as capelas da sua madrinha, como n'outro tempo, era ela que as entretencia, escolhendo as mais lindas e viçosas.

Mas...

Um dia o Inimigo poz no seu caminho, formoso como um Adonis, esbelto como um Apollo, robusto como um Hercules, um moço que lhe fez a côrte, e lhe ofereceu a mão de esposo, hypnotisando-a como um feiticeiro, um magico de contos indianos.

Entregou-se-lhe sem reserva, e quando lhe exigiu o cumprimento das suas promessas, que era apenas



o pagamento d'uma divida d'honra, o belo Adonis desapareceu, indo talvez como na mytologia, para junto de Proserpina, nas profundas do Inferno.

O primeiro passo é que custa, e a neta de D. Sulpicia, afilhada de Nossa Senhora, converteu-se n'uma especie de Magdalena antes do arrependimento, menos feliz que a pecadora da Magdalum junto ao lago de Genesareth, porque não encontrou um Redemptor a quem ungissem e perfumassem, enxugando-lhe os pés com a toalha dos seus cabelos.

A sua desenvoltura levou a desordem e a desgraça a muitos lares, parecendo ter uma predileção doentia pelos homens casados, como se fosse preciso que alguém sofresse para que ella gosasse.

Um dia, a viajar em automovel, o carro estampou-se n'uma parede, e ella recolheu a sua casa, quasi feita em bocados, declarando o medico que primeiro a viu que só por milagre viveria uma semana.

Exigiu que lhe metessem na cama, deitada do lado do coração, a sua madrinha, que cobriu de beijos e lavou de lagrimas, e tendo recebido os ultimos sacramentos, em confissão perfeita, sem um gemido, sem um estremeção, sem um queixume, serena como um justo, resignada como um martyr, poz-se a caminho da viagem de que se não torna.

Bateu á porta do céu, e foi S. Pedro, o divino porteiro que lhe appareceu, com um barretinho de lã na cabeça, e um molho de chaves na mão.

— O que deseja ?

— Desejo entrar, sr. S. Pedro, e grande esmola me faria se mandasse dizer á minha avó, a D. Sulpícia — hade conhecer? . . . — que está aqui a neta, para ela me vir buscar.

— Pois não! . . . Tudo quanto quizer — é só pedir por bôca. As belas obras que fez na Terra garantem lhe um lugar no céu.

— Fui uma grande pecadora, sr. S. Pedro; mas Nossa Senhora, minha madrinha de baptismo, sabe que fui sempre ferverosa no seu culto, e que nas horas mais libertinas da minha vida, a tive sempre no coração, ahí guardada como n'um relicario.

— Sim, senhora; honrava bem a sua madrinha. O desregramento da sua vida deve tel-a enchido de amargura, porque ele significava a mais lamentavel falta de respeito, o mais criminoso desprezo pelas suas virtudes e benemerencias. Tarde se lembrou da sua madrinha, depois de gravemente a ter ofendido.

— Mas nunca a reneguei, sr. S. Pedro.

— Isso é piada? — retrucou o divino porteiro, recordando a scena da prisão do Mestre, n'aquela noite tragica do Monte das Oliveiras.

Fechou a porta, deixando-a de fóra, e foi atender um freguez que chegava, em trajos de jesuita.

Maria da Conceição, vendo-se tratada assim, julgou-se irremediavelmente perdida. Poz-se a gritar, n'um choro convulsivo, pela avó e pela madrinha, na vaga esperança de que lhe acudissem, americiando-se da sua triste sorte, uma pelo seu infinito amor, a outra pela sua misericordia infinita.

Era como se clamasse no deserto — nem os ecos lhe respondiam.

Subitamente, erguendo os olhos ao alto, vê Nossa Senhora debruçada n'uma janela, envolta n'uma aureola de luz mais pura que a do sol, o rosto angelico velado d'uma suave tristeza, que era ao mesmo tempo simpatia e piedade.

Redobram os seus gritos lamentosos, as suas implorações cruciantes, a dolorosa confissão das suas faltas, a sincera e dolorida afirmação do seu arrependimento.

Condoeu-se a Virgem de tanta miseria confessada, honestamente confessada, e arrancando ao arco 'iris uma fita tricolor, atirou-a, segurando-a por uma das pontas, á pobre Maria da Conceição, que a ela se agarrou, e por ela subiu, como se fôra uma escada de sêda.

Estava salva !

No dia seguinte, á hora em que S. Pedro faz a entrega dos Justos que se lhe apresentaram de vespera, e ele achou em condições de serem admitidos no céu, Jesus, como um oficial da guarda, appareceu á frente d'um piquete de archanjos, para a definitiva admissão.

Vendo a Conceição, timidamente encolhida a um canto, afastada do grupo como uma pessoa estranha, perguntou a S. Pedro :

— Como é que está aqui aquella rapariga ?

S. Pedro que se apercebera da manobra da escada, olhando de soslaio a Virgem, que se achava presente, respondeu :

— Olhe, faça favor de perguntar á Senhora Sua Mãe, que ela é que sabe.

Sem desfazer o que estava feito, filho amantissimo e obediente, Jesus Christo recomendou a S. Pedro que fosse rigoroso no desempenho das suas funções, que não se reduziam a abrir e fechar a porta, cumprindo-lhe exercer vigilancia sobre a parte de Jerusalem Celestial que fica nas imediações do portão.

N'isto aparece o jesuita da vespera, que S. Pedro mandara para o Inferno, e que Santo Ignacio, com a cumplicidade dum Anjo, em serviço de sentinela, fizera entrar para a celestial mansão.

Não se conteve Jesus, que não dissesse ao divino porteiro, mal disfarçando a sua justa colera :

— Não, amigo S. Pedro ; isto assim não vai bem.

— Pois não vai, Divino Mestre. O melhor é escolherem outro para o meu logar, que eu não posso mais . . .

Atirando para cima da sua velha mesa de despacho o mólho de chaves que tinha na mão, resmungando para que o não ouvissem, desabafou :

— Assim nem o diabo pode ser porteiro no céu.

E ali mesmo fez um requerimento, pedindo contagem do tempo para a reforma.

---

## INDICE

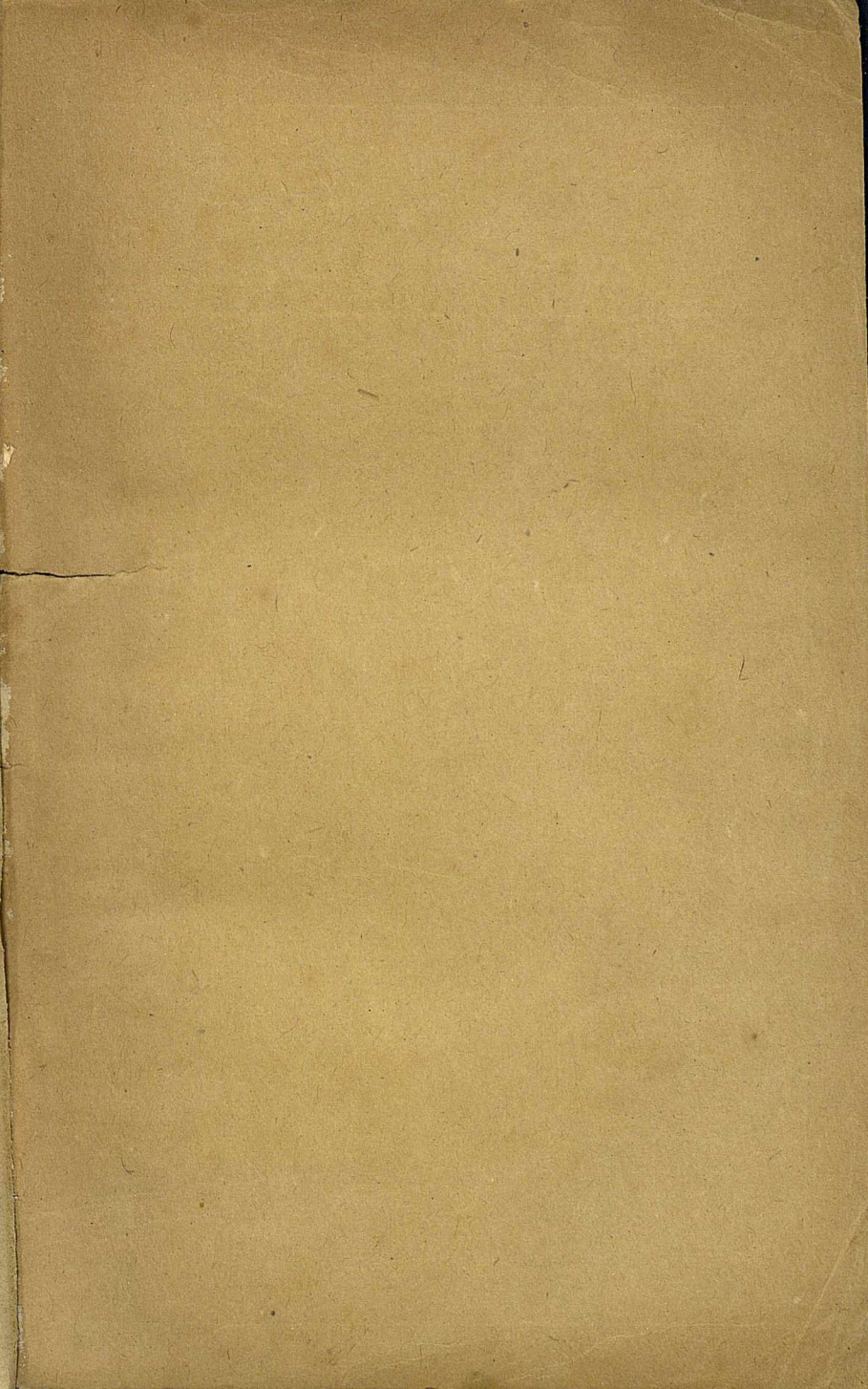
---

	Pag
Arðil revolucionario .....	5
Um milagre.....	13
Casamento e mortalha .....	17
Valor de posiçãõ.....	25
As apparencias enganam .....	33
Amores tragicos .. ..	39
Nem tudo o que luz.....	43
Almas bemfazejas.....	47
Sangue azul .....	53
Paixãõ fatal.....	57
As dictaduras.....	61
Amor divino.....	67
O ultimo a saber .....	71
Hora legal.....	75
Ser ou parecer.....	77
Os jacobinos .....	81
Exposiçãõ de rosas .....	83
Reconciliados !.....	87
A penitencia .....	91
Preparemo-nos... e vãõ.....	93
Deontologia medica .....	99
Tudo mobilisado .....	107
Quem escuta.....	109
Um emprego .....	115
A Sulamita .....	117

---

As competências .....	121
A caravela.....	123
O amor das mães .....	127
Quem porfia .. . . . .	129
Presente real .....	133
Trabalho adiantado.....	135
Os desiludidos.....	141
O dinheiro é tão bonito .....	143
Da chita á seda.....	149
Guardado está o bocão.....	151
Vinho... jornalístico .....	155
Os adhesivos .....	157
Fé e esperança.....	159
O prato de lentilhas .....	165
Amigos, amigos... ..	167
Amor de velhos.....	171
Glorias efemerias .....	173
Um nigromante .....	177
Traças femininas .....	183
Bater nos dedos não vale ! .....	187
Hontem e hoje.....	191
Chassez le naturel .....	193
O voto livre .....	197
Dormindo estava sonhando .....	203
Insignias .....	207
A senha .....	211
As peles .....	217
Alegoria .....	223
Quem me avisa.....	227
Quem tem padrinho.....	231

---



LIVRARIA EDITORA

GUIMARÃES & C.<sup>A</sup>

68, Rua do Mundo, 70 — LISBOA

CANCIONEIRO GERAL, de Garcia de Resende. 5 vols. de 400 pags	100\$00
ROMANCEIRO, de Garrett. 3 vols.	20\$00
O DESERTO, de Manuel Ribeiro. Edição de luxo, ilustrada, numerada e assinada pelo auctor	50\$00
A CATEDRAL, de Manuel Ribeiro. Edição de luxo, ilustrada, numerada e assinada pelo auctor	50\$00
CRONICA DA ORDEM DOS FRADES MENORES (1209-1285) 2 vol. in 8.º grande	50\$00
CRONICA DA TOMADA DE CEUTA por El-Rei D. João I. de Zurara. 1 vol.	40\$00
D. PEDRO I E A SUA EPOCA, por J. E. de Moraes Sarmiento. 1 vol.	25\$00
D. FRANCISCO MANUEL DE MELO. Esboço biografico, por E. Prestage. 1 vol.	50\$00
CARTAS DE D. FRANCISCO MANUEL DE MELO, 1 vol.	15\$00
ETERNO FEMININO, por Fernandes Costa. 1 vol. ed. de luxo	30\$00
DESCENDENCIA DE S. M. EL-REI D. JOÃO VI, por Frederico Perry Vidal. 1 vol. illustrado com 240 retratos, edição de luxo	80\$00
HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA, por S. Rocha Pita. 1 vol, illustrado	15\$00
DOCUMENTOS ARÁBICOS, para a historia portugueza, vertidos em português, por Frei João de Sousa. 1 vol., edição de 1796 (raro)	30\$00
VESTIGIOS DA LINGUA ARABICA EM PORTUGAL. por Frei João de Sousa. 1 vol. (raro)	30\$00
VIDA E OBRAS DE LUIZ DE CAMÕES, por W. Stork, vertido do original alemão e anotado por Carolina Michaelis de Vasconcelos. 1 grosso vol. (raro)	200\$00
MEDALHAS PORTUGUEZAS E ESTRANGEIRAS, referentes a Portugal, por A. Lamas. 1 grosso volume de 570 paginas e 407 de gravuras	30\$00
SUA MAGESTADE EL-REI D. CARLOS I e a sua obra artistica e scientifica. 1 vol in 4.º illustrado	15\$00
EL-REI D. MIGUEL, por Faustino Fonseca. 1 vol. illustrado.	12\$00
O MEDICO Á FORÇA, de Moliere, trad. de Castilho. 1 vol.	7\$50
MEMORIAS DE JUDAS, romance dos tempos de Christo, por P. Dela Gatina. 2 vols.	20\$00
PARNASO português moderno, de Theofilo Braga, 1 vol.	10\$00
BATISMO DAS NAUS, poemeto, » » » 1 vol.	5\$00
CINTRA PINTURESCA. Memoria de Cintra, Colares e seus arredores, 1 vol., in 4.º profusamente illustrado	30\$00